

I seminário nacional
formação pedagógica
pensamento & nômade:
experimentações curriculares

09 e 10 de abril de 2015

ISBN 978-85-8167-113-0

www.univates.br/seminarionomade

Angélica Vier Munhoz
Cláudia Inês Horn
Cristiano Bedin da Costa
Fabiane Olegário
Mariane Inês Ohlweiler
Morgana Domênica Hattge
(Orgs.)

Anais de resumos do I Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade: experimentações curriculares

1ª edição

 EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2015



Centro Universitário UNIVATES

Reitor: Prof. Me. Ney José Lazzari

Vice-Reitor e Presidente da Fuvates: Prof. Me. Carlos Candido da Silva Cyrne

Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação: Profa. Dra. Maria Madelena Dullius

Pró-Reitora de Ensino: Profa. Ma. Luciana Carvalho Fernandes

Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional: Profa. Dra. Júlia Elisabete Barden

Pró-Reitor Administrativo: Prof. Me. Oto Roberto Moerschbaecher



Editora Univates

Coordenação e Revisão Final: Ivete Maria Hammes

Editores: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

Arte: Carina Prina Carlan da Costa

Conselho Editorial da Editora Univates

Titulares

Adriane Pozzobon

Augusto Alves

Fernanda Cristina Wiebusch Sindelar

João Miguel Back

Suplentes

Fernanda Scherer Adami

Ieda Maria Giongo

Ari Künzel

Beatris Francisca Chemin

Avelino Tallini, 171 - Bairro Universitário - Lajeado - RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 / Fone/Fax: (51) 3714-7000

editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

S471 Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade (1. :
2015 : Lajeado, RS)

Anais do I Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade: experimentações curriculares, 9 e 10 de abril de 2015, Lajeado, RS / Angélica Vier Munhoz (Coord.), [et al.] - Lajeado: Ed. da Univates, 2015.

149 p.

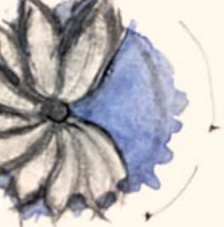
ISBN 978-85-8167-113-0

1. Educação 2. Pedagogia 3. Anais I. Título

CDU: 37.013

Catálogo na publicação – Biblioteca da Univates

As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade dos autores.



COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

DRA. ANGÉLICA VIER MUNHOZ (COORDENADORA)

MA. CLÁUDIA INÊS HORN

DR. CRISTIANO BEDIN DA COSTA

MA. FABIANE OLEGÁRIO

DRA. MARIANE INÊS OHLWEILER

DRA. MORGANA DOMÊNICA HATTGE

ANA PAULA CRIZEL

COMITÊ CIENTÍFICO

DRA. ANGÉLICA VIER MUNHOZ (UNIVATES)

MA. CLÁUDIA INÊS HORN (UNIVATES)

DR. CRISTIANO BEDIN DA COSTA (UNIVATES)

DRA. ELI TERESINHA HENN FABRIS (UNISINOS)

DRA. ELIANA PEREIRA DE MENEZES (UFSM)

DRA. ÉSTER MARIA DREHER HEUSER (UNIOESTE)

MA. FABIANE OLEGÁRIO (UNIVATES)

DRA. FERNANDA SPANIER AMADOR (UFRGS)

DRA. GILCILENE DIAS DA COSTA (UFPA)

DRA. IEDA MARIA GIONGO (UNIVATES)

DRA. KAMILA LOCKMANN (FURG)

DR. LUCIANO BEDIN DA COSTA (UFRGS)

DRA. MARIA CLÁUDIA DAL'IGNA (UNISINOS)

DRA. MARIA ISABEL LOPES (UNIVATES)

DRA. MARIANE INÊS OHLWEILER (UNIVATES)

DRA. MAURA CORCINI LOPES (UNISINOS)

DR. MARCOS DA ROCHA OLIVEIRA (PESQUISADOR DO TEXTO)

DR. MÁXIMO DANIEL LAMELA ADÓ (UFRGS/PDJ-CNPQ)

DRA. MORGANA DOMÊNICA HATTGE (UNIVATES)

DRA. PATRÍCIA CARDINALE DALAROSA (UFRGS/SMED)

DRA. REJANE RAMOS KLEIN (UNISINOS)

DRA. ROSIMERI DE OLIVEIRA DIAS (UERJ)

DRA. SANDRA REGINA SIMONIS RICHTER (UNISC)

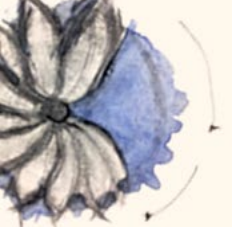
DRA. SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD (UFPI)

DRA. SUZANA FELDENS SCHWERTNER (UNIVATES)

MA. TÂNIA MICHELINE MIORANDO (UNIVATES)

DRA. VÂNDINER RIBEIRO (UFVJM)

DRA. VIVIANE KLAUS (UNISINOS)



APRESENTAÇÃO

Organizado pelo Projeto de Extensão Formação Pedagógica e Pensamento Nômade, vinculado ao curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, Rio Grande do Sul, o I Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade: experimentações curriculares teve como objetivo problematizar a formação pedagógica estratificada e ancorada em pressupostos meramente normativos, criando condições para uma formação docente estético-artística e cultural.

Os resumos aqui reunidos dão vistas a trabalhos apresentados durante o seminário, divididos nos seguintes grupos de trabalho:

Pesquisa e Educação

Estudos da Infância

Diferença e Inclusão

Educação, Saberes e Poderes

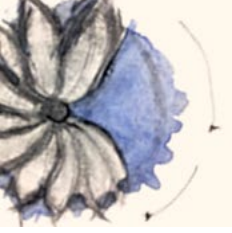
Currículo, Espaço e Tempo

Corpo, Pensamento e Arte

Escrituras em Educação

Boa leitura!

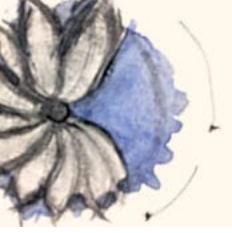
Comissão Organizadora



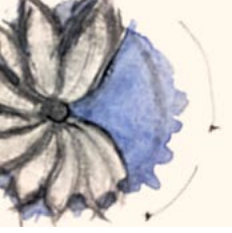
SUMÁRIO

Pesquisa e Educação

- A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE..... 17**
Lucy Aparecida Gutiérrez de Alcântara, Marli Teresinha Quartieri, Rogério José Schuck
- A ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA COMO AUXÍLIO NO ENSINO DA MORFOLOGIA FOLIAR 18**
Jéssica Izabel Siebel, Fernanda Picoli Zardo, Daniele Uarte Matos
- ANÁLISE DO ENSINO DAS CIÊNCIAS DA TERRA EM REDES DE ENSINO DO VALE DO TAQUARI 19**
Rosane Pereira da Silva, Joseline Manfroi, André Jasper
- A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: DIMENSÕES ÉTICAS DO FAZER PEDAGÓGICO 20**
Derli Juliano Neuenfeldt, Priscila Rigoni, Orientadora: Jacqueline Silva da Silva
- CARTOGRAFIA E ETNOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO 21**
Fabiane Olegário, Claudia Inês Horn
- CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID NA FORMAÇÃO DOS BOLSISTAS: A RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA..... 22**
Camila Gräbin, Orientadora: Morgana Domênica Hattge
- DO(C)ENTES (?) E A SÍNDROME DE BURNOUT: ALTAS JORNADAS DE TRABALHO, (DES) MOTIVAÇÃO E PAIXÃO SE MISTURAM NA VIDA DESSES PROFISSIONAIS 23**
Andiely Dreyer, Évili Regina Osterkamp, Orientadora: Suzana Feldens Schwertner
- DOCÊNCIA E ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA..... 26**
Cláudia Schvingel, Orientadoras: Ieda Maria Giongo, Angélica Vier Munhoz
- ECOSSISTEMA EXPERIMENTAL EM GARRAFA PET COMO AUXÍLIO NA PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES ECOLÓGICAS 27**
Gilvana Marta dos Santos de Mello, Fernanda Picoli Zardo, Daniele Uarte de Matos
- EDUCAÇÃO DO OLHAR: POTENCIALIDADES DA FOTOGRAFIA COM CRIANÇAS .28**
Deise Cristina Giovanaz, Orientadora: Suzana Feldens Schwertner
- EM BUSCA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PROJETOS DE TRABALHO 30**
Daniela Maria Weber



ENCONTROS COM A ARTESCRITA: COMPOSIÇÕES COM ALUNAS DE CURSO NORMAL	31
Neila Görgen	
ENCONTROS ENTRE ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO	32
Deborah Vier Fischer	
ENSINO DE CIÊNCIAS A PARTIR DAS DIFICULDADES DOS ALUNOS	33
Geovana Luiza Kliemann	
JÚRI SIMULADO COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL	34
Aline Diesel, Daniela Diesel, Orientadora: Silvana Neumann Martins	
LIMITES NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: O QUE DIZEM OS LIVROS DE AUTOAJUDA AOS PAIS?	35
Marla Tatiane Specht, Orientadora: Suzana Feldens Schwertner	
MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: POSTURA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NO PROCESSO DO APRENDER.....	36
Daiane Scherer da Silva, Orientadora: Suzana Feldens Schwertner	
MENINOS QUE BRINCAM COM BONECAS VIRAM MENINAS? DIFERENÇAS DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS.....	37
Rafaela Junges	
MESTRADO EM ENSINO DA UNIVATES: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM.....	38
Inauã Weirich Ribeiro, Maria Isabel Lopes, Rogério José Schuck	
MODELAGEM MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO COM CRIANÇAS DA FAIXA ETÁRIA DE 4 A 5 ANOS	39
Patrícia Fernanda da Silva, Orientador: Claus Haetinger	
O EMPREENDEDORISMO DA PROFESSORA E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO A PARTIR DO PROTAGONISMO INFANTIL.....	40
Mariângela Costa Schneider, Jacqueline Silva da Silva, Orientadora: Silvana Neumann Martins	
O PROGRAMA ESCOLA ABERTA COMO UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO DE CASO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE	41
Deivid de Souza Soares	



PENSAR EXISTIR JUNTO A PRODUÇÃO MATEMÁTICA: TENSÃO E ATENÇÃO NA PROCESSUALIDADE DA FORMAÇÃO DOCENTE.....42

Margareth A. Sacramento Rotondo, Fernanda de Azevedo Oliveira

PIBID UNIVATES: FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E ESPÍRITO EMPREENDEDOR44

Janaína da Costa, Silvana Neumann Martins, Orientadora: Jacqueline Silva da Silva

PIBID/UNIVATES: O DIFERENCIAL NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES..45

Sabrina Fabiola Hüther, Orientadoras: Silvana Neumann Martins e Jacqueline Silva da Silva

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS EXATAS NA PRÁTICA DOCENTE SOB O OLHAR DO EGRESSO.....46

Thais Rodriguez Trindade, Miriam Ines Marchi, Andreia Aparecida Guimarães Strohschoen

PRINCÍPIOS CRIATIVOS CONCEBIDOS A PARTIR DAS NOÇÕES DE PRÉ-COISAS E DA ATIVIDADE DE TRANSVER DE MANOEL DE BARROS47

Carina Prina Carlan da Costa, Cristiano Bedin da Costa

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E A GESTÃO ESCOLAR.....48

Emanuelli Luisa Johann, Daiani Clesnei da Rosa, Orientadora: Silvana Neumann Martins

PROPOSTA POÉTICA-POLÍTICA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS49

Jane Mazzarino

QUAIS AS FUNÇÕES DA ESCOLA HOJE? A VOZ E O OLHAR DE ESTUDANTES CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO.....50

Suzana Feldens Schwertner, Eluize Santin de Oliveira, Ieda Maria Giongo

Estudos da Infância

“ÀS VEZES EU ACHO QUE É... OUTRAS VEZES ACHO QUE NÃO É”: PRÁTICAS DISCURSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL VOLTADAS À INCLUSÃO52

Estela Reichert, Rosemary Kennedy, Renata Porcher Scherer, Orientadora: Maria Cláudia Dal'Igna

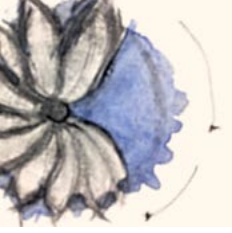
A PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO CURRÍCULO DAS INFÂNCIAS53

Loide Pereira Trois, Queila Vasconcelos, Maria Carmen Silveira Barbosa

A POESIA DE MANOEL DE BARROS: COMPOSIÇÕES INFANTIS.....54

Letícia Scherner, Orientadora: Fabiane Olegário

AS APROPRIAÇÕES INFANTIS DO BELO E DO FEIO NAS MEDIAÇÕES CULTURAIS55



Luciane Abreu

AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO QUE FAVORECEM O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL56

Mariângela Costa Schneider, Jacqueline Silva da Silva, Orientador: Rogério José Schuck

BRINQUEDOTECA: UMA PARCERIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS E JOVENS EM POSIÇÃO DE NÃO APRENDIZAGEM57

Débora Postai, Miriã Zimmermann da Silva

CRIANÇAS CONTEMPORÂNEAS: DISCURSOS PRODUZIDOS PELOS ACADÊMICOS DA PEDAGOGIA58

Patrícia de Oliveira Maciel, Kamila Lockmann

GÊNEROS TEXTUAIS: A ARTE DE ESCREVER.....59

Janete Teresinha Caon Ferrari, Joice Bergonsi Calvi, Fabiane Olegário

INFÂNCIA E EDUCAÇÃO: PROVOCAÇÕES A PARTIR DO CINEMA60

Cláudia Inês Horn

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO61

Luciane Abreu

O QUE PODE O BRINCAR? RELAÇÕES E APROXIMAÇÕES ENTRE INFÂNCIA E ESCOLA62

Mariana Horn Gomes, Silvane Fensterseifer Isse

O USO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL NA ESCOLA DA INFÂNCIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES63

Eleonora das Neves Simões, Maria Carmen Silveira Barbosa

RECREIO ESCOLAR: MOMENTO DE BRINCAR E APRENDER64

Daiane Mezaroba, Fabíola Regina Eckert, Orientadora: Fabiane Olegário

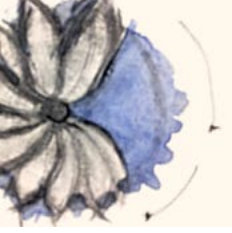
Diferença e Inclusão

A MEDICALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR E DOS PROFESSORES QUE ATUAM NESSE NÍVEL66

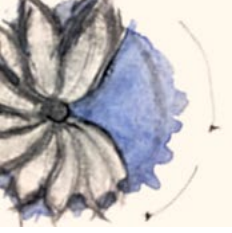
Carine Eloísa Lerner, Daiani Clesnei da Rosa

A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA ATRAVÉS DA MUSICALIZAÇÃO69

Clauton Fonseca Sampaio, Orientadora: Morgana Dormênica Hattge



ARQUITETURA DO AFETO: UM OLHAR SOBRE SI.....	70
Gabriel de Negreiros Ketzer	
ESCOLA INCLUSIVA E OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NA “IDADE CERTA”... 71	
Rejane Ramos Klein	
FOLCLORE: TEMA CULTURAL, INCLUSÃO E JOVENS EM POSIÇÃO DE (NÃO) APRENDIZAGEM.....	72
Arielle Schumacher Dias, Jéssica Schossler, Orientadoras: Andressa Andrioli da Rocha, Miriã Zimmermann da Silva	
INCLUSÃO ESCOLAR: ESTRATÉGIA DE GOVERNAMENTO DOS SUJEITOS ESCOLARES.....	73
Camila Bottero Corrêa, Orientadora: Kamila Lockmann	
OS DISCURSOS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E A SUBJETIVAÇÃO DOCENTE ..	74
Letícia Farias Caetano, Kamila Lockmann	
TILS: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO, POSSIBILIDADES E DESAFIOS DE SUA ATUAÇÃO NA ESCOLA E SOCIEDADE.....	75
Letícia Dell’ Osbel	
Educação, Saberes e Poderes	
A ARTICULAÇÃO DA AVALIAÇÃO E DO CURRÍCULO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	77
Ana Paula Coutinho, Henriqueta Althaus, Suzana Feldens Schwertner, Orientadora: Maria Isabel Lopes	
A ESCOLA DOS SONHOS: ASPIRAÇÕES E PERCEPÇÕES DE PROFESSORES	78
Tatiane Reginatto, Tânia Micheline Miorando	
A INTER/TRANSDISCIPLINARIDADE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PROGRAMA “PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA”.....	79
Simone Teresinha da Rosa Maggioni	
DA TÉCNICA À LIBERDADE CONSCIENTE: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA REFLEXIVA NO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE.....	80
Gabriel de Negreiros Ketzer	
EDUCAÇÃO PARA TODOS EM QUESTÃO.....	81
Cláudio Pereira da Silva, Orientadora: Morgana Domênica Hattge	
ENSINO MÉDIO GAÚCHO: CURRÍCULO EMANCIPADOR OU SUBMISSÃO ÀS DEMANDAS DO MERCADO?	82
Leandro Sieben	



EXERCÍCIOS DO PENSAR EM GRUPO A QUESTÃO: O QUE PODE A EDUCAÇÃO? 83

Fabiane Olegário

GESTÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO 84

Denise Goldmeier Mattes, Orientadora: Maria Elisabete Bersch

O GESTOR ESCOLAR EMPREENDEDOR 85

Tatiane Reginatto, Silvana Neumann Martins

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC): A LUDICIDADE COMO EIXO CENTRAL NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO 86

Maria Helena Herrmann, Márcio Marquette Caye

PRÁTICAS DE UM ESTÁGIO: OUTRAS POSSIBILIDADES 87

Cláudia Schvingel, Eniz Conceição de Oliveira, Marli Teresinha Quartieri

PROVA BRASIL: UMA ESTRATÉGIA DE GOVERNAMENTO DOS SUJEITOS ESCOLARES..... 88

Leila Berwanger, Orientadora: Fabiane Olegário

VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS 89

Simone Kátia Naivert Müller, Marizabete Ozelame, Orientadora: Mariane Inês Ohlweiler

Currículo, Espaço e Tempo

APRENDIZAGEM E FUNDAÇÃO DE ARTE: PROVOCAÇÕES PERTINENTES..... 91

Aline Rodrigues, Francine Nara de Freitas, Mariane Inês Ohlweiler

BRINQUEDO DE MIRITI: TRADIÇÃO, CURRÍCULO CULTURAL E RELAÇÕES DE GÊNERO 92

Joyce Ribeiro, Lidia Sarges, Delisa Pinheiro

CONHECER, CONECTAR-SE, PRODUZIR: DIFERENTES VÍNCULOS ENTRE A DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS E A ARTE..... 94

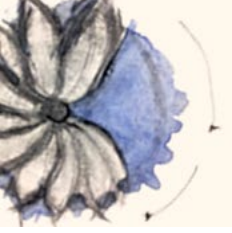
Carmen Lúcia Capra

CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS 96

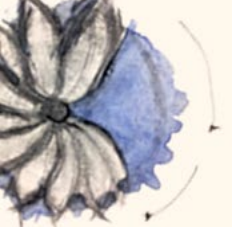
Francine Nara de Freitas, Orientadora: Angélica Vier Munhoz

CURRÍCULO, CONTEÚDO E EXPERIMENTAÇÃO: O ESTUDO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NAS AULAS DE HISTÓRIA..... 97

Márcia Solange Volkmer



DOCÊNCIA, DOCENTES E PERCURSOS FORMATIVOS EM TEMPOS DE EMPRESARIAMENTO DA EDUCAÇÃO.....	98
Daniela Pederiva Pensin, Juliana Fatima Serraglio Pasini	
DOS PROCESSOS E EFEITOS DA ESCOLARIZAÇÃO EM UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR.....	99
Ana Paula Crizel, Morgana Domênica Hattge	
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CURRÍCULO, DIDÁTICA E PENSAMENTO	100
Angela Maria Borba Cardoso, Patrícia Cardinale Dalarosa, Orientadora: Sandra Mara Corazza	
<i>EL BOSQUE DE LA ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL: (DES) CONSTRUÇÃO DE SABERES A PARTIR DA EXPLORAÇÃO DE ELEMENTOS DA NATUREZA</i>	101
Patrícia da Costa, Orientadora: Morgana Domênica Hattge	
ESCOANDO IMAGENS	102
Elisandro Rodrigues, Orientadora: Helga Corrêa	
<i>ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL: UM OLHAR PARA OS FENÔMENOS DA RESISTÊNCIA E A DISCIPLINA NA PROPOSTA DA ESCOLA.....</i>	103
José Alberto Romaña Díaz	
ETNOMATEMÁTICA COMO POSSIBILIDADE DE EVIDENCIAR SABERES MARGINALIZADOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	104
Carine Rozane Seteffens, Mateus Lorenzon, Orientadora: Angélica Vier Munhoz	
EXPERIMENTAÇÃO E VARIAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CRIANDO COM O MOVIMENTAR DE UM CURRÍCULO	105
Wagner Ferraz	
EXPERIMENTAÇÕES E MOVIMENTOS CURRICULARES EM UMA ESCOLA COLOMBIANA	106
Angelica Vier Munhoz, José Alberto Romana Diaz, Adriana Pretto	
MANOEL DE BARROS E OS EXERCÍCIOS POIÉTICOS DE UMA DIDÁTICA DE INVENÇÃO: O TRANSVER, O REPETIR E O COMPARAMENTAR	107
Bibiana Munhoz Roos, Cristiano Bedin da Costa, Maria da Glória Munhoz Roos	
PARTICIPAÇÃO: DO QUE ESTAMOS FALANDO?	108
Emanuelli Luisa Johann	



**POP FILOSOFIA E FILOSOFIA POP PÕEM A EDUCAÇÃO A PENSAR:
CURRÍCULO, DISCIPLINA E POLÍTICA.....109**

Tarcísio Moreira Mendes, Orientadora: Sônia Maria Clareto

**REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS ACERCA DE UM CURRÍCULO
DIFERENCIADO110**

Priscila Maggioni, Orientadora: Morgana Domênica Hattge

**UMA AVENTURA NECESSÁRIA: MIGRANDO DOS CAMPOS ÁRIDOS DO
CONTEUDISMO PARA A ZONA LITORÂNEA BARRASCOSA DO PENSAMENTO ..111**

Guy Barros Barcellos, Mateus Lorenzon

Corpo, Pensamento e Arte

#IMAGEM113

Bruna Tostes de Oliveira

**“INVESTIGARTE”: A ARTE NA ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL
MOVIMENTANDO EXPERIÊNCIAS E ENCONTROS114**

Patrícia da Costa, Bruna Elisa Wermann, Orientadora: Morgana Domênica Hattge

**“NÃO É MESMO DO CINEMA A FUNÇÃO DE APAZIGUAR”: DUAS
NARRATIVAS SOBRE CINEMA, PENSAMENTO E EDUCAÇÃO115**

Sandra Espinosa Almansa

**A ARTE COMO POSSIBILIDADE PARA JOVENS EM POSIÇÃO DE NÃO
APRENDIZAGEM.....116**

Josiele Luz de Souza, Simone Poletto, Orientadoras: Andressa Andrioli da Rocha, Miriã Zimmermann da Silva

**ALEGRIA TRÁGICA, AFETO E PAIXÃO NO CORAÇÃO DA ÉTICA: UM
NIETZSCHE SPINOZISTA.....118**

Deniz Alcione Nicolay

ARRANJOS CLÍNICOS COM MANOEL DE BARROS.....119

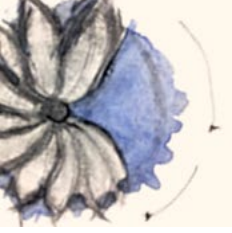
Mariana Brandão, Orientador: Cristiano Bedin da Costa

**ARTISTAS EM DISPONIBILIDADE – 7ª BIENAL DO MERCOSUL: NARRATIVAS,
DESLOCAMENTOS E REGISTROS DA PAISAGEM.....120**

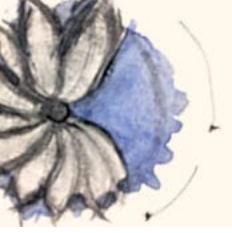
Betina S. Guedes

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A COGNIÇÃO121

Alissara Zanotelli, Orientadora: Angélica Vier Munhoz



DOCÊNCIA, UMA COMPOSIÇÃO DE ENCONTROS. UMA FORÇA MAIOR DE ALEGRIA!	122
Maria da Glória Munhoz Roos	
ENTRE RETALHOS E ALINHAVOS: (DES) COSTURANDO UMA PROFESSORA DE ARTES	123
Raphaella Malta Mattos, Orientadora: Sônia Maria Clareto	
FOTOGRAFIA	124
Fabrício da Silva Teixeira Carvalho, Orientadora: Sônia Clareto	
IMPASSES NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE ARTE-EDUCAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR	126
Vera Lúcia Mallmann, Orientador: Bruno da Silva Teixeira	
MAPEANDO POTÊNCIAS DO CORPO SURDO	127
Aline Rodrigues, Orientadora: Angélica Vier Munhoz	
MOVIMENTO DOS CORPOS-PENSAR SOB HEGEMONIA DOS SIGNOS	128
Marcos Vinícius Leite	
O CORPO COMO “LUGAR” PARA UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ..	129
Derli Juliano Neuenfeldt, Jane Márcia Mazzarino	
O CORPO INFANTIL NO AMBIENTE HOSPITALAR	131
Deise Micheli Meith, Silvane Fensterseifer Isse	
O CORPO-WEST: ESPASMÓDICO, DETERIORADO, HIPSARRÍTMICO	133
Morgana Mattiello	
O ENTRE: UMA APRENDIZAGEM INVENTIVA EM COMPOSIÇÃO COM UM JOGO DE BASQUETEBOL	134
Bibiana Munhoz Roos, Henriqueta Althaus	
O TEATRO COMO PROCESSO COLABORATIVO DE CRIAÇÃO	135
Cristiane Schneider, Orientadores: Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa	
PEDAGOGIA E ARTE CONTEMPORÂNEA: MOVIMENTOS POR ENTRE FORMA E FORÇA	136
Ana Paula Crizel	



**PEDAGOGÍAS A TRAVÉS DEL CUERPO: EL TEATRO Y LA VIOLENCIA, UN
DIALOGO CON EL PRESENTE137**

Ana María Noguera Duran, Oscar Yecid Bello Bello

PERMITIR-SE EXPERIMENTAR É O INGRESSO138

Letícia Maria dos Reis, Vera Lúcia Mallmann, Marizabete Ozelame

POR UMA EDUCAÇÃO DO DESENHAR COM A FILOSOFIA DA DIFERENÇA140

Anderson Luiz de Souza

Escrituras em Educação

**A VIVÊNCIA EXTREMISTA DAS EMOÇÕES DIANTE DA SOLIDÃO
INTRÍNSECA, NA OBRA DE JOÃO GILBERTO NOLL.....142**

Emerson Garcia de Souza, Orientadora: Ana Maria Lisboa de Mello

**ENCONTRO ENTRE DELEUZE E PROUST: A ESCRITA COMO MÁQUINA NA
PRODUÇÃO DE UMA EXISTÊNCIA ARTISTA.....143**

Adriana Muniz Dias, Orientadora: Ester Maria Dreher Heuser

O EDUCADOR NO EXERCÍCIO DE UMA AUTOPOIESE PEDAGÓGICA144

Máximo Daniel Lamela Adó

PROCEDIMENTOS BIOGRAFEMÁTICOS: SOBRE FATOS E FOTOS.....145

Karen Elisabete da Rosa Nodari, Simone Vacaro Fogazzi

**SOBRE AS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR EM
EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: UM DESEJO DE APRENDER.....146**

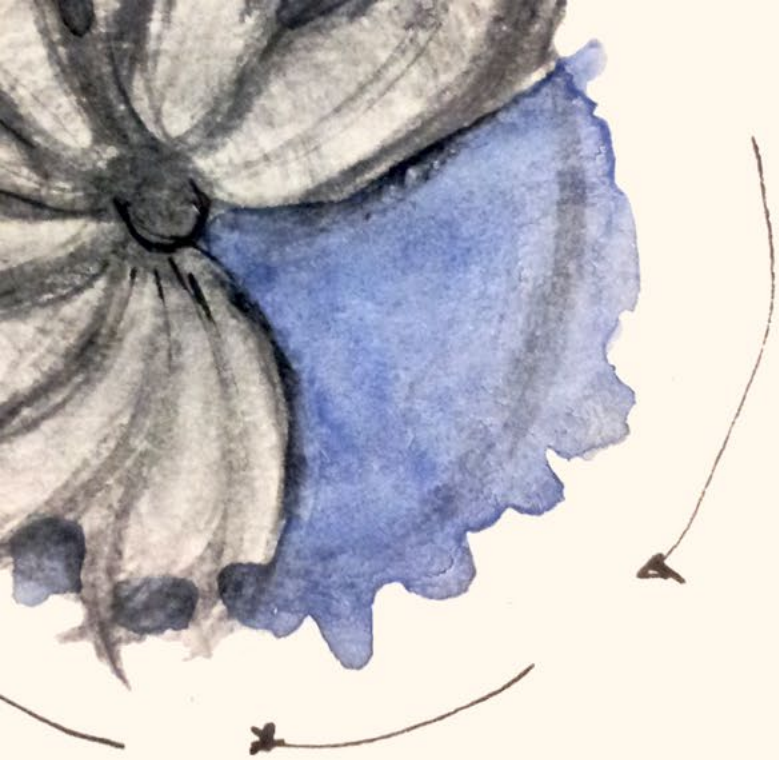
Alexandra Domingues, Róger Albernaz de Araújo

TRANSFORMAÇÕES DE UM APRENDER PROFESSORAL EM ESCRILEITURAS ..147

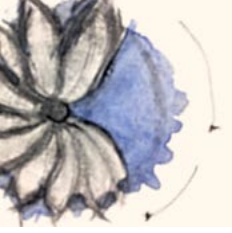
Josimara Wikboldt Schwantz, Carla Gonçalves Rodrigues

UMA AULA-ACONTECIMENTO148

Patrícia Cardinale Dalarosa, Orientadora: Sandra Mara Corazza



Pesquisa & Educação



A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

Lucy Aparecida Gutiérrez de Alcântara¹

Marli Teresinha Quartieri²

Rogério José Schuck³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

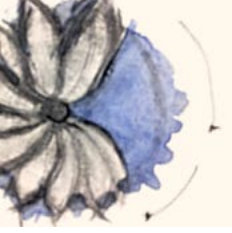
Resumo: Este trabalho é resultado dos estudos e discussões em torno do papel da escola na contemporaneidade, ocorrido durante o desenvolvimento da disciplina de Educação e Contemporaneidade do Programa de Mestrado Acadêmico *Stricto Sensu* em Ensino, promovido pelo Centro Universitário UNIVATES, Lajeado-RS. Os estudos demonstraram a exigência de mudança por parte da escola frente aos desafios impostos pela sociedade contemporânea, o que acarreta aos professores a necessidade de reflexão diante das suas práticas, buscar formação, pesquisar, rever metodologias para atender às demandas impostas pelo mundo atual, tornando a escola um ambiente de inclusão para o aluno e a sua família. O objetivo do presente trabalho foi estimular a reflexão sobre a educação atual, bem como analisar as concepções e perspectivas de uma professora da Educação Básica no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil sobre a temática. O estudo é reflexivo e tem um enfoque qualitativo. O mesmo envolveu uma professora com formação inicial em Matemática e especialização em Ensino da Matemática. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi uma entrevista semiestruturada, composta de sete questões e buscava a compreensão da entrevistada quanto à função da escola na contemporaneidade. Ao final da entrevista, foi-lhe solicitada a produção de uma fotografia do ambiente escolar com associação aos desafios da escola na contemporaneidade. Por meio das respostas da professora e da fotografia por ela produzida, foi-nos permitido aferir a necessidade de formação dos professores para a integração das tecnologias nas aulas, a presença da família na vida escolar do aluno, bem como um ensino focado em projetos ou pesquisas com abordagem interdisciplinar, centrado na aprendizagem criativa e experimentadora. Concluímos que a diversidade social, com seus diferentes problemas, necessita de respostas inovadoras e a escola não está excluída dessa tarefa. Pelo contrário, à medida que a sociedade evolui, altera a sua missão e, nesse processo, ela precisa se articular com os pais e comunidade, incorporar os seus saberes, prestar serviço e aprender com a sociedade.

Palavras-chave: Função da Escola. Mudança. Formação de Professores. Projeto de Pesquisa.

1 Univates, aluna do Mestrado Acadêmico em Ensino, Lucy.alcantara@jna.ifmt.edu.br

2 Univates, docente do Mestrado Acadêmico em Ensino, mtquartieri@univates.br

3 Univates, docente do Mestrado Acadêmico em Ensino, rogerios@univates.br



A ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA COMO AUXÍLIO NO ENSINO DA MORFOLOGIA FOLIAR

Jéssica Izabel Siebel¹

Fernanda Picoli Zardo²

Daniele Uarte Matos³

GRUPO DE TRABALHO: 1. PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: A ilustração científica remonta ao século XIV, surgindo junto aos navegantes que exploravam novas terras, tornando o desenho científico uma forma de registrar suas descobertas. Várias técnicas surgiram, com a finalidade de obter um melhor e mais real resultado, sendo o nanquim e a aquarela as técnicas frequentemente utilizadas nos dias atuais. A ilustração botânica possui o objetivo de representar de maneira fiel uma planta ou suas estruturas, evidenciando todos os detalhes. Atualmente, há um amplo mercado de trabalho para ilustradores botânicos. Os trabalhos produzidos são utilizados em livros, artigos e coleções. Com o intuito de instigar os alunos ao estudo das plantas e mostrar uma nova área de atuação profissional, foi realizada uma oficina de desenho botânico como complementação do estudo do Reino Plantae com duas turmas de sétimos anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Emílio Meyer, de São Leopoldo/RS. Os alunos receberam uma breve explicação do que é a ilustração botânica e de como é utilizada cientificamente, assim como as noções básicas da técnica de sombreamento a lápis, quais medidas devem ser feitas e como utilizar o compasso para realizá-las. Após a explicação, cada aluno recebeu uma folha de desenho, lápis, borracha, régua, compasso e uma folha de uma espécie vegetal para servir de modelo. Durante todo o processo, os alunos receberam auxílio e instruções para a realização do trabalho. Todos os desenhos foram expostos em um mural da escola no final da oficina. A ilustração científica é uma técnica pouco conhecida pela população em geral, sendo mais restrita ao meio acadêmico na área das Ciências. Entretanto, é uma atividade que pode ser exercida por qualquer pessoa que tenha dedicação e que apresente afinidade por realizar desenhos. Desta maneira, a divulgação nas escolas amplia o conhecimento relacionado à ciência, possibilitando que os alunos se interessem por esta atividade. Os participantes se mostraram interessados no assunto e apresentaram dedicação na realização da tarefa, atingindo o objetivo inicial de incentivá-los ao estudo científico e na possibilidade de uma futura profissão na área da ilustração científica, além de abordar de forma mais atraente as diferenças e belezas da morfologia foliar.

Palavras-chave: Ciências. Desenho. Botânica.

REFERÊNCIAS

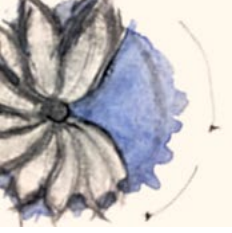
MOURA, Nelson Antunes de et al. *Aplicações da ilustração científica no ensino de ciências e biologia no Ensino Fundamental e em cursos de graduação do Estado de Mato Grosso*. Revista *Extendere*. [s.l.], vol. 2, n. 1, p. 135-148, 2014.

OLIVEIRA, Ricardo Lourenço de; CONDURU, Roberto. *Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz*. História, Ciências, Saúde — Manguinhos. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 2, p. 335-84, 2004.

1 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Ciências Biológicas, CAPES, siebel.jessica@gmail.com.

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Ciências Biológicas, CAPES, fpzardo@gmail.com.

3 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Ciências Biológicas, CAPES, uartedematos@gmail.com.



ANÁLISE DO ENSINO DAS CIÊNCIAS DA TERRA EM REDES DE ENSINO DO VALE DO TAQUARI

Rosane Pereira da Silva¹

Joseline Manfroi²

André Jasper³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

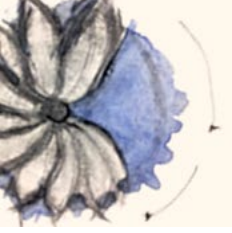
Resumo: Sabendo da escassez das ferramentas de ensino e aprendizagem que auxiliem o docente ao ministrar os conteúdos que envolvam Ciências da Terra, tal análise permitirá a construção de mecanismos didáticos de apoio ao Educador. O ensino da Paleontologia e da Geologia são partes integrantes do conteúdo de Ciências e Biologia, em todos os níveis da educação no Brasil. Ambas estão enquadradas nas áreas abrangentes das Ciências Naturais e devem ser introduzidas em meio aos conteúdos Terra e Universo, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais previstos no ano de 1998 (BRASIL, 1998). A Paleontologia por si só, trata-se de uma ciência multidisciplinar que engloba basicamente as Ciências Biológicas e as Geociências (Geologia e Geografia). Para tanto, tal ciência caracteriza-se pelo envolvimento do estudante com este amplo campo do saber (ANELLI, 2010). No Brasil, esta ciência contempla uma história de quase duzentos anos e é acentuada por inúmeras descobertas científicas destacadas no cenário internacional e que cujos resultados estão expressos e podem ser visualizados por toda a população em acervos de museus, instituições de ensino e pesquisa (CARVALHO, 2002). Por outro lado, para muitos cidadãos ainda, a Paleontologia está muito distante, bem como, o valor atribuído aos fósseis – seus objetos de estudos – ainda estão distantes de representá-la como a chave para a compreensão do passado e resolução de problemas atuais (ANELLI, 2002; HENRIQUES, 2007). Portanto, fazer esta discussão nas escolas, torna-se imprescindível neste aspecto de mudança social, sabendo ainda, que a educação possui caráter instrumental de humanização, socialização e direcionamento social (LIMA, 1999). Mesmo sabendo do potencial pedagógico do nosso país, o ensino de Ciências da Terra é subexplorado nos currículos do ensino fundamental e médio, apesar de ser disciplina recomendada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). De acordo com estas constatações, e com o propósito de contribuir na modificação deste cenário das Ciências da Terra no espaço escolar, a presente pesquisa objetiva avaliar o ensino de Paleontologia nas escolas Públicas e Privadas do Vale do Taquari nos níveis fundamental e médio. Pretende-se, através da aplicação de questionários aos alunos, verificar quais os conhecimentos que eles adquiriram sobre a temática: “Ciências da Terra” ao final do Ensino Fundamental e Médio.

Palavras-chave: Geociências. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Fundamental e Médio.

REFERÊNCIAS

- ANELLI, Luiz Eduardo. *O passado em suas mãos: guia para a coleção de réplicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF. Livro 1, 1998.
- CARVALHO, Ismar de Souza. *Paleontologia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.
- HENRIQUES, Maria Helena Paiva. *Paleontologia – uma ponte entre as geociências e a sociedade*. In: Carvalho, I. S.; Cassab, R. C. T.; Schwanke, C.; Carvalho, M. A.; Fernandes, A. C. S.; Rodrigues, M. A. C.; Carvalho, M. S. S.; Arai, M. & Oliveira, M. E. Q. *Paleontologia: Cenários da Vida, Volume 2*. Rio de Janeiro, Editora Interciência, 2007.
- LIMA, Gustavo da Costa. *Questão ambiental e educação: contribuições para o debate*. Ambiente & Sociedade, n. 5, 1999.
- SCHWANKE, Cibele; SILVA, Miriam do Amaral Jonis. *Educação e Paleontologia*. In: CARVALHO, I. S. *Paleontologia*, 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, p. 123-130, 2004.

- 1 Centro Universitário UNIVATES, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, nível Mestrado, CAPES, rpereira@universo.univates.br.
- 2 Centro Universitário UNIVATES, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, nível Doutorado, CAPES, joselinemanfroi@universo.univates.br.
- 3 Centro Universitário UNIVATES, ajasper@univates.br



A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: DIMENSÕES ÉTICAS DO FAZER PEDAGÓGICO

Derli Juliano Neuenfeldt¹

Priscila Rigoni²

Orientadora: Jacqueline Silva da Silva³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Este resumo consiste em um desdobramento do Projeto de Pesquisa “Iniciação à Pesquisa e ao Ensino: Do Sul ao Norte e Nordeste do Brasil”, desenvolvida no Centro Universitário UNIVATES, no qual discutiremos como a participação dos estudantes na organização dos conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano letivo, consiste em uma dimensão ética do fazer pedagógico. Três professores, que atuam na rede pública e privada de ensino de municípios do Vale do Taquari/RS, foram entrevistados a fim de identificar suas percepções e relatarem práticas que envolvem a participação dos estudantes na construção do currículo. Posteriormente, suas respostas foram analisadas por meio da técnica de Análise Textual Discursiva (MORAES, 2011). A partir da análise das informações geradas foi perceptível, na fala dos professores, destacar atitudes no planejamento dos professores que reorganizaram o currículo. Eles mostraram como levam aos seus alunos uma proposta de currículo projetado, no qual há temas anteriormente sugeridos, mas também uma parte - construída no decorrer do ano letivo - no qual passam a ser integrados temas emergentes do cotidiano dos alunos. As temáticas trazidas pelos estudantes são provocadoras e despertam o interesse da turma. Assim, estar atento aos interesses dos alunos, além de ser uma estratégia que possibilita o desenvolvimento de um planejamento significativo, também consiste em uma dimensão ética do fazer pedagógico. O exercício de ouvir o que o outro tem a comunicar, o legado cultural que possui e, sobretudo, os seus modos peculiares de interpretar e compreender o mundo, mostra a aceitação do professor e da escola dos complexos sistemas sociais que a compõem. Esse fazer pedagógico, atento e aberto aos interesses do outro, favorece a proposição de um currículo embasado em uma abordagem investigativa: nele encontramos atividades de manipulação, exploração e livre expressão. E as atividades de treino e instrução - características de uma pedagogia *logocêntrica* - são substituídas por atividades que possibilitam a autonomia e o protagonismo dos estudantes.

Palavras-chave: Currículo. Planejamento. Formação de Professores. Ética. Ensino.

REFERÊNCIAS

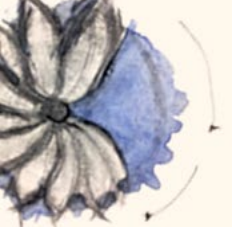
GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. *Revista Brasileira de Educação*. V. 12. n. 35. mai/ago. 2007. p. 241-252.

MORAES, Roque. *Análise Textual Discursiva*. 2. ed. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

1 Centro Universitário UNIVATES, Professor do Curso de Educação Física, derlijul@univates.br

2 Centro Universitário UNIVATES, aluna do curso de Publicidade e Propaganda, bolsista CNPq, rigonipriscila@hotmail.com

3 Centro Universitário UNIVATES, Professora do Curso de Pedagogia, jacqueh@univates.br



CARTOGRAFIA E ETNOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

Fabiane Olegário¹

Claudia Inês Horn²

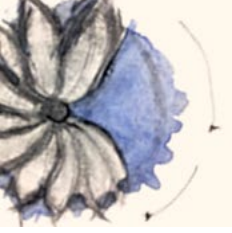
GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: A oficina “Ensaio de Pesquisa: Cartografia e Etnografia”, vinculada ao Projeto de Extensão “Formação pedagógica e pensamento nômade”, proposto pelo Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, contou com a participação de acadêmicos dos Cursos de Pedagogia e Jornalismo, mestrandos em Educação, assim como docentes de outros cursos do Centro Universitário UNIVATES. As conversações tecidas nesta oficina focaram-se pelo interesse no estudo da cartografia como possibilidade de inversão do paradigma moderno cunhado pela ordem do método científico, que tem suas raízes fincadas na racionalidade, o qual sobrepõe à busca de uma verdade única, acessada pela crença de um sujeito soberano. A cartografia implica-se de um modo e de um registro de pensamento em que não há distância com aquilo que em nós nos faz pensar. Entendida como acompanhamento de processos, o pensamento fluido em linhas cartográficas não intenciona uma forma verdadeira e tampouco uma forma universal para o pensar. Nesta direção, a cartografia não é um método epistemológico, mas, configura-se como experiência que faz tremer e vacilar as formas dominantes de vida. Já a etnografia, originalmente, tem suas raízes na Antropologia, podendo ser definida como uma ciência da descrição cultural, pois o pesquisador permanecia um tempo prolongado com um determinado grupo de pessoas, observando suas atividades cotidianas. A área da educação vem buscando aproximações com a etnografia, enquanto método de pesquisa, destacando o pesquisador como um observador participante da vida cotidiana do grupo observado. Ao observar, o pesquisador percebe as atividades e as situações, construindo sentidos, pois esteve presente na sua movimentação, nas interações e relações. A cartografia e a etnografia foram utilizadas como ferramentas de pesquisa pelos participantes da oficina, as quais provocaram e produziram outras experiências e formas de intervenção no campo de pesquisa. Os participantes são desafiados a produzirem ensaios cartográficos, e propostas etnográficas permitindo-os expor as sensações, as impressões e efeitos produzidos pela cartografia e etnografia.

Palavras-chave: Cartografia. Etnografia. Educação.

1 Mestre em Educação. Docente da Univates. fabiole@univates.br

2 Mestre em Educação. Docente no Curso de Pedagogia da Univates/Lajeado/RS. E-mail: clauhorn@yahoo.com.br



CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID NA FORMAÇÃO DOS BOLSISTAS: A RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA

Camila Grabin¹

Orientadora: Morgana Domênica Hattge²

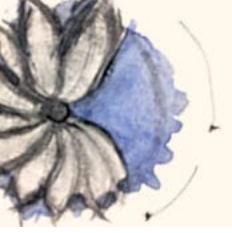
GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O presente texto analisa a relação teoria-prática no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. As análises fazem parte de uma pesquisa mais ampla que investigou as contribuições do Programa na formação dos bolsistas do Subprojeto de Pedagogia do Centro Universitário Univates, analisando de que forma a inserção no Pibid contribui na formação inicial de professores no contexto em questão. Para o desenvolvimento da pesquisa fez-se necessário problematizar a docência na educação básica, pensando em como se dá a formação dos professores no Brasil hoje, bem como fazer uma apresentação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), com sua história, abrangência e objetivos frente à educação do país. Discutiuse ainda, o porquê de pesquisar o Pibid, justificando os motivos que levaram à realização deste trabalho. Procurou-se conhecer a trajetória do Pibid no Centro Universitário UNIVATES, desde a sua inserção na Instituição no ano de 2010, dando ênfase ao curso de Pedagogia e seu Subprojeto. Para pensar o caminho de investigação, foram realizadas entrevistas narrativas, de forma a instigar os entrevistados a detalharem suas experiências enquanto participantes deste subprojeto. Através da análise das narrativas das entrevistas, foi possível perceber que uma das questões que contribuíram para a formação dos bolsistas se deu em relação à teoria e a prática. Percebeu-se uma dicotomia nas falas dos bolsistas em relação a essa questão, uma vez que possuem ideias engessadas sobre a mesma, pois acreditam que a teoria se dá somente na universidade e a prática no espaço escolar. Em contraste com essa ideia, percebem o Pibid como a possibilidade de articular teoria e prática, uma vez que pensam na teoria para compor as práticas, e refletem sobre as práticas através das teorias. No entanto, é preciso pensar na teoria e prática na formação como um processo completo, pois a teoria é uma prática, e a prática uma teoria. Por meio das experiências relatadas pelos bolsistas, com suas significações atribuídas ao Programa e pela análise da relação entre teoria e prática, foi possível perceber que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência contribui de diferentes formas para a formação docente, através da iniciação à docência que promove.

Palavras-chave: Pibid. Iniciação à Docência. Formação Docente. Bolsistas. Pedagogia.

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia da Univates, camila.grabin@gmail.com.

2 Professora do Curso de Pedagogia da Univates, Doutora em Educação, mdhattge@univates.br.



DO(C)ENTES (?) E A SÍNDROME DE BURNOUT: ALTAS JORNADAS DE TRABALHO, (DES) MOTIVAÇÃO E PAIXÃO SE MISTURAM NA VIDA DESSES PROFISSIONAIS

Andiely Dreyer¹

Évili Regina Osterkamp²

Orientadora: Suzana Feldens Schwertner³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: A Síndrome de Burnout, segundo Wallau (2003), é a consequência de um extenso processo na tentativa de lidar com situações estressantes. Segundo Tamayo, Mendonça e Silva (2012, p. 49), “burnout é uma expressão da língua inglesa que significa queimar-se ou destruir-se pelo fogo. Quando usada no contexto laboral, transmite a ideia de ser consumido pelo trabalho”. Os autores complementam ainda que, no Brasil, a Síndrome de Burnout também está relacionada ao trabalho, sendo nomeada como a “Sensação de Estar Acabado”. Segundo Porto, Tamayo e Paschoal (2012, p. 250), “o burnout é definido como uma resposta prolongada a estressores interpessoais crônicos no trabalho”. Segundo Carlotto (2011), a docência é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) uma das mais estressantes, podendo conduzir à Síndrome de Burnout. Assim, buscar conhecer e estudar sobre a Síndrome de Burnout justifica-se pela necessidade de discutir formas de promoção e cuidado à saúde mental dos trabalhadores no contexto escolar. Carlotto (2011) complementa ainda que o professor, independentemente do contexto escolar que atue, seja pública ou privada, está se transformando em uma profissão geradora de incontáveis fatores estressores psicossociais, pois os professores estão cada vez mais atarefados, cumprindo longas jornadas de trabalho e tendo pouco tempo para cuidarem de si e da vida profissional, o que pode levar ao cansaço, estresse e desmotivação, caracterizando a Síndrome de Burnout. Então, este trabalho objetiva investigar e compreender, a partir de um questionário com sete professores do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal do interior do Vale do Taquari, quais os principais fatores de risco para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout nesses docentes. O estudo foi de cunho qualitativo e os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), é um conjunto de técnicas que vai analisar as formas de comunicações e os procedimentos utilizados na descrição do conteúdo das mensagens. Em nossa pesquisa, a maioria dos professores não sabia o que era a Síndrome de Burnout e, apesar das dificuldades do dia a dia, sentem prazer pelo que fazem. Não foi identificada qualquer evidência e possibilidade dos professores desenvolverem a Síndrome de Burnout sendo alguns dos resultados evidenciados no decorrer da nossa escrita.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout. Professor. Saúde do trabalhador.

REFERÊNCIAS

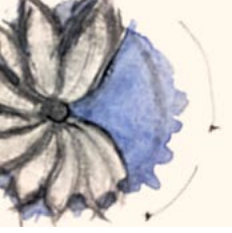
BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARLOTTO, Mary Sandra. *A Síndrome de Burnout e o trabalho docente*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002.

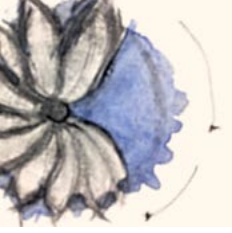
1 Univates, Psicologia, andielydreyer@yahoo.com.br.

2 Univates, Psicologia, eosterkamp@univates.br.

3 Psicóloga, Doutora em Educação (UFRGS). Professora da Univates. Psicóloga da Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES/UNIVATES), suzifs@univates.br.



- CARLOTTO, Mary Sandra. *Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados*. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 27, n. 4, dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 junho de 2014.
- CARLOTTO, Mary Sandra; CAMARA, Sheila Gonçalves. *Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares*. Psicol. estud., Maringá, v. 9, n. 3, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000300018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 dez. 2014.
- DELCOR, Núria Serre; ARAÚJO, Tania M.; REIS, Eduardo, J. F. B.; PORTO, Lauro A.; CARVALHO, Fernando M.; SILVA, Manuela Oliveira e.; BARBALHO, Leonardo; ANDRADE, Jonathan Moura de. *Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória a Conquista, Bahia, Brasil*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(1):187-196, jan-fev, 2004.
- FERNANDES, Sônia Regina Pereira; MENEZES, Ione Vasques. Organização do trabalho: implicações para a saúde do trabalhador. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MENDONÇA, Helenides (Orgs). *Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 261-275.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MENDONÇA, Helenides (Orgs). *Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro; SOUZA, Marcos Aguiar de; SILVA, Cleide Aparecida da. Qualidade de vida e bem-estar no trabalho: principais tendências e perspectivas teóricas. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MENDONÇA, Helenides (Orgs). *Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 79-103.
- GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO Ada Ávila. *O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.
- IBGE. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2014.
- LEOPARDI, Maria Tereza. *Metodologia da Pesquisa em Saúde*. Florianópolis:UFSC, 2002.
- LEVY, Gisele Cristine Tenório de Machado; NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula; SOUZA, Carlos Alberto Absalão de. *Síndrome de Burnout em professores da rede pública*. Prod., São Paulo, v. 19, n. 3, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132009000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 junho de 2014.
- MOREIRA, Davi de Souza; MAGNAGO, Renata Faverzani; SAKAE, Thiago Mamôru; MAGAJEWSKI, Flávio Ricardo Liberali. *Prevalência da síndrome de burnout e trabalhadores de enfermagem de um hospital de grande porte da Região Sul do Brasil*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 25(7):1559-1568, jul, 2009.
- PEREIRA, Érico F.; TEIXEIRA, Clarissa S.; SANTOS, Anderlei dos; LOPES, Adair da S.; MERINO, Eugenio A. D. *Qualidade de vida e saúde dos professores de educação básica: discussão do tema e revisão de investigações*. Rev. bras. Ciência e Movimento. 2009;17(2):100-107.
- PORTO, Juliana Barreiros; TAMAYO, Mauricio Robayo; PASCHOAL, Tatiane. (In)congruência pessoa-ambiente: relações com bem-estar, estresse e burnout. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MENDONÇA, Helenides (Orgs). *Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 229-259.
- REIS, Eduardo José Farias Borges dos et al. *Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, out. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000500021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 nov. 2014.

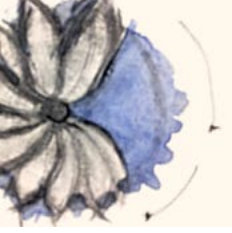


SILVA, Graziela Nascimento da; CARLOTTO, Mary Sandra. *Síndrome de BURNOUT*: Um estudo com professores da rede pública. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.), Campinas, v. 7, n. 2, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572003000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 jun. 2014.

SILVA, Nelson P. *Ética, indisciplina e violência nas escolas*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2004.

TAMAYO, Mauricio Robayo; MEDONÇA, Helenides; SILVA, Eliete Neves da. Relação entre estresse ocupacional, coping e burnout. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MENDONÇA, Helenides (Orgs). *Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 35-61.

WALLAU, Sonia Maria de. *Estresse Laboral e Síndrome de Burnout: uma dualidade em estudo*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.



DOCÊNCIA E ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA

Cláudia Schvingel¹

Orientadoras: Ieda Maria Giongo²

Angélica Vier Munhoz³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Em 2011 é apresentada para a sociedade gaúcha a proposta do Ensino Médio Politécnico, por meio de dois documentos-base: Proposta Pedagógica e Educação Profissional integrada ao Ensino Médio, 2011-2014 e o Regimento Referência, provocando inúmeras discussões em todos os âmbitos da sociedade. Dentre estas, tem causado discussões, em especial nos meios escolares, a proposta da pesquisa escolar como princípio pedagógico orientada e motivada pelos professores. Por conta disso, o presente trabalho apresenta alguns resultados incipientes de um estudo, alicerçado teoricamente em algumas ferramentas advindas do pensamento de Michel Foucault e seus comentadores - tais com enunciado, discurso e emergência - que tem como objetivos investigar como o ensino pela pesquisa se constituiu como princípio pedagógico da proposta; analisar o que dizem os documentos referência e problematizar as enunciações de um grupo de docentes que atuam no Ensino Médio Politécnico sobre a pesquisa escolar motivada e orientada por eles. Metodologicamente, a investigação, de cunho qualitativo, está sendo efetivada por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e, posteriormente, transcritas, bem como pela técnica de grupo focal com um grupo de professores de uma Escola Estadual da região do Vale do Taquari/RS, análise dos documentos base Proposta Pedagógica, Regimento Referência e demais documentos pertinentes, pesquisa em sites e jornais e diário de campo da pesquisadora. Uma das unidades de análise decorrentes do escrutínio do material de pesquisa aponta que há similaridades desta proposta com outras vigentes em anos anteriores no Estado. Espera-se que este e os demais resultados possam contribuir para as discussões referentes à formação inicial e continuada de docentes e para a problematização de questões vinculadas à pesquisa escolar no Ensino Médio Politécnico.

Palavras-chave: Ensino Médio Politécnico. Professor. Pesquisa

REFERÊNCIAS:

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 a. p. 105-131.

_____. Pesquisa – ensino: o “hifen” da ligação necessária na formação docente. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwides (Orgs.). *Professora Pesquisadora: uma práxis em construção*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 b. p. 53- 66.

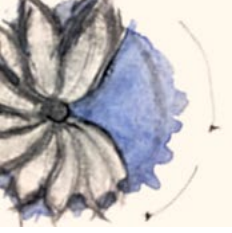
FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

_____. *A ordem do discurso*. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

1 Univates, Mestranda em Ensino, bolsista FAPERGS/CAPES, clau.dia1@hotmail.com

2 Univates, Doutora em Educação (Unisinos), igiongo@univates.br

3 Univates, Doutora em Educação (UFRGS), angelicavmunhoz@gmail.com



ECOSSISTEMA EXPERIMENTAL EM GARRAFA PET COMO AUXÍLIO NA PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES ECOLÓGICAS

Gilvana Marta dos Santos de Mello¹

Fernanda Picoli Zardo²

Daniele Uarte de Matos³

GRUPO DE TRABALHO: 1. PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Um terrário ou ecossistema experimental reproduz esquematicamente as condições do meio ambiente (ROSA, 2009) auxiliando no ensino da Ecologia (PAULA, SILVA, JÚNIOR; 2013), o qual pode apresentar diversos tamanhos e formatos sendo a montagem realizada com materiais como potes de vidro e garrafas PET. O presente trabalho descreve a oficina “Reprodução de Ecossistema Experimental em Garrafa PET”. A atividade abordou os principais processos envolvidos na fotossíntese, a importância da reciclagem, as relações entre as partes biótica e abiótica do ambiente e a morfologia vegetal básica, enfatizando a relação entre os seres vivos. A oficina ocorreu durante a IV Feira de Educação UNISINOS realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) no dia dez de outubro de 2014. Para a confecção do terrário, foram utilizadas dez garrafas PET, areia distribuída no fundo das garrafas, duas vezes a quantidade de terra colocada sobre a areia, dez mudas de folhagens pequenas, água e fita adesiva para vedar as partes das garrafas. Foi realizada uma breve explicação definindo um terrário e resgatando saberes da Ecologia, elucidando a fotossíntese e sua importância para o ecossistema, relacionando com os conceitos aprendidos até o momento. Para isso, foi montada uma apresentação em *Power Point* com conteúdos relacionados. Após, detalhadamente, explicou-se como montar o terrário e, simultaneamente, os alunos foram executando os passos, sendo auxiliados quando necessário. Concluída a tarefa, realizou-se uma revisão das primeiras explicações e uma breve ficha de avaliação da oficina foi distribuída para os participantes preencherem. Ao final da oficina, cada aluno levou para casa o terrário montado. Participaram da oficina dez estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública (1 aluno de 12 anos, 7 alunos de 13 anos, 1 aluno de 15 anos de inclusão e uma aluna de graduação de 28 anos). O interesse dos alunos durante essas atividades foi perceptível a partir de questionamentos e da motivação durante a montagem. Os resultados obtidos possibilitarão às escolas reproduzirem a oficina com alunos de Ensino Fundamental e também com alunos de inclusão, enfatizando as relações existentes entre os seres vivos valorizando a observação, a comparação e a formulação de questões, importantes no ensino de Ciências do Ensino Fundamental (PAULA, 2006).

Palavras-chave: Terrário. Garrafa PET. Meio Ambiente. Ecologia.

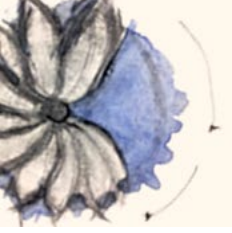
REFERÊNCIAS

- PAULA, Cláudio Gilberto de et al. Experienciando um ecossistema: vivário. In: *Práticas pedagógicas em ciências nos anos finais: caderno do professor/Ministério da Educação*; Universidade do Vale do Rio dos Sinos. – São Leopoldo: Unisinos; Brasília: MEC, 2006.
- PAULA, Jobberth Rainer Baliza de; SILVA, Mateus Paludo da; JUNIOR, Antonio Fernandes Nascimento. O terrário no ensino da Ecologia: uma proposta para a formação inicial de professores. *Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista*. [s.l.], n. 6, v. 9, 2013.
- ROSA, Rosane Teresinha Nascimento da. Terrários no ensino de ecossistemas terrestres e teoria ecológica. *Revista Brasileira de Educação Científica e Tecnológica*. [s.l.], n. 1, v. 2, 2009.

1 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Ciências Biológicas, CAPES, gilnanamello@gmail.com.

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Ciências Biológicas, CAPES, fpzardo@gmail.com.

3 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Ciências Biológicas, CAPES, uartedematos@gmail.com.



EDUCAÇÃO DO OLHAR: POTENCIALIDADES DA FOTOGRAFIA COM CRIANÇAS

Deise Cristina Giovanaz¹

Orientadora: Suzana Feldens Schwertner²

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Inúmeras imagens se fazem presentes em nosso cotidiano, mas além de as visualizarmos também as produzimos e as divulgamos. As tecnologias cada vez mais avançadas nos permitem criar e divulgar, com facilidade, uma gama de imagens sobre as mais variadas temáticas. As crianças e jovens do século XXI já nascem neste contexto e entrando em contato com os recursos tecnológicos aprendem a manipulá-los com facilidade. Abordando estes aspectos, Marly Ribeiro Meira (2014) observa a grande presença do estético e das imagens na sociedade atual e defende a importância do campo educacional pensar estas questões com as crianças e jovens. Justifica sua visão afirmando que "(...) saber, hoje, é ter acesso a formas de interação e conhecimento que demandam visibilidade complexa, sendo extremamente complexa a realidade em que vivemos e convivemos" (MEIRA, 2014, p. 101). Pensando e repensando a educação do olhar, o presente projeto de pesquisa busca investigar *como a produção de fotografias por crianças pode potencializar experiências de expressão e de sensibilidade estética*. Para tanto, será proposta a formação de um grupo focal (GF) com cerca de dez integrantes, alunos do terceiro ao quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do Vale do Taquari. Durante o primeiro semestre de 2015, serão realizados quatro encontros semanais que objetivam investigar a produção fotográfica infantil, buscando compreender a fotografia aos olhos das crianças participantes e refletir sobre o pensamento estético e a educação do olhar a partir de experiências estéticas com fotografia. A investigadora coletará informações através da interação com o GF, aventurando-se em suas inquietações e buscando compreender algumas dúvidas e perceber novos questionamentos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que usufruirá da cartografia como metodologia para problematizar as experiências propostas. Para embasar este estudo, buscou-se aportes teóricos em diversos autores, como, por exemplo, Roland Barthes (1984), Philippe Dubois (1993), Boris Kossoy (2001; 2002), Susan Sontag (2004), Cláudio Araújo Kubrusly (2007), André Rouillé (2009), Vilém Flusser (2011) e Marly Ribeiro Meira (2014), entre outros. Deseja-se pensar e investigar a educação do olhar, em busca de percepções sobre as potencialidades da produção fotográfica por crianças e da compreensão de alguns elos entre Fotografia e Educação, como a sensibilidade do olhar.

Palavras-chave: Fotografia. Educação. Crianças. Sensibilidade estética.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarrães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

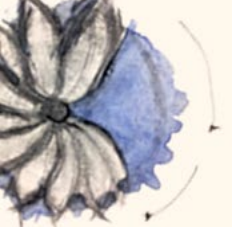
DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papiurus, 1993.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª Ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

1 Acadêmica da Univates, curso de graduação em Pedagogia. deisecristinagiovanaz@hotmail.com

2 Profa. Dra. na Univates, orientadora do Trabalho de Conclusão, no curso de graduação em Pedagogia. suzifs@univates.br



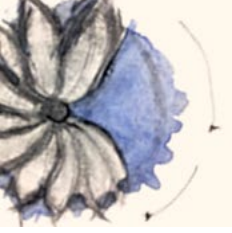
KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. 3º Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia?* 4º ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In.: PILLAR, Analise Dutra (Org.). *A educação do olhar*. 8º ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 101-120.

ROUILLE, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. Tradução Constanca Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



EM BUSCA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PROJETOS DE TRABALHO

Daniela Maria Weber¹

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Este resumo aborda um relato de experiência, a partir da contextualização teórica de MOREIRA (2012) sobre Aprendizagem Significativa, de HERNÁNDEZ (1998) sobre Projetos de Trabalho e dos estudos de KARNAL (2010), PINSKY e PINSKY (2010) e NETO (2010) sobre o ensino de História em uma escola pública de Lajeado, Rio Grande do Sul, organizada por Ciclos de Formação, com turmas aglutinadas e cuja metodologia está baseada em Projetos de Trabalho. Nesta prática, os alunos determinavam qual conteúdo iriam pesquisar, escolhiam as fontes e realizavam as pesquisas de forma independente, com a tutoria de colegas e professores, utilizando recursos variados. Após, socializavam com a turma e faziam uma avaliação da aprendizagem. Discutindo-se os resultados, constatou-se ser possível uma aprendizagem significativa de História a partir dos interesses dos alunos e da concepção de aluno como protagonista de sua aprendizagem.

Palavras-chave: Projetos de Trabalho. Aprendizagem Significativa. Ensino de História.

REFERÊNCIAS

ELY, Vanessa Delving. Os modelos epistemológicos nas práticas avaliativas. In: *Revista Interfaces*. Lajeado, ano 5, p. 61-65, dez. 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

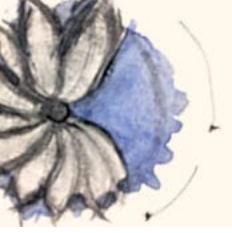
KARNAL, Leandro. A História Moderna e a sala de aula. In: KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed., 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 127-142.

MOREIRA, Marco Antônio. ¿Al final qué es aprendizaje significativo? *Revista Currículum*. La Laguna: 2012, 25, p. 29-56.

NETO, José Alves de Freitas. Transversalidade. In: KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed., 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 57-74.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed., 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 17-36.

¹ Licenciada em História. Mestranda do PPG em Ensino pelo Centro Universitário Univates. Professora de História e Geografia na rede municipal e particular de Lajeado-RS.



ENCONTROS COM A ARTESCRITA: COMPOSIÇÕES COM ALUNAS DE CURSO NORMAL

Neila Görden¹

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

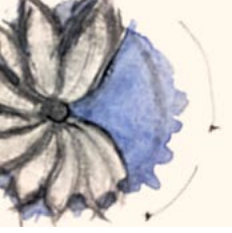
Resumo: Esta pesquisa inscreve-se no cenário da formação inicial com alunas de Curso Normal. O principal objetivo da pesquisa foi propor um experimento com essas alunas, fazendo uso da escrita de cartas e da arte contemporânea. Para tanto, ofereci oficinas sobre escrita como uma maneira de convidar as alunas a pensar sobre os processos de formação, na escola e na vida. Utilizei-me das discussões a respeito do cuidado de si estudado por Foucault, relacionando-as em alguns momentos com as teorizações trazidas por Nietzsche. Foram realizados 11 encontros entre 2010 e 2011, organizados a partir de exercícios de escrita, como também da recepção de obras de artistas contemporâneos que trabalham com a escrita, tais como León Ferrari, Mira Schendel, Elida Tessler e Jorge Macchi. Estes encontros tornaram-se um espaço de conversa e pensamento sobre si mesmo e de intensificação das relações sociais no âmbito da formação inicial docente. O corpo empírico do trabalho compõe-se das cartas produzidas pelas alunas, como de anotações em um diário de campo e as escritas de um diário coletivo, realizadas a cada encontro por uma aluna diferente. A análise dos materiais aconteceu a partir de relações tecidas a partir das potencialidades das escritas produzidas, a saber: (Re)pensar alguns modos de ser e olhar pelas misturas em arte e escrita (*artescrita*), possibilidade de deslocamentos e recomposições de si. Neste trabalho, situa-se a prática de escrita na proximidade do cuidado de si e as oficinas como espaço de experimentação que pretende problematizar algumas verdades sobre os modos de ser professor, aluno e adolescente buscando repensar estas verdades, como princípio racional, criando um estilo próprio de vida. Convida-se a pensar, na arte contemporânea como uma técnica do cuidado de si, aprender com os artistas a (de)compor a composição da escrita utilizada normalmente na escola, deslocar algumas naturalidades nos modos de pensar, e pensar outras maneiras para se compor reinventar-se, ainda que sem garantias, favorecendo o pensar sobre si, sobre os outros numa tentativa incansável de desfocar o olhar, a fim de empreender um projeto ético de estar atento as próprias ações. Uma maneira de constituir-se sujeito e professor, com a possibilidade de inúmeras composições.

Palavras-chave: Formação docente. Arte contemporânea. Escrita de si.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

¹ Ufrgs, Mestrado em Educação, aliengorgen@yahoo.com.br.



ENCONTROS ENTRE ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO

Deborah Vier Fischer¹

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Este resumo é fruto da dissertação de mestrado (*Escola, artistas e docentes em movimento: encontros entre arte contemporânea e educação*), defendida em 2014, junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa teve como campo empírico a Escola Projeto, da rede privada de Porto Alegre, RS, que contempla a arte contemporânea em seu currículo e convida artistas a construírem esse trabalho em parceria. Como proposta de investigação, buscou olhar para os movimentos que esse modo de pensar a arte provoca em professoras e artistas visuais que se aventuram para, juntos, viverem a escola e a educação, produzindo pensamento e estranhando práticas naturalizadas e acomodadas pelo tempo e pelo uso. Pensar o estranhamento nas práticas docentes, instigadas pelas provocações da arte contemporânea, contribuiu, nesta pesquisa, para uma aproximação à noção de discurso, tendo em Michel Foucault o principal referencial teórico. Discurso que emergiu a partir de entrevistas com os sujeitos de pesquisa, analisadas dentro do campo discursivo que as envolve, neste caso, arte e educação. E, ao olhar para esses encontros, apostando na possibilidade de exercícios de modificação e criação, ganhou força o conceito de *docência artista*, apresentado por Luciana Loponte, na relação com uma *formação docente artista*, termo que nasceu nesta pesquisa, relacionada a uma formação contaminada, acompanhada e encharcada pelo contato próximo com a arte contemporânea, capaz de rever as relações mais seguras sobre ensinar e aprender, nas artes e para além delas. Desse modo, mais do que buscar resultados ou apontar soluções, esta dissertação buscou realizar apostas: na docência, com suas dúvidas e estranhamentos; na escola, com sua possibilidade de educar sem consolação; na arte contemporânea, com sua abertura para provocar rupturas e para desestabilizar o pensamento.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Educação. Docência Artista. Formação Docente.

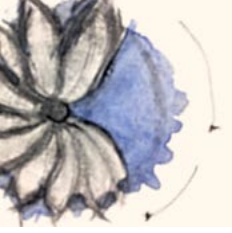
REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2013.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas*. Porto Alegre, RS, UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, 2005.

¹ Pedagoga, mestre em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenadora pedagógica da Escola Projeto /POA, contato: deborahvfischer@gmail.com.



ENSINO DE CIÊNCIAS A PARTIR DAS DIFICULDADES DOS ALUNOS

Geovana Luiza Kliemann¹

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

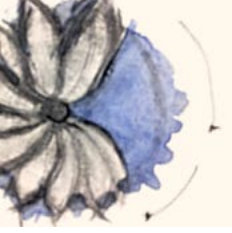
Resumo: Os dados aqui apresentados fazem parte de um estudo realizado com uma turma de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A motivação para isso ocorreu na disciplina intitulada Pesquisa em ensino e Estágio supervisionado, do Curso de Mestrado Profissional de Ensino em Ciências Exatas. O público-alvo foi definido a partir da significativa dificuldade apresentada pelos alunos em interpretar alguns termos fundamentais de Ciências/Física. Segundo Edgar Morin “A educação deve-se dedicar, por conseguinte, à identificação da origem dos erros, ilusões e cegueiras” (2006, p. 21). A maioria dos alunos da referida turma não conseguiam identificar qual a incógnita dos problemas propostos e não sabiam quais as unidades de medida usar, liam superficialmente às questões, fazendo um cálculo qualquer, com os números apresentados no problema e normalmente sem coerência. Quando questionados por que efetuavam tais operações, não sabiam explicar. Como não compreendiam o significado de muitos dos termos abordados ou a linguagem apresentada, traçou-se como principal objetivo relacionar a Ciência com ações do cotidiano, dentro e fora da sala de aula, estabelecendo relações entre teoria e prática e assim ajudar os alunos a compreenderem e a conceituarem termos da Física de forma significativa e não mecanicamente, despertando neles o gosto pelo conhecimento de Ciências, através de um trabalho cooperativo. A partir disso, organizou-se um planejamento, visando a sanar algumas lacunas apresentadas pelos alunos, esse envolveu atividades práticas e a aproximação entre a teoria com situações cotidianas do aluno. Ao fim da prática, refletiu-se sobre o desenvolvimento das atividades, e foi possível perceber a evolução dos alunos pelos seus relatos e participação constante no decorrer dos encontros. Além disso, pretende-se socializar uma sugestão de planejamento que poderá ser adaptada e reformulada para ser utilizada por outros professores, uma vez que situações do cotidiano foram exploradas e retomou-se a teoria de forma dinâmica, evitando que o aluno ficasse apenas com o conhecimento do senso comum ou seguindo regras prontas para o desenvolvimento de problemas.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Procedência dos erros. Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, 11ª edição, editora Cortez: São Paulo; UNESCO: Brasília, DF, 2006.

¹ Univates, Ciências Exatas, geovanakliemann@universo.univates.br



JÚRI SIMULADO COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline Diesel¹

Daniela Diesel²

Orientadora: Silvana Neumann Martins³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O uso de diferentes estratégias de ensino é imprescindível no Ensino Fundamental para a construção de um conhecimento significativo. Dentre as várias estratégias de ensino, destaca-se, neste trabalho, o júri simulado como uma das possibilidades de ensino e aprendizagem, pois desafia o aluno a inúmeras ações: a defesa de ideias, o poder de argumentação, o julgamento, a tomada de decisão, dentre outras (ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P., 2004). Além disso, essa prática proporciona um maior envolvimento e a participação dos alunos na sala de aula, gerando uma mobilização por parte deles em relação ao conteúdo em questão. Diante dessas considerações, realiza-se o relato de experiências de uma prática pedagógica desenvolvida no Ensino Fundamental, nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Educação Física, em que utilizou-se a estratégia do júri simulado com o objetivo de abordar conteúdos relevantes dessas disciplinas. A estratégia foi desenvolvida, respectivamente, em turmas de 7º e 8º ano do Ensino Fundamental no Vale do Taquari/RS. Na disciplina de Língua Portuguesa, o júri foi baseado na obra “Ruth Rocha conta Ilíada” e teve como réu o personagem Aquiles acusado por ser o culpado da grande Guerra de Troia e a consequente morte de muitas pessoas. Já na disciplina de Educação Física, para o desenvolvimento da estratégia de ensino, utilizou-se a polêmica envolvendo a torcedora de um time do RS, que teve atitudes preconceituosas contra o goleiro do time adversário. Através do júri simulado, os alunos foram provocados a desenvolver argumentos de defesa e de acusação a partir de dois temas propostos. Diante do exposto, percebeu-se que a estratégia de ensino Júri Simulado contribuiu para o desenvolvimento da interpretação, da imaginação, do senso crítico, da expressão oral, da argumentação dos alunos envolvidos neste estudo, que passaram a expor suas ideias com mais lógica e clareza.

Palavras-chave: Estratégias de Ensino. Ensino e Aprendizagem. Júri Simulado.

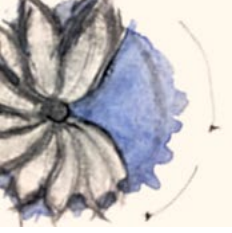
REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. In: Anastasiou, L. G. C.; Alves, L. P. (Orgs.). *Processos de ensinagem na universidade*. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, p. 67-100, 2004.

1 Univates, Programa de Pós-Graduação em Ensino, Capes, aline.diesel@hotmail.com

2 Univates, Programa de Pós-Graduação em Ensino, Capes, danieladiesel@universo.univates.br

3 Univates, professora dos Programas de Pós-Graduação em Ensino e em Ensino de Ciências Exatas, smartins@univates.br



LIMITES NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: O QUE DIZEM OS LIVROS DE AUTOAJUDA AOS PAIS?

Marla Tatiane Specht¹

Orientadora: Suzana Feldens Schwertner²

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O presente projeto consiste em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, que surgiu do interesse em conhecer e estudar mais sobre a temática “limites”, por se tratar de um assunto que está cada vez mais presente em nossa realidade. Após muitas leituras sobre o assunto, optou-se por investigar os discursos sobre limites nos livros de autoajuda. Como problema do estudo, propomos: como são apresentados os discursos sobre limites na relação entre pais e filhos, em livros de autoajuda? O objetivo geral consiste em analisar os discursos sobre limites na relação entre pais e filhos, por meio dos livros de autoajuda da autora Tania Zagury. Além disso, visamos a: estabelecer definições sobre livros de autoajuda, suas características e principais autores brasileiros; compreender os motivos que levam à produção de livros de autoajuda sobre a temática “limites” na relação entre pais e filhos; identificar o(s) conceito(s) de limite(s) apresentado(s) pela autora; e analisar estratégias que a autora propõe no estabelecimento de limites na relação entre pais e filhos. O projeto encontra-se fundamentado em diversos autores que desenvolvem a temática, destacando: Yves de La Taille (2002) e David Buckingham (2007). Após a elaboração e a construção dos passos iniciais, o trabalho terá continuidade com a leitura e o estudo do livro escolhido, a análise dos dados por meio da Análise de Discurso, principalmente por trabalhar com os sentidos e com os discursos presentes em meio às leituras a serem realizadas, como concluem Caregnato e Mutti (2006). São muitas as expectativas em relação à pesquisa, principalmente por envolver um tema tão presente em nossos dias. Enfim, destaca-se a importância deste estudo para os estudantes da área de Pedagogia e demais interessados, por trazer subsídios através das contribuições de teóricos que tratam sobre o assunto e deste com livros de autoajuda, sucesso de vendas na atualidade.

Palavras-chave: Limites. Análise de discurso. Livros de autoajuda.

REFERÊNCIAS

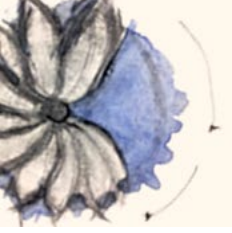
BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*. v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: out. 2014.

LA TAILLE, Yves de. *Limites: três dimensões educacionais*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

1 Acadêmica da Univates do Curso de Pedagogia, email: nina_tatis@yahoo.com.br

2 Univates, docente no curso de Psicologia e no Mestrado em Ensino, email: suzifs@univates.br



MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: POSTURA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NO PROCESSO DO APRENDER

Daiane Scherer da Silva¹

Orientadora: Suzana Feldens Schwertner²

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O termo medicalização vem suscitando muitas discussões entre profissionais da educação e da saúde, uma vez que se refere aos efeitos da Medicina em campos que não são, usualmente, sua área de trabalho, como a Educação. Quanto ao Conselho Federal de Psicologia (2011-2013, p.6), este diz que a medicalização é o “processo que transforma questões de ordem social, política, cultural em distúrbios, transtornos, atribuindo ao indivíduo uma série de dificuldades que o inserem no campo das patologias, dos rótulos, das classificações psiquiátricas”. Este Trabalho de Conclusão de Curso, tem o objetivo de analisar o discurso dos Profissionais da Educação sobre a medicalização do processo de ensino e aprendizagem, procurando entender o que os leva a sugerirem a possibilidade do uso da medicação, bem como entender o processo de encaminhamento a especialistas. A metodologia deste estudo foi de investigação qualitativa e a coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas, com seis profissionais da Educação de duas escolas, uma municipal e a outra estadual, de uma cidade do Vale do Taquari/RS. Os dados coletados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2011), além de ler o que transcrevemos, devemos nos questionar sobre o que estamos lendo, a fim de compreender o que a pessoa queria dizer e como disse, bem como comparar uma entrevista com a outra, tentando entender qual o pensamento que os entrevistados apresentaram e/ou tentaram nos passar, conforme o tema a ser investigado. A partir da transcrição das entrevistas foi feito um levantamento das falas mais evidentes dos entrevistados e elencadas três categorias a partir da fala dos entrevistados: 1) Família e Escola: quais as funções de cada uma?; 2) Ensino e Aprendizagem: o comportamento em destaque; 3) Os encaminhamentos e a rede de cuidados. Como resultados, percebe-se a necessidade dos profissionais da Educação solicitarem ajuda de especialistas, na resolução de problemas em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Destaca-se também a ausência da família naquele processo, além da confusão do papel da família e da escola. Assim, aponta-se para a necessidade do encontro entre escola e família, e de um olhar diferenciado e de atenção para os alunos, fazendo com que os especialistas, quando necessário, participem da construção do processo ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Medicalização. Ensino e Aprendizagem. Escola. Análise de Conteúdo.

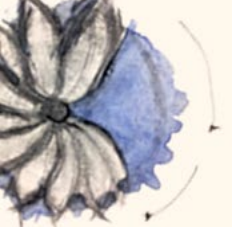
REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Subsídios para a campanha não à medicalização da vida: medicalização da educação*. Gestão 2011-2013. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2014.

1 Univates, Psicologia, daiarsilva@hotmail.com

2 Univates, Psicologia, suzifs@univates.br



MENINOS QUE BRINCAM COM BONECAS VIRAM MENINAS? DIFERENÇAS DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS

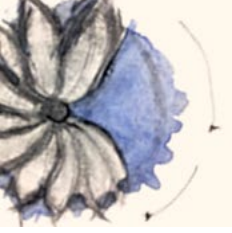
Rafaela Junges¹

GRUPO DE TRABALHO: 1. PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O presente trabalho é uma pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC), cujo tema é Gênero na Educação Infantil, orientado pela professora Suzana Feldens Schwertner. Como objetivos podemos destacar: conhecer como as crianças se relacionam/interagem com brinquedos trazidos de casa ou presentes na escola de Educação Infantil, bem como perceber se há diferença na escolha dos brinquedos por meninos e meninas. Além disso, pretende-se investigar se há relação entre as cores presentes nos brinquedos e as diferenças de gênero. Trata-se de uma abordagem de cunho qualitativo, uma vez que nos interessam as expressões, movimentos e as falas das crianças em sua singularidade. A metodologia a ser utilizada é a cartográfica, que permite uma escuta sensível, um olhar atento sobre os territórios a serem investigados. Sendo assim, foram feitas observações e registros das atitudes e reações das crianças nos momentos de brincadeiras na escola, livres ou propostos pela pesquisadora. A pesquisa foi concluída em novembro de 2014, entretanto, não buscamos respostas certas ou erradas em relação as diferentes reações das crianças frente as diferenças de gênero. A partir da realização deste trabalho, pode-se perceber que a marcação das diferenças de gênero não são propostas pelas crianças, mas pelo meio em que estão inseridas, especialmente pelos pais e pela sociedade em geral. Se percebe, que a partir de um momento em que se coloca a temática em discussão, as crianças parecem entender os estereótipos de gênero presentes no contexto por meio dos brinquedos. Entendem também que o brincar é uma expressão livre, que não precisa ser marcada pelos estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Educação Infantil. Brinquedos.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Univates, rafaela_junges@hotmail.com



MESTRADO EM ENSINO DA UNIVATES: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

Inauã Weirich Ribeiro¹

Maria Isabel Lopes²

Rogério José Schuck³

GRUPO DE TRABALHO: 1. PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Uma das características centrais do pensamento contemporâneo é a complexidade, sobretudo devido às suas ferramentas conceituais e metodológicas, configuração esta difícil para a compreensão dos docentes. Ao pensar esse contexto, muitos educadores enfrentam um dos seus maiores inimigos, “que é formado pela resistente e encravada tradição da pedagogia moderna, expressa, nas ‘receitas’ de ajuda e nos ‘manuais’ de autoajuda” (CORAZZA, 2013). Cada vez mais o espaço escolar está sendo informatizado, sendo que, aos poucos, passa a integrar a cibercultura (LÉVY, 1999). Esse trabalho apresenta uma discussão feita na pesquisa *Iniciação à Pesquisa e Ensino: Do Sul ao Norte e Nordeste do Brasil*, do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão – PROPEX, do Centro Universitário UNIVATES, que levou ao redirecionamento da proposta de investigação. Tem como objetivo compreender como alunos do Mestrado em Ensino da Univates, oriundos das regiões Sul, Norte e Nordeste do Brasil estão relacionando as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs com os processos de ensino e de aprendizagem. Torna-se relevante pensar sobre essa relação porque passamos para o estágio onde a modernidade tornou a ser líquida, transformando as instituições, de modo que estas não conseguem se manter iguais por muito tempo (BAUMAN, 2007). Visando aprofundar essa reflexão, buscar-se-á através de entrevistas semi-estruturadas, que serão gravadas e transcritas, entender quais compreensões sobre TICs se apresentam e de que forma os sujeitos da pesquisa as entendem? As entrevistas acontecerão a partir da autorização da população investigada, que assinará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O trabalho, em forma de proposta de pesquisa a ser realizado em 2015, pretende perceber quanto as TICs são significativas na concepção dos alunos mestrandos que atuam como docentes na Educação Básica. Ainda pretende identificar as situações nas quais esses docentes as utilizam em sala de aula e analisar como eles problematizam esse uso nos processos de ensino e a aprendizagem junto aos seus alunos. Nesse sentido, a possibilidade de uma apresentação prévia no I Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade: Experimentações Curriculares, será uma oportunidade de partilhar as pretensões da Pesquisa, assim como motivar o grupo para um maior aprofundamento e revisão teórica.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. TICs.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

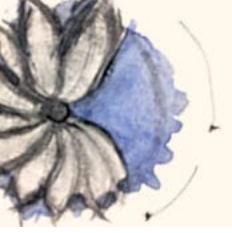
CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre – RS: UFRGS; Doisa, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo-SP: Editora 34, 1999.

1 Univates, História, CNPQ, iwribeiro@universo.univates.br.

2 Univates, Pedagogia, milopes@univates.br.

3 Univates, PPGEnsino, PPGECE, Pedagogia, rogerios@univates.br.



MODELAGEM MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO COM CRIANÇAS DA FAIXA ETÁRIA DE 4 A 5 ANOS

Patrícia Fernanda da Silva¹

Orientador: Claus Haetinger²

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O presente trabalho, vinculado ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas do Centro Universitário Univates, surgiu a partir da curiosidade em pesquisar ações efetivas na aprendizagem durante a primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil. Objetivou estudar de que modo a Modelagem Matemática contribuiu no processo de construção da aprendizagem de crianças da faixa etária de 4 a 5 anos de idade, em particular no âmbito da Matemática. Para o decorrente estudo, a metodologia utilizada fundamentou-se na Modelagem Matemática como estratégia de ensino para as crianças, que frequentam a turma C, da Escola de Educação Infantil Mundo Encantado, do Município de Lajeado/RS. A partir de observações, realizadas na turma e após verificados quais eram os interesses, necessidades e curiosidades, ocorreu o desenvolvimento de situações de aprendizagem, contemplando e utilizando as Linguagens Geradoras propostas por Junqueira Filho (2005). Ao concluir este trabalho, verificou-se que a Modelagem Matemática é uma estratégia de ensino que pode contribuir no processo de construção de conhecimentos matemáticos, raciocínio lógico, no desenvolvimento da linguagem e da autonomia diante da resolução das situações, bem como diferentes formas de resolvê-las.

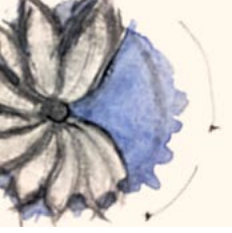
Palavras-chave: Modelagem Matemática. Educação Infantil. Aprendizagem. Linguagens Geradoras.

REFERÊNCIAS:

- BASSANEZI, Rodney Carlos. *Ensino – aprendizagem com modelagem matemática: uma nova estratégia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BIEMBENGUT, M. S. & HEIN, N. *Modelagem matemática no ensino*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SMOLE, Kátia Cristina Stoco. *A matemática na educação infantil: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

1 UFRGS, Aluna do PPGIE, patriciasilva@universo.univates.br.

2 Univates, Professor Titular, chaet@univates.br.



O EMPREENDEDORISMO DA PROFESSORA E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO A PARTIR DO PROTAGONISMO INFANTIL

Mariângela Costa Schneider¹

Jacqueline Silva da Silva²

Orientadora: Silvana Neumann Martins³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: A partir da pesquisa “Mestrado para Formação de Docentes: um locus de (re) construção e aprendizagem”, dos cursos de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas – PPGECE, e Mestrado em Ensino, da Univates, realizou-se uma entrevista com uma professora atuante tanto no Ensino Superior da Univates, quanto na Educação Básica. A entrevista teve como objetivo verificar as características empreendedoras desta professora, e conhecer suas práticas pedagógicas junto aos alunos, identificando traços do empreendedorismo e do Protagonismo Infantil. O conceito Empreendedorismo foi fundamentado nos estudos de Dolabela (1999). Já o conceito Protagonismo Infantil, foi baseado nos estudos de Reggio Emilia/Itália. Por Protagonismo Infantil entende-se a criança potente, capaz de criar mapas para a sua própria aprendizagem (MALAGUZZI, 1999; RINALDI, 2012). A partir da entrevista com a professora, e dos aportes teóricos da pesquisa, realizou-se um estudo a respeito da forma com que a professora entrevistada organiza seu trabalho pedagógico com alunos do Primeiro Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos. Como resultados, aponta-se que o empreendedorismo da professora contribuiu para que a mesma desenvolvesse uma prática pedagógica diferenciada, permitindo que o Protagonismo Infantil fosse favorecido.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Protagonismo Infantil. Trabalho Pedagógico. Professora.

REFERÊNCIAS

DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura, 1999.

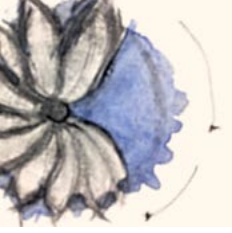
MALAGUZZI, Loris. Histórias, Idéias e Filosofia Básica. IN: EDWARDS, Carolyn. *As Cem Linguagens da Criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*/Carolyn Edwards, LellaGandini, George Forman; tradução Dayse Batista. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender*. Tradução: Vânia Cury. – 1.ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2012.

1 Univates, Mestrado em Ensino, PROSUP/CAPES, mariangelac@universo.univates.br

2 Univates, Doutora em Educação, Professora do curso de Mestrado em Ensino, jacqueh@univates.br

3 Univates, Doutora em Educação, Professora do curso de Mestrado em Ensino, smartins@univates.br



O PROGRAMA ESCOLA ABERTA COMO UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO DE CASO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE

Deivid de Souza Soares¹

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O artigo, do qual se origina este resumo, é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como conclusão do curso de Graduação à Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia Anos Iniciais e Educação Infantil. Sob a orientação da Professora Dra. Maria Conceição Pillon Christófoli, o autor desenvolveu uma pesquisa qualitativa descritiva, com procedimento técnico de estudo de campo, realizada através do levantamento de informações em livros, repositórios institucionais de teses e dissertações, artigos publicados nos principais periódicos eletrônicos da área, Portal da Capes e Scielo, que contêm achados importantes à reflexão sobre a temática em questão. O interesse em discorrer sobre o tema veio do fato do autor vivenciar na prática o Programa Escola Aberta, desenvolvido na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Seguindo esta temática, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: “O Programa Escola Aberta pode ser considerado um espaço alternativo de Educação de Jovens e Adultos? Para responder este questionamento foram delimitados os seguintes objetivos específicos: a) caracterizar o Programa Escola; b) Identificar oficinas oferecidas no Programa e; c) Observar a frequência e continuidade de Jovens e Adultos no Programa Escola Aberta. Este TCC foi dividido em três grandes capítulos: a) O Histórico da EJA bi Brasil e Educação Continuada, b) O Programa Escola Aberta; c) A caracterização Atual da EJA. O artigo a ser apresentado neste seminário terá como foco principal o capítulo referente ao Programa Escola Aberta desenvolvido na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. A Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, ingressou no Programa no dia 17 de setembro de 2005; e, atualmente, 31 escolas, espalhadas pelas regiões da cidade, estão inseridas no mesmo. A proposta deste programa é que as escolas fiquem abertas nos finais de semana, oferecendo oficinas em quatro grandes áreas: arte/cultura, esporte/lazer, geração de renda e ainda formação educativa complementar. O autor apresenta, através de gráficos, as oficinas oferecidas às comunidades dentro das quatro grandes áreas e um relato das atribuições da equipe executora destas oficinas. Os resultados apontaram que não só um, mas a combinação de todos os elementos trabalhados nestas análises que contribuem na produção de sujeitos mais humanizados, críticos e inseridos na sociedade.

Palavras-chave: Programa Escola Aberta. Aprendizagem ao longo da vida. Educação ao Longo da Vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 03, de 01 de abril de 2010, do Conselho Deliberativo do FNDE. 2010.

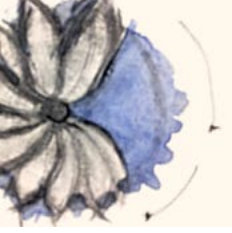
BRASIL. *Proposta Pedagógica do Programa Escola Aberta*. 2007.

GUARÁ, Isa Maria. *Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola além da escola*. Brasília: abr. 2009, v.22. n.80, p.65-81. Disponível em: <[HTTP://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewfile/1471/12220](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewfile/1471/12220)>. Acesso em: 15. jan. 2015.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M.C. Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 14, p. 108-130, maio/ago.2000.

SOARES, Leôncio. *Educação de Jovens e Adultos: Diretrizes Curriculares Nacionais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

¹ Pedagogo Séries Iniciais da Prefeitura de Charqueadas, deividdesouza@yahoo.com.br.



PENSAR EXISTIR JUNTO A PRODUÇÃO MATEMÁTICA: TENSÃO E ATENÇÃO NA PROCESSUALIDADE DA FORMAÇÃO DOCENTE

Margareth A. Sacramento Rotondo¹

Fernanda de Azevedo Oliveira²

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Um curso de extensão ocupado com a produção matemática tensionando formação e pensamento. Nele, professoras e professores que ensinam matemática nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de uma cidade do interior mineiro se encontram com uma equipe de pesquisa. Encontros semanais, durante o ano de 2014, colocam concepções de matemática e de educação como problema através de atividades matemáticas junto a abordagens didáticos-metodológicas estudadas na área de Educação Matemática. Desestabilização de pensares e de formas constituídas acionam um viver com e na perturbação da processualidade do produzir-se. Formação tomada como problema, formação enquanto fazimento de formas não acabadas, formação aproximando-se do tornar-se o que se é nietzschiano. Algumas angústias se apresentam. Alegrias e encantos, também. Desestabilização de formas e modos acionam uma tensão e uma atenção ao pensar e ao existir. Pensar e existir coegendrados solicitam um cuidar da não-forma em processualidade, num cuidado de si. Cuidado de si numa aproximação ao que dá a pensar Foucault. Tornar-se professor(a) de matemática sendo professor(a). Uma questão ronda aqueles encontros: como ao produzir matemática um professor(a) se produz? Outra, ainda: como um(a) educador(a) matemático(a) aciona modos de pensar, então de existir, em suas salas de aula? E muitas outras fazem eco: Ele(a) pode isto? O que pode um(a) professor(a) inventar em suas salas de aula? Corpos remexidos, deformados, abalados vão se apresentando. Passeiam inventando caminhos na formação. Caminhos não, trilhas. Trilhas na invenção de si, na invenção de pensamento, na invenção de modos de se tornar professor(a) de matemática. Invenção de si e do mundo como tratada por Virgínia Kastrup. Invenção de trilhas na imanência do produzir-se educador(a) matemático(a) produzem modos outros de estar em salas de aula de matemática. Produção matemática disparando inquietações com a educação. Inquietações se tornando escrita e fala, num movimento de autobiografar-se, em afinação com a proposta de Duque-Estrada, se tornando narrativas de si. Produção de um si em produção com a formação, disparando a constituição de si. Narrativas compondo um pesquisar que pensa formação como processualidade na tensão e na atenção com o pensar e o existir.

Palavras-chave: Formação. Educação Matemática. Invenção. Pensamento.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 2006b.

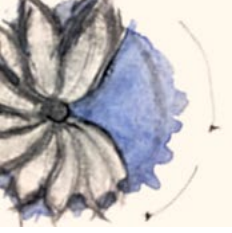
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução A. Guerra Neto e C.P. Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Vol. 1.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-Saber* (Ditos e Escritos, vol. IV). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

1 Universidade Federal de Juiz de Fora, CAPES/FAPEMIG, margarethrotondo@gmail.com.

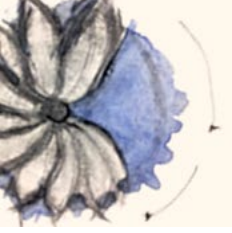
2 Universidade Federal de Juiz de Fora, CAPES/FAPEMIG, azevedof.oliveira@gmail.com.



FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KASTRUP, Virgínia. *A Invenção de si e do Mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papyrus, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. O Eterno Retorno (*A Vontade de Potência*, textos de 1884-1888). In: *Nietzsche: obras incompletas*. Tradução R.R. Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. [original 1884-1888], p. 443-450. (Os Pensadores).



PIBID UNIVATES: FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E ESPÍRITO EMPREENDEDOR

Janaina da Costa¹

Silvana Neumann Martins²

Orientadora: Jacqueline Silva da Silva³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa do governo federal, que concede bolsas a alunos de Licenciatura, participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior em parceria com escolas de Educação Básica da rede pública de ensino. Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado: “Mestrados para Formação de Docentes: um *locus* de (re)construção e de aprendizagem, e objetiva investigar o quanto os alunos da instituição Univates, que participam como bolsistas do Pibid, estão sendo empreendedores no cenário escolar em que atuam como bolsistas. A fim de elucidar a problemática apresentada, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas aos 115 alunos, graduandos em Licenciatura, que participam do Pibid Univates. O questionário foi dividido em quatro partes: perfil dos entrevistados; a formação inicial e o espírito empreendedor; a formação inicial e as metodologias ativas e gestão escolar, sendo que este trabalho aborda os dados coletados na parte “o espírito empreendedor e a formação inicial”. A pesquisa aqui proposta caracteriza-se como um estudo de caso com abordagem qualitativa. Os sujeitos participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A análise dos dados coletados seguiu os pressupostos da Análise Textual Discursiva (MORAES E GALIAZI, 2007). Os resultados apontaram, até o momento, que o PIBID está contribuindo para que os bolsistas estejam desenvolvendo um espírito empreendedor (DOLABELA, 1999), pois os sujeitos pesquisados apontam em suas respostas que estão indo ao encontro de características do perfil de um empreendedor, já que colocam que estão buscando novos conhecimentos e oportunidades, estão estabelecendo metas em suas ações educativas, estão mais comprometidos com sua formação e estão, cada vez mais, aprendendo a lidar com os imprevistos.

Palavras-chave: Formação inicial de professores. Espírito empreendedor. Pibid Univates.

REFERÊNCIAS:

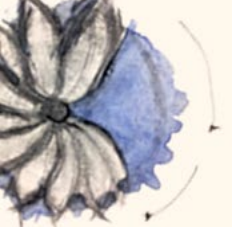
DOLABELLA, Fernando. *O segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

MORAES, Roque. *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*. In: MORAES, R; GALIAZZI, M. C. (orgs.). *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2007.

1 Centro Universitário UNIVATES, Psicologia, Univates. janadc@gmail.com.

2 Centro Universitário UNIVATES, Letras, Univates. smartins@univates.br.

3 Centro Universitário UNIVATES, Pedagogia, Univates. jacqueh@univates.br.



PIBID/UNIVATES: O DIFERENCIAL NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Sabrina Fabiola Hüther¹

Orientadoras: Silvana Neumann Martins e Jacqueline Silva da Silva²

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) visa a inserir o estudante de licenciatura na sala de aula, proporcionando a prática e buscando a experiência ao longo da formação inicial. O Programa é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESu), da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). No Centro Universitário UNIVATES, o Programa conta com dez subprojetos que representam todos os cursos de licenciatura. O trabalho aqui apresentado faz parte de uma pesquisa desenvolvida na instituição, intitulada: **Mestrados para Formação de Docentes: um locus de (re) construção e aprendizagem**, e busca saber os motivos que levaram os graduandos em licenciatura a buscar a inserção no Pibid. Este estudo aproxima-se das características de um estudo de caso com abordagem quali-quantitativa. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas, que foi respondido por cento e doze bolsistas. Este trabalho faz um recorte e traz para reflexão a parte quantitativa da pesquisa, buscando compreender os motivos que levaram os graduandos a participar do Programa. A partir dos dados coletados pode-se perceber que em primeiro lugar os alunos buscam o Pibid para adquirirem experiência docente, em segundo lugar, para ampliar a formação docente e em terceiro lugar, para buscar conhecimentos. Percebe-se, até o momento, que a grande maioria dos entrevistados procuram o Pibid para aperfeiçoar sua formação profissional, não priorizando o subsídio financeiro.

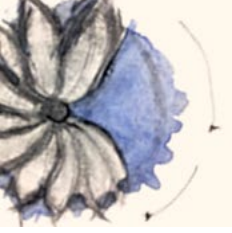
Palavras-chave: Experiência docente. Prática docente. Graduandos em licenciatura.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. *Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010*. Diário Oficial da União. Nº120. Brasília, 25 de junho de 2010. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/DecretoPIBID_240610.pdf>. Acesso em 19 jan. 2015.

¹ Univates, História. bynahuther@gmail.com.

² Univates, Pedagogia. smartins@univates.br / jacqueh@univates.br



POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS EXATAS NA PRÁTICA DOCENTE SOB O OLHAR DO EGRESSO

Thaís Rodriguez Trindade¹

Miriam Ines Marchi²

Andreia Aparecida Guimarães Strohschoen³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Os cursos de pós-graduação contribuem para qualificação de profissionais que atuam em diferentes áreas do conhecimento nos setores público e privado, no âmbito acadêmico e profissional (BRASIL, 2009). Particularmente, o Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas (PPGECE) do Centro Universitário UNIVATES pretende formar profissionais multidisciplinares e que busquem inovar as práticas pedagógicas, a partir de tecnologias e novos olhares sobre a educação. Tendo em vista o exposto, o presente trabalho tem como objetivo verificar de que forma este mestrado está contribuindo na forma em que os egressos desenvolvem, no seu espaço de atuação, práticas (pedagógicas ou gestoras) empreendedoras e inovadoras, norteadas por metodologias ativas. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada, que foi gravada e transcrita. A amostra é constituída de um participante de cada turma de ingresso entre 2007 e 2011 (turmas de 1 a 5), totalizando cinco professores de Instituições do ensino básico e/ou superior. As questões buscam compreender quais conceitos os egressos tinham sobre ensino, aprendizagem e sobre metodologias ativas, de que forma desenvolvem suas atividades em sala de aula, e se o Mestrado PPGECE ajudou na sua prática pedagógica. Questionados sobre o conceito de ensino e o de aprendizagem, apenas um deles conseguiu definir o que é ensino e dois deles conseguiram relatar um conceito sobre aprendizagem. Todos, de alguma forma, fizeram inovações na sua prática docente, porém ficaram mais explícitas na fala de apenas dois professores. Quando questionados sobre suas concepções de metodologias ativas, apenas um soube defini-las. Sobre a percepção deles em relação à prática docente antes do ingresso no mestrado, as respostas foram vagas, contudo relataram mudanças quanto às leituras e estudos realizados neste período. Referindo-se às contribuições que o mestrado trouxe para a prática docente, mencionaram a mudança de metodologia no sentido de organizações das aulas, além de proporcionar conhecer um pouco mais a vida dos alunos e como eles enxergam a matemática. A partir da análise, conclui-se que o mestrado tem evoluído durante os anos, acrescentando características positivas para os egressos, pois cada um deles mostrou-se mais preparado para organizar as aulas.

Palavras-chave: Mestrado Profissional. Prática docente. Metodologia de Ensino.

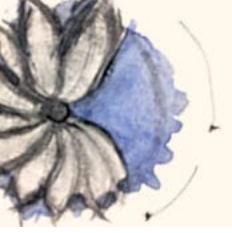
REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa n. 17, de 22 de junho de 2009. *Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jun.2009. Seção 1. p. 31. Disponível em: <http://www.profmat-sbm.org.br/docs/Portaria_Normativa_MEC17_28_12_2009.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2014.

1 Centro Universitário UNIVATES, Fisioterapia, tuuxa.t@hotmail.com

2 Centro Universitário UNIVATES, Química Industrial, mimarchi@univates.br

3 Centro Universitário UNIVATES, Ciências Biológicas, aaguim@univates.br



PRINCÍPIOS CRIATIVOS CONCEBIDOS A PARTIR DAS NOÇÕES DE PRÉ-COISAS E DA ATIVIDADE DE TRANSVER DE MANOEL DE BARROS

Carina Prina Carlan da Costa¹

Cristiano Bedin da Costa²

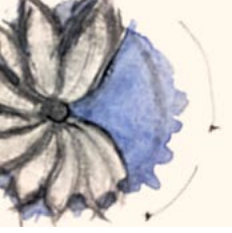
GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Esta pesquisa visa a estudar a poesia de Manoel de Barros, como contribuição ao processo criativo do projetista/desenhista (*designer*) no âmbito inicial de um projeto de concepção/desenho (*design*). Dá-se atenção especial a duas abordagens da obra do poeta: as 'pré-coisas' e a atividade de 'transver', que consistem, respectivamente, nos processos ainda sem significado ou forma, e naqueles vistos de outras maneiras. A partir destes conceitos, estabelece-se relações com alguns princípios criativos e ferramentas de auxílio à geração de ideias já existentes. Desta maneira, encontra-se possibilidade de gerar novos princípios criativos a partir da poesia do autor. Para viabilizar esta hipótese, busca-se suporte teórico em estudos de semiologia, em abordagens sobre criatividade e nas relações do processo (*design*) com forma, função, material e sensações atribuídos aos produtos. Desta maneira, esta pesquisa resulta na geração de três princípios criativos gerados a partir das noções de 'pré-coisas' e da atividade de 'transver'. Esses, denominaram-se, respectivamente, Princípio de Arquissema, que se fundamenta em pensar "no antes", Princípio de Comparamento, o qual visa a atribuir semelhanças, e Princípio de Constativo, que busca ampliar a significação de objetos. Para melhor entender como esses princípios se relacionam ao processo criativo do desenhista (*designer*), realizam-se dois exemplos, nos quais se buscou gerar ideias com auxílio dos princípios propostos. Utiliza-se, como exemplo, um objeto ainda em plano conceitual, chamado por Manoel de Barros de 'desobjeto', ou "abridor de amanhecer", a fim de ofertar sugestões para que tal desobjeto passasse a ser um objeto. Por fim, também problematizou-se um tema ocasional, optando-se pelo da chuva, a fim de fornecer ideias, ainda conceituais, às consequências que ela possa causar.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Criatividade. Princípios Criativos. Geração de Ideias.

1 Profa. na Universidade Luterana do Brasil, carinapcarlan@gmail.com

2 Prof. Dr. na Univates. cristianobedindacosta@hotmail.com



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E A GESTÃO ESCOLAR

Emanuelli Luisa Johann¹

Daiani Clesnei da Rosa²

Orientadora: Silvana Neumann Martins³

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: Fundado no ano de 2007, como uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, popularmente chamado de Pibid, surgiu para atender as necessidades e melhorias no ensino das escolas de Educação Básica e a preparação dos professores em formação inicial para o magistério. Visando a qualificação e valorização do magistério, o programa concede bolsas a alunos que estão matriculados em cursos de licenciatura, vinculados ao projeto de iniciação à docência desenvolvido por Instituições de Ensino Superior (IES) em parceria com escolas públicas de Educação Básica. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência propõe que os alunos ainda em formação, tenham contato com a realidade escolar, participem de ações, experiências e práticas docentes inovadoras. Esta pesquisa tem por objetivo analisar de que forma o Pibid contribui na formação de professores gestores, pois partindo do princípio da gestão democrática da escola pública, não só diretores e supervisores são responsáveis pela gestão da escola, mas também os professores e toda a comunidade. O presente estudo está vinculado ao projeto de pesquisa “Mestrados para Formação de Docentes: um locus de (re) construção e aprendizagem”. A pesquisa aqui proposta caracteriza-se como um estudo de caso com abordagem qualitativa. Como forma de produção de dados, 115 bolsistas participantes do Pibid responderam a um questionário dividido em quatro partes: “perfil do bolsista”, “empreendedorismo”, “metodologias ativas” e “gestão escolar”. O trabalho aqui apresentado destina-se à análise da unidade “gestão escolar”. A análise dos dados coletados está seguindo os pressupostos da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2007), que prevê a desconstrução dos textos e a organização dos elementos unidades de sentido ou de significado. Através desta pesquisa está sendo possível perceber que o Pibid contribui para que os bolsistas desenvolvam características gestoras, pois os dados mostram que os respondentes estão mais participativos, estimulando o trabalho em grupo, a responsabilidade e a tomada de decisões, bem como a interação entre a Instituição de Ensino Superior, escola de Educação Básica e a comunidade escolar.

Palavras-chave: Pibid. Formação docente inicial. Gestão escolar.

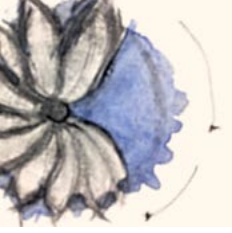
REFERÊNCIAS

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: MORAES, R; GALIAZZI, M. C. (orgs.). **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

1 Univates, Pedagogia, emanuelli.johann@gmail.com

2 Univates, dcrosa@univates.br

3 Univates, professora dos Programas de Pós-Graduação em Ensino e em Ensino de Ciências Exatas, smartins@univates.br



PROPOSTA POÉTICA-POLÍTICA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS

Jane Mazzarino¹

GRUPO DE TRABALHO: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O objetivo do ensaio é discutir teoricamente práticas, paradigmas e propostas em educação ambiental a partir de um estudo bibliográfico. São realizados estudos empíricos, coletados a partir da inserção da palavra “educação ambiental” no ambiente “scielo”, que reúne artigos de diversas revistas científicas qualificadas (os quais focam, predominantemente, os processos formais. De modo geral, os estudos apontam que a abordagem mobilizadora, vastamente defendida por diferentes autores, não é relatada nos estudos científicos como uma observação empírica, mas sempre como um processo a ser construído. Esta proposta política está presente de modo hegemônico nos documentos oficiais brasileiros sobre educação ambiental e de contribuições de autores da área. Os documentos analisados são a Nacional de Educação Ambiental (PNEA), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) e o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que norteia a educação ambiental global. A partir de sua análise crítica aborda-se como os mesmos documentos e alguns autores ressaltam a necessidade de valorar a dimensão poética, esta percebida como potência inventiva a partir da experiência. Por fim, sintetiza-se a reflexão em uma proposta poética-política para a educação ambiental como contribuição para os processos educativos formais e não formais.

Palavras-chave: Educação ambiental. Paradigmas. Vivências.

REFERÊNCIAS

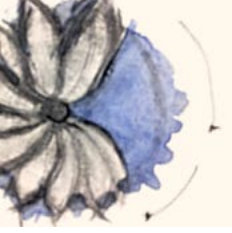
BRASIL. *Política Nacional de Educação Ambiental*. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 1999. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 14 de junho de 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente/Saúde*. Secretaria de Educação. Brasília: MEC, 1997. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>. Acesso em 01 de dezembro de 2013.

BRASIL. *Programa Nacional de Educação Ambiental*. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/pronea_3.pdf Acesso em 17 de outubro de 2014.

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf> Acesso em 29 de janeiro de 2014.

¹ Centro Universitário UNIVATES, PPG Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD, Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), Cursos de Comunicação Social, CNPq. E-mail: janemazzarino@univates.br



QUAIS AS FUNÇÕES DA ESCOLA HOJE? A VOZ E O OLHAR DE ESTUDANTES CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO

Suzana Feldens Schwertner¹

Eluize Santin de Oliveira²

Ieda Maria Giongo³

GRUPO DE PESQUISA: PESQUISA E EDUCAÇÃO

Resumo: O projeto de pesquisa “A escola e as novas configurações da contemporaneidade: a voz de estudantes concluintes do Ensino Médio e Fundamental” (MCTI/CNPQ/Universal 14/2014), iniciado em agosto de 2014, é resultado de inquietações provocadas pela pesquisa “A escola e as novas configurações da contemporaneidade”, vinculada ao projeto Ciências Exatas da Escola Básica ao Ensino Superior, do Centro Universitário UNIVATES, com o apoio do CNPq (07/2011). O problema central da pesquisa pergunta sobre as funções e papéis da escola e das Ciências Exatas na contemporaneidade, investigando como a instituição escolar, em suas configurações atuais, aparece nos discursos e nas imagens produzidos por jovens estudantes. Este projeto apresenta como aporte teórico estudos pós-estruturalistas em Educação de autores como: Michel Foucault (2002a; 2002b), Júlio G. Aquino (1996; 2002) e Jorge Larrosa (2000; 2004). Os objetivos deste projeto buscam, especialmente, entender a presença e importância da escola na vida dos estudantes, buscando incentivar formas de pensar este ator institucional enquanto constituinte e pertencente a este processo. A proposta metodológica está configurada a partir de grupos focais com estudantes de turmas concluintes do Ensino Fundamental e Médio de escola públicas e privadas do Vale do Taquari/RS. No segundo semestre de 2014, foram realizados quatro encontros com 15 estudantes do Ensino Médio de uma escola pública. Associado ao trabalho com grupos focais, utilizou-se também a proposta de foto-elicitação, proposta por Markus Banks (2001), que a destaca como um instrumento para investigação de temáticas contemporâneas. Como resultados iniciais, podemos apontar para a intensa e motivada participação dos estudantes no trabalho investigativo, a propriedade de discussão sobre questões da Educação contemporânea, envolvendo aspectos como ensino público versus ensino privado; escola como espaço de amizade; *bullying*; Ensino Médio Politécnico; usos da Matemática na vida cotidiana. Com as imagens, discutiu-se sobre a coletividade do trabalho na escola, a sua valorização e importância pelos estudantes e a afirmação daquele como um espaço de encontros e de aprendizagem. Espera-se, com a continuação desta investigação, uma ampliação das discussões acerca das funções da escola na atualidade e do lugar ocupado pelas Ciências Exatas para os jovens estudantes.

Palavras-chave: Escola. Estudantes. Fotografia. Grupo Focal. Ciências Exatas.

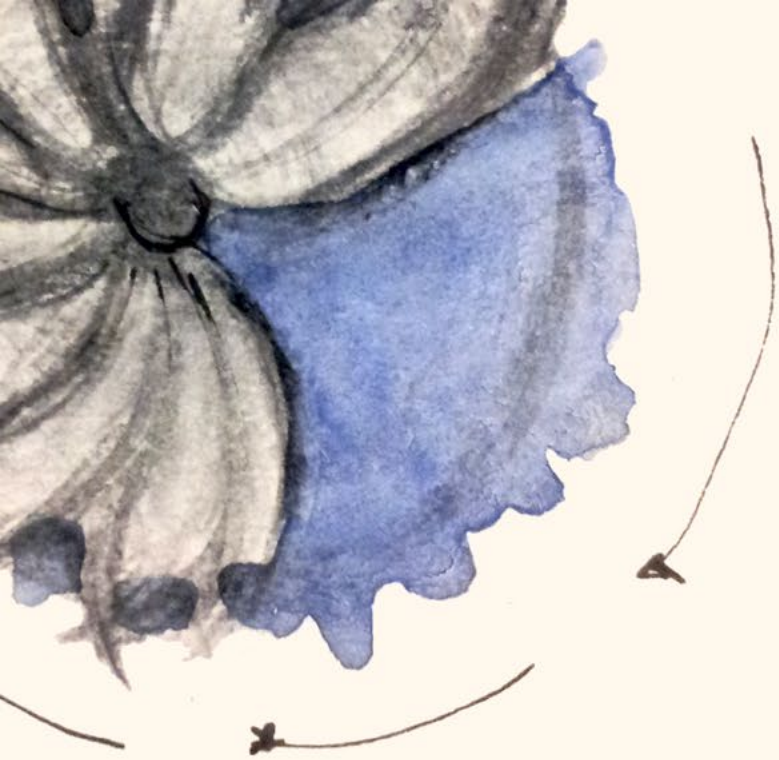
REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio G. *Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e os seus avessos*. São Paulo: Summus, 2000.
- BANKS, Markus. *Visual methods in social research*. London: Sage, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2002a.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

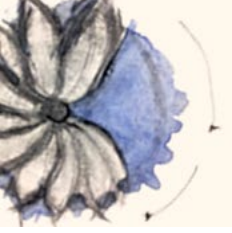
1 Univates, Mestrado em Ensino, CNPq, suzifs@univates.br

2 Univates, CNPq, eluzesantin@hotmail.com

3 Univates, Mestrado em Ensino, Mestrado em Ensino de Ciências Exatas, CNPq, igiongo@univates.br



Estudos da Infância



“ÀS VEZES EU ACHO QUE É... OUTRAS VEZES ACHO QUE NÃO É”: PRÁTICAS DISCURSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL VOLTADAS À INCLUSÃO

Estela Reichert¹

Rosemary Kennedy²

Renata Porcher Scherer³

Orientadora: Maria Cláudia Dal'Ígna⁴

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: Apresenta-se neste artigo uma investigação sobre o funcionamento do Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltado para a Educação Infantil em um município do Rio Grande do Sul. A pesquisa teve como objetivo examinar qual é o papel desses apoios na inclusão de crianças. Para isso, toma-se como objeto empírico o material produzido a partir de entrevistas semiestruturadas com professoras que atuam no AEE, que tem como público-alvo a Educação Infantil. A pesquisa fundamentou-se a partir da perspectiva pós-estruturalista, assumindo como referencial o pensamento de Michel Foucault. Assim, o conceito de discurso foi utilizado como ferramenta teórico-metodológica para tratar, organizar e analisar o volume de informações produzidas a partir do exame do material empírico. Os resultados da pesquisa possibilitaram afirmar que: 1) cada vez mais cedo os alunos são olhados/nomeados como 'normais' ou 'anormais' devido ao olhar do 'especialista' nas escolas de Educação Infantil. Foi possível identificar nas falas das professoras um conjunto de critérios (ou a falta deles) para o aluno frequentar o AEE, o que pode ser tomado como amostra de uma concepção moderna de normalidade, que define a partir de uma norma preestabelecida o que seria considerado (a)normal, sugerindo *correções* (LOPES e FABRIS 2013). 2) o conceito de diferença é trazido pelas professoras entrevistadas como sinônimo de diversidade, operando para a normalização/correção destas diferenças. De acordo com LOPES (2007), a partir dessa compreensão acabamos tomando a diferença como uma materialidade que acaba em si mesma; sendo assim, compreendemos a diferença como algo negativo, que o sujeito porta e que necessita ser corrigido/normalizado. Quando esse atendimento se volta para a Educação Infantil, cada vez mais cedo atuamos de forma a corrigir/normalizar esses indivíduos considerados diferentes. 3) a organização do AEE para Educação Infantil necessita de um enfoque específico, considerando as características das crianças nessa faixa-etária. Foi possível evidenciar como algumas professoras dentro da sua atuação neste espaço, começam a experimentar diferentes estratégias para pensar a inclusão desses alunos na escola regular.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Atendimento Educacional Especializado. Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

FABRIS, Elí Terezinha Henn. LOPES, Maura Corcini. *Inclusão & Educação*. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

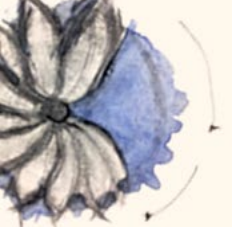
LOPES, Maura Corcini. Inclusão escolar, currículo, diferença e identidade. In: _____; DAL'ÍGNA Maria Cláudia (Org.). *In/exclusão: nas tramas da escola*. Canoas: Ed. Ulbra, 2007. p. 11-33.

1 UNISINOS, Mestrado em Educação, CAPES, estela.reichert@hotmail.com.

2 UNISINOS, Mestrado em Educação, CAPES, rk.silveira@hotmail.com.

3 UNISINOS, Mestrado em Educação, CNPq, renata_ps3@yahoo.com.br.

4 UNISINOS, mcdaligna@hotmail.com.



A PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO CURRÍCULO DAS INFÂNCIAS

Loide Pereira Trois¹

Queila Vasconcelos²

Maria Carmen Silveira Barbosa³

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: O foco deste estudo é a participação infantil no espaço educativo, compreendida como os modos pelos quais as crianças interrogam e constituem o cotidiano na escola. Segundo Fernandes (2006), a participação é o desenvolvimento de um processo de expansão das liberdades das pessoas. Nossa discussão tem como princípios a afirmação da capacidade da criança e dos seus saberes, das práticas que valorizam as escolhas e a liberdade de ação das crianças em seus contextos de relações. Para este estudo entrelaçamos o resultado de duas pesquisas realizadas respectivamente, numa escola infantil particular e numa municipal que tiveram como objetivo investigar as ações que as crianças produzem e seus efeitos no currículo. O conceito de Infância como Outro proposto por Larrosa (2010) constituiu o modo de olhar as crianças em sua alteridade. Neste sentido foi preciso escutar as crianças, sem buscar dominá-las mas observando suas formas de ser e estar na escola, os modos como estabeleceram as relações entre elas, com os adultos e com os objetos. A observação participante, conceituada por Fino (2003) foi a atitude investigativa destes estudos. As observações foram feitas, em espaços abertos e coletivos, bem como nas plenárias realizadas por ocasião das assembleias infantis. Partindo de conceitos da Fotoetnografia, proposta por Achutti (2004), estabelecemos os pontos-âncora de observação utilizando a fotografia como narração. As fotos apresentadas nesse estudo constituem o corpus narrativo que conferiu visibilidade das infâncias, e com isso permitiu a formulação de um conceito de Currículo das Infâncias. O currículo foi compreendido a partir das relações evidenciadas nas interações cotidianas. O currículo das infâncias constitui-se assim, como diálogo intenso entre adultos, crianças, objetos e o mundo, balizado por experiências em que o tempo não controla o humano e o silêncio não cala os sujeitos.

Palavras-chave: Participação Infantil. Currículo. Infâncias.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luis. *Fotoetnografia da biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

FERNANDES, Natalia. *A investigação participativa no grupo social da infância*. In: Currículos sem fronteiras, v.6, n1, 2006.

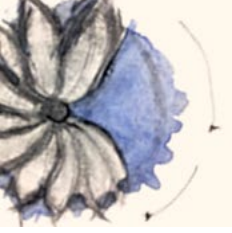
FINO, Carlos Manuel Nogueira. *FAQs, etnografia e observação participante*. In: Revista europeia de etnografia da educação. Nº 3, pp. 107 – 118, 2003.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana, danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

1 Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Curso de Pedagogia-Parfor, professora convidada, loide.pei@terra.com.br

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Aluna de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, CAPES, queilalmeida@hotmail.com

3 Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Professora Assistente na Faculdade de Educação e Orientadora de Mestrado e Doutorado, credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação, licabarbosa@ufrgs.br



A POESIA DE MANOEL DE BARROS: COMPOSIÇÕES INFANTIS

Letícia Scherner¹

Orientadora: Fabiane Olegário²

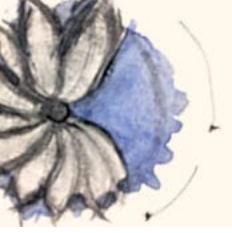
GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: Este texto trata-se de um recorte do Trabalho de Conclusão intitulado “Cartografias e devires: composições infantis” realizado no curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES/RS finalizado no semestre B/2014. A investigação focou-se na seguinte problemática: De que modo as sutilezas do devir infantil podem ser produzidas no espaço escolarizado? Para tentar encontrar, ou melhor, criar possíveis respostas à questão anunciada no trabalho, foram propostas três intervenções em uma escola municipal de ensino fundamental, localizada no interior do município de Santa Clara do Sul com crianças de 6 a 9 anos de idade. As crianças foram convidadas a participarem dos encontros propostos pela pesquisadora que posteriormente foram organizados em datas diferenciadas. A proposta do primeiro encontro consistia em proporcionar momentos de leitura das poesias elaboradas pelo poeta brasileiro Manoel de Barros, sobretudo, provocá-las a “transver” o mundo. Todavia, tratou-se da necessidade perceber a presença do ínfimo, ou seja, uma tentativa de sensibilizá-las para aquilo que passa despercebido no cotidiano e se torna insignificante. No segundo encontro, as crianças percorreram os espaços da escola - vale ressaltar que nesse trajeto não foram conduzidas. De posse da câmera fotográfica, as crianças registraram objetos e lugares que chamavam atenção. Algumas fotografaram uma panela de pressão em funcionamento na cozinha, já outras preferiram captar a imagem de mato no entorno da pracinha, ou então um o jogo *playboling*, utilizado nos momentos de intervalo. Já no último encontro, propus que prestássemos atenção ao som que ouvimos, onde pisávamos e o lugar onde estávamos. Neste exercício escutamos o som dos passarinhos, sentimos a grama verde na soleira do pé, e a respiração da árvore (localizada no pátio da escola, o local foi escolhido para o último encontro). Utilizei o método da cartografia para enveredar as tramas da pesquisa. Aos poucos fui percebendo que é fundamental estar atenta às pistas, pois a cartografia jamais chegará num determinado ponto, visto que é um processo aberto a inúmeras conexões, o qual o cartógrafo se permite pequenos desvios que possam desencadear acontecimentos. Finalizei o meu trabalho com reticências e não com ponto final. Com três pontos, porque não foi possível, apresentar uma resposta ao meu problema. Fica, apenas, a certeza de que jamais me senti tão livre para escrever.

Palavras-chave: Cartografia. Devir. Manoel de Barros.

1 Acadêmica da Univates, no curso de Pedagogia, lety_scherner@hotmail.com.

2 Professora na Univates, fabiole@univates.br.



AS APROPRIAÇÕES INFANTIS DO BELO E DO FEIO NAS MEDIAÇÕES CULTURAIS

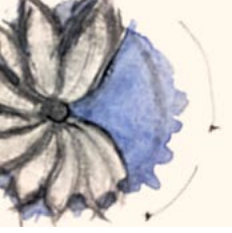
Luciane Abreu¹

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: No ano de 2008, a partir das curiosidades, e ideias trazidas pelas crianças para a sala de aula, e a partir de diferentes produções culturais, como imagens das histórias infantis de bruxas, fadas, princesas, de filmes, vi-me envolvida num novo desafio: pesquisar como as crianças, em suas interações com a cultura e com o universo visual estão se apropriando e expressando as noções do belo e do feio. Para tanto, elaborei esta investigação apoiada nos Estudos da Cultura Visual, Estudos da Infância e discussões e reflexões contemporâneas sobre o Belo e o Feio. Para desenvolvê-la, criei um plano de trabalho com diferentes propostas tendo como objetivo incentivar variadas formas de expressão das crianças. No ano de 2008, com minha turma do primeiro Ano do Ensino Fundamental, na cidade de Lajeado-RS, em uma escola privada, surgiu o desafio de realizar propostas investigativas com o intuito de estudar como as crianças se apropriam das noções do belo e do feio nas mediações culturais. Com diferentes propostas realizadas foi possível contribuir para a ampliação e desnaturalização das noções do belo e do feio presente em diferentes artefatos culturais endereçados à infância. Foi possível perceber o quanto as discussões sobre pobres, ricos, belo, feio, negros, brancos despertavam interesse nas crianças e traziam discussões no que diz respeito a aprender a relativizar o conceito de beleza e aprender a lidar com o outro, com o diferente. Este estudo teve contornos da investigação qualitativa, na perspectiva da abordagem da pesquisa-ação. Enquanto investigadora, procurei envolver as crianças pelo valor instigante, poético, desafiador e reflexivo deste estudo. Elementos que, em parte, responderam as curiosidades, as dúvidas, e acabaram fomentando novas perguntas, provocando uma interação e uma conversa sensível entre pensamento e criação, entre as produção de um grupo e sua investigadora. Uma das propostas realizadas foi a história criada “Cabruxa, a Bruxa Inventada” foi uma das estratégias utilizadas ao longo desta pesquisa para entender como as crianças elaboram suas noções de belo e de feio, atreladas a inúmeros binarismos trazidos nas produções das crianças, indicando marcas culturais referente ao embelezamento. Este livro gerou a produção de 500 exemplares distribuídos entre as famílias das crianças e nas escolas públicas municipais de Lajeado/RS. Realizamos hora do conto em diversas escolas públicas da cidade.

Palavras-chave: Infância. Cultura Visual. Belo. Feio.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado em Educação. Estudos da Infância. e-mail. Luabreu.educar@yahoo.com.br



AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO QUE FAVORECEM O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariângela Costa Schneider¹

Jacqueline Silva da Silva²

Orientador: Rogério José Schuck³

GRUPO DE TRABALHO: 2. ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: O presente trabalho traz reflexões acerca da dissertação “O Protagonismo Infantil e as Estratégias de Ensino que o favorecem na Educação Infantil”, desenvolvida no curso de Mestrado em Ensino da Univates, a qual objetivou: “Conhecer e analisar as estratégias de ensino voltadas ao princípio do Protagonismo Infantil utilizadas pela professora da Educação Infantil como um favorecedor do ensino”. O conceito de **Protagonismo Infantil** é oriundo da proposta pedagógica das Escolas Municipais de Educação Infantil da cidade de Reggio Emilia/Itália, no qual entende-se a criança como alguém potente, capaz de participar com autonomia de seu processo de ensino e de aprendizagem (MALAGUZZI, 1999, RINALDI, 2012). Ainda que em espaços coletivos de ensino e de aprendizagem, considera-se que o processo de aprendizagem e a forma com que a criança percebe o ensino é individual, uma vez que cada uma das crianças elabora símbolos, estratégias, mapas, fazendo conexões singulares das experiências vivenciadas. A pesquisa foi desenvolvida teoricamente, e, posteriormente, buscou-se numa escola de Educação Infantil Pública, de Lajeado/RS, responder ao objetivo da pesquisa, identificando estratégias utilizadas pela professora que pudessem favorecer o Protagonismo Infantil. Embora a pesquisa esteja sendo desenvolvida num contexto cultural diferenciado do italiano, considera-se que a criança busca seus espaços, possui uma cultura própria e pode não só ser ouvida como também é capaz de contribuir com o processo de ensino e de aprendizagem de que faz parte. Ainda que em uma cultura adultocêntrica, em que os direcionamentos partem dos adultos, as crianças não esperam convite para se emancipar e enfrentar regras com as quais não concorda. Neste sentido, no caso de contarem com o apoio de um adulto que favorece este Protagonismo, abrindo espaço para as ideias das crianças e problematizando com as mesmas o que estão trazendo, este Protagonismo pode ser aflorado, favorecido e amadurecido. Pois, uma vez que a criança sente-se parte, ela passa a valorizar e a compreender os fatos que a circundam. Para desenvolver esta pesquisa, utilizou-se como metodologia, da abordagem qualitativa, sendo uma aproximação à pesquisa-ação. Como instrumentos de pesquisa, utilizou-se da observação participante, do diário de campo, de entrevistas semiestruturadas, filmagens e fotografias. Como resultado, destaca-se que, mesmo estando inserida numa cultura diferente da italiana, a Professora utilizou-se de diversas estratégias, favorecendo o Protagonismo Infantil. A mesma utilizava-se da Escuta e da Investigação para coletar os interesses das crianças e, a partir dos mesmos, foi desenvolvendo o trabalho pedagógico, organizando situações de aprendizagem que oportunizavam o desenvolvimento das diversas linguagens da criança e, dessa forma, favoreceu o Protagonismo Infantil.

Palavras-chave: Protagonismo Infantil. Estratégias de Ensino. Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

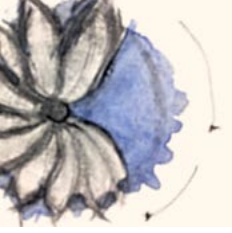
MALAGUZZI, Loris. Histórias, Idéias e Filosofia Básica. IN: EDWARDS, Carolyn. *As Cem Linguagens da Criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*/Carolyn Edwards, LellaGandini, George Forman; tradução Dayse Batista. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender*. Tradução: Vânia Cury. – 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

1 Univates, aluna do curso de Mestrado em Ensino, bolsista PROSUP/CAPES, mariangelac@universo.univates.br.

2 Univates, Mestre e Doutora em Educação, jacqueh@univates.br.

3 Univates, Mestre e Doutor em Filosofia, rogerios@univates.br.



BRINQUEDOTECA: UMA PARCERIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS E JOVENS EM POSIÇÃO DE NÃO APRENDIZAGEM

Débora Postai¹

Miriã Zimmermann da Silva²

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: Este trabalho busca apresentar, discutir e refletir as práticas desenvolvidas no espaço da Brinquedoteca de um Programa de Educação e Ação Social (Educas) com crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem em 2014. A Brinquedoteca é uma sala de atendimento de um serviço de apoio especializado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) que, recentemente, teve sua proposta reinventada, deixando de ser um depósito de brinquedos e buscando se tornar um espaço em que as crianças e jovens possam ocupar diferentes posições – de quem sabe, de quem aprende, de quem ensina, de quem brinca, de quem observa – através dos jogos e das brincadeiras. Em 2014 circularam pelo espaço da Brinquedoteca crianças e jovens entre 08 e 16 anos de idade, e entre o 2º e o 5º ano do Ensino Fundamental. O trabalho desenvolvido com estes sujeitos partiu de uma parceria estabelecida entre a estagiária coordenadora da Brinquedoteca e as estagiárias coordenadoras dos grupos específicos de atendimento do Educas, dos quais os jovens e as crianças fizeram parte, de forma que as práticas desenvolvidas no espaço da Brinquedoteca buscaram contribuir para que estes sujeitos com a marca do fracasso escolar pudessem vivenciar “os processos de ensino e aprendizagem de múltiplas formas, ocupando diferentes posições” (DAL’IGNA et al., 2009, p.89). A partir do trabalho desenvolvido podemos afirmar que o jogo, o brinquedo e as brincadeiras realizadas na Brinquedoteca são manifestações das culturas vividas pelas crianças e jovens participantes do Educas, e que, enquanto objetos culturais, estão comprometidos “ativamente na construção dos processos identitários” (BUJES, 2004, p.206) destes sujeitos; as crianças e jovens estão ocupando uma posição de não aprendizagem (LOPES, FABRIS, 2005) e podem se deslocar desta posição, no espaço da Brinquedoteca, mas também em outros espaços pelos quais circulam; a brincadeira possibilita aprendizagens, não apenas no que diz respeito à linguagem oral e escrita e às operações matemáticas, mas também no que diz respeito às relações e culturas. Desta forma, entendemos que a Brinquedoteca tem se tornado um espaço parceiro no atendimento às crianças e os jovens do Educas, buscando possibilitar que os sujeitos experienciem o conhecimento a partir da cultura e da diferença, suspeitando das marcas escolares que estes sujeitos carregam.

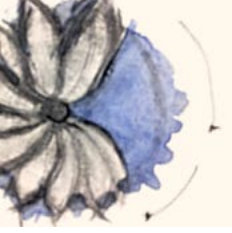
Palavras-chave: Brinquedoteca. Crianças. Jovens. Brinquedo/Jogo. Posição de não aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BUJES, Maria Isabel. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo biologia, literatura, cinema...* 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- DAL’IGNA, Maria Cláudia; HERBERT, Daniela Cristina; MÜLLER, Melissa Hickmann. Educas: Espaço de questionamento das narrativas de fracasso escolar, não aprendizagem e deficiência. In: BEMVENUTI, Vera Lúcia (org.). *Cadernos de Extensão V*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. p. 85-93.
- LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Elí. *Dificuldade de aprendizagem: uma invenção moderna*. In: 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd): 40 anos de pós-graduação em Educação no Brasil, 2005, Caxambu (MG).

1 Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, acadêmica do curso de Pedagogia, debypostairech@hotmail.com.

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, mestranda em Educação, miriazimm@gmail.com.



CRIANÇAS CONTEMPORÂNEAS: DISCURSOS PRODUZIDOS PELOS ACADÊMICOS DA PEDAGOGIA

Patrícia de Oliveira Maciel¹

Kamila Lockmann²

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: Este trabalho analisa a concepção de infância de acadêmicos do curso de Pedagogia da FURG, no Polo de Santo Antônio da Patrulha – RS, pois compreendemos que tais concepções encontram-se implicadas nos modos como são organizadas as intervenções pedagógicas. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário semiestruturado e aplicado de maneira presencial, entre os acadêmicos, mais precisamente aqueles que frequentam o 2º e 7º semestre. O grupo acadêmico que cursa o 2º semestre se constitui de 30 alunos, os quais ingressaram por processo seletivo realizado pela Universidade Federal de Rio Grande, enquanto os acadêmicos que cursam o 7º semestre ingressaram através da Plataforma Freire e totalizam 28 alunos. No decorrer das análises foi possível perceber que a concepção de infância e de crianças dos universitários que frequentam o 2º semestre está intimamente relacionada com os conhecimentos de senso comum, com uma ideia natural acerca da infância. Já os acadêmicos do 7º semestre se aproximam das discussões de autores que abordam a temática da infância, como Dornelles (2005) e Barbosa (2006). Porém, há um aspecto recorrente, tanto na fala dos alunos iniciantes quanto concluintes do curso. Ambos caracterizam as crianças contemporâneas como extremamente inteligentes, perspicazes, ativas, curiosas com alto grau de consumo e acesso e domínio dos meios tecnológicos. Tal narrativa despede-se da concepção Moderna de infância, destacando outras características para falar de suas especificidades. Neste sentido, percebemos que “não só a infância é uma construção social, cultural e histórica como também que os discursos que nos falam da infância são, por sua vez, uma construção social, cultural e histórica” (MARIN-DIAZ, 2013, p. 94). Ou seja, os discursos acerca da infância, que circulam entre os acadêmicos do Curso de Pedagogia, são também construções datadas e produzidas a partir de suas experiências, estudos e discussões.

Palavras-chave: Infâncias. Crianças. Formação de professores.

REFERÊNCIAS

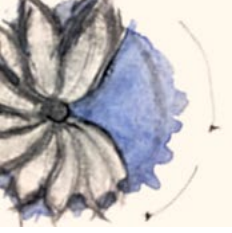
BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Por amor e por força: Rotinas na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARÍN-DIAZ, Dora Lilia. O campo discursivo da infância: correlato de um descompasso. In: LOCKMANN, Kamila (Org.). *Infância(s), educação e governo*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

1 Universidade Federal do Rio Grande, Acadêmica do Curso de Pedagogia – Polo Santo Antônio da Patrulha. E-mail: patricia_omaciel@hotmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande, Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Agência de fomento: CNPq. E-mail: kamila.furg@gmail.com



GÊNEROS TEXTUAIS: A ARTE DE ESCREVER

Janete Teresinha Caon Ferrari¹

Joice Bergonsi Calvi²

Fabiane Olegário³

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: O presente estudo faz parte de um projeto que está sendo desenvolvido em uma escola da rede estadual de ensino do município de Lajeado, por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, do subprojeto Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES. O projeto tem como objetivo central aprimorar a leitura e a escrita das crianças envolvidas no projeto. Num primeiro momento buscou-se aprofundamento teórico sobre os processos de leitura e de escrita. O referencial teórico abordado no projeto traz algumas reflexões de Lois (2010), o qual destaca as contribuições que a leitura oferece no que diz respeito à vida social, o conhecimento adquirido e o desmantelamento dos territórios que o sujeito leitor é capaz de realizar. Almeida (2006) discorre sobre um possível processo de libertação e de identificação do homem, é por ela que o sujeito tende a sofrer transformações desmedidas, pois o mundo é descortinado no momento em que o ato de ler se efetiva. Ferreiro e Teberosky (1991) *defendem a importância do aprendiz ser exposto ao mundo da escrita desde muito cedo, por meio da participação em práticas diferenciadas e também sociais de leitura e escrita.* Com o intuito de observar as necessidades de cada turma e desenvolver atividades que oportunizem situações e vivências que possam auxiliar no aprimoramento das aprendizagens, planejamos um projeto pedagógico acerca da leitura e escrita, contemplando momentos de produção individual e coletiva, com situações lúdicas, de leitura, interpretação de diferentes gêneros e oralidade. São oportunizadas situações que os motivam, facilitando a apropriação do conhecimento, dentre as atividades propostas, destacam-se momentos de escritas de poesias, criação de teatros, atividades em espaços alternativos que a escola oferece. As atividades serão desenvolvidas pelo grupo de bolsistas do PIBID todas as terças-feiras à tarde, com as turmas do 4^a e 5^a ano do ensino fundamental, durante os primeiros períodos da aula, que têm a duração de duas horas. Nesse período, as bolsistas interagem com os alunos realizando atividades previamente selecionadas. O Projeto será avaliado durante a execução com a participação dos envolvidos, de forma contínua por meio de diversos recursos.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Contexto escolar.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. *A Produção de Textos nas Séries Iniciais: Desenvolvendo as competências de escrita.* 2. ed. rio de Janeiro: Wak, 2006.

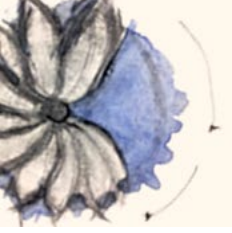
FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita.* Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LOIS, Lena. *Teoria e Prática da Formação do Leitor: leitura e literatura na sala de aula.* Porto Alegre. Artmed. 2010.

1 Centro Universitário UNIVATES, Pedagogia, janeteferrari285@gmail.com

2 Centro Universitário UNIVATES, Pedagogia, joice.calvi@universo.univates.br

3 Centro Universitário UNIVATES, Pedagogia, fabiole@univates.br



INFÂNCIA E EDUCAÇÃO: PROVOCAÇÕES A PARTIR DO CINEMA

Cláudia Inês Horn¹

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

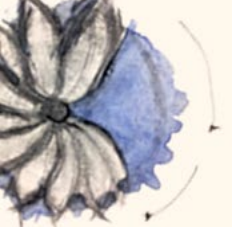
Resumo: Este trabalho visa a apresentar algumas provocações realizadas em diferentes atividades vinculadas ao Projeto de Extensão “Formação Pedagógica e Pensamento Nômade”, realizadas no Centro Universitário UNIVATES/RS, desde 2013. Tal Projeto busca problematizar a formação pedagógica ancorada em pressupostos normativos, a partir dos quais o pensamento em educação permanece estratificado. Pretende propor atividades de extensão através de uma pedagogia comprometida com a experimentação, com o exercício de novas maneiras de ser e agir, criando espaços de formação através de palestras, oficinas, grupos de estudos e cursos, para alunos da Pedagogia e outros cursos, alunos egressos, professores, gestores e demais interessados. Neste sentido, são propostas atividades com o objetivo de pensar a infância e a educação a partir das provocações do cinema, problematizando-as a partir da apreciação de filmes. Essas práticas de discussões de filmes são compreendidas como formas produtivas de inventar outras possibilidades de pensar sobre a infância e a educação. É necessário refletir sobre a infância, suas representações e sua constituição e consolidação desde a Modernidade, dialogando especialmente com Ariès (1981), Benjamin (1993, 2002), Agambem (2005), Larrosa (2001, 2004, 2011) e Kohan (2004, 2007). Infância não indica apenas uma relação com o tempo linear, não segue uma ordem cronológica, ou seja, o conceito de infância suspende o tempo linear. A infância, em sua potência revolucionária, é a suspensão do tempo como repetição mecânica, em favor de um tempo artístico, um tempo inusitado, um tempo de surpresas, de magias e criação; a infância é compreendida em outra temporalidade. Para dialogar com o campo da Educação, sugere-se pensar sobre os modos como a infância tem sido narrada e veiculada por instrumentos formais e informais, bem como os modos pelos quais subjetivamos nossos modos de interpretar, reconhecer e compreender a infância, por vezes fechada num tempo cronológico e em prescrições pedagogizantes. Os resultados alcançados, no que se refere à qualidade das diferentes atividades propostas e a efetiva participação de um público diverso em toda a agenda de extensão, oferece indicativos para pensar uma formação pedagógica voltada à criação e à experimentação, bem como para ampliar as possibilidades de pesquisas, estudos e publicações no meio acadêmico, aproximando extensão, ensino e pesquisa.

Palavras-chave: Infância. Educação. Cinema. Formação Pedagógica.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG/Humanitas, 2005.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Editora JC, 1981.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.
- KOHAN, Walter O. (org.) *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOHAN, Walter. *Infância, estrangeridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LARROSA, Jorge. O enigma da infância – ou que vai do impossível ao verdadeiro. In: _____. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 183-198
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em Educação. *Ação e Reflexão*, vol. 19, n.02, p. 04-27, jul./dez. 2011.

¹ Docente no Curso de Pedagogia da Univates/Lajeado/RS. E-mail: clauhorn@yahoo.com.br



O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO

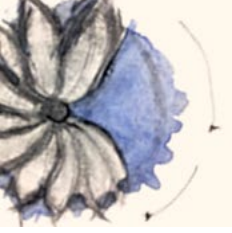
Luciane Abreu¹

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: O trabalho monográfico “O Processo de Criação de Audiovisual como Ferramenta para o Trabalho Pedagógico”, buscou realizar um audiovisual, no qual crianças na faixa etária entre 6 e 7 anos, de um colégio privado do município de Lajeado/RS, protagonizassem uma história criada coletivamente. Esta história foi utilizada como estudo monográfico e transformou-se em uma pesquisa de estudo de caso, e propõe um mergulho na infância e no protagonismo infantil. O elemento principal é usar a imaginação, é investir na criatividade, na invenção como forma de expressão. Ao utilizar os recursos audiovisuais como câmeras, microfones, decorar textos e visualizarem-se na tela foi algo que gerou muitas aprendizagens. A proposta se inspira nos estudos da infância, Sarmiento (2005), Junqueira Filho (2005), aproxima-se das ideias sobre as linguagens audiovisuais conforme Duarte (2002), Napolitano (2003). Neste estudo busca-se olhar a criança como um sujeito que produz conhecimentos, que produz cultura. A história trata de assuntos relacionados à ética, à cidadania, ao respeito ao próximo, à inclusão, à ecologia, ou seja, apresenta conteúdo social e pedagógico. Este projeto mostra a concretização de um audiovisual de 23 minutos narrando a experiência das crianças com o recurso audiovisual. Este estudo vê o alargamento do espaço da escola como local de reflexão, produção de conhecimentos de forma interdisciplinar, oferecendo elementos para uma aprendizagem que tenha significado para as crianças. Este estudo nos permitiu refletir sobre novas alternativas para reencantar a educação, pois ousamos, ampliamos nossos saberes, lançamos desafios, mas também fomos desafiados. Contamos com um projeto amplo, de grande riqueza em seu processo, construído diariamente, por meio do envolvimento, da participação, da partilha, constituindo-se melhor a cada dia. O projeto do filme intitulado “Invasão dos Ratos” recebeu o VII Prêmio Arte na Escola Cidadã, conferido pelo Instituto Arte na Escola em parceria com o SESI.

Palavras Chave: Infância. Conhecimento. Cultura. Protagonistas. Audiovisual.

¹ Pedagoga. Especialista em Educação Infantil. Mestre em Educação pela UFRGS. Professora dos anos Iniciais do Colégio Madre Bárbara e do Colégio Evangélico Alberto Torres- Lajeado/RS.luabreu.educar@yahoo.com.br



O QUE PODE O BRINCAR? RELAÇÕES E APROXIMAÇÕES ENTRE INFÂNCIA E ESCOLA

Mariana Horn Gomes¹

Silvane Fensterseifer Isse²

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: Este Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, que ainda se encontra em fase de realização, nasceu de uma experiência de trabalho com crianças em um espaço de Educação Infantil não formal. Considerando o valor do brincar na infância e a necessidade de que este seja explorado, possibilite a descoberta de oportunidades e ofereça desafios ao corpo infantil que se movimenta, surgiu o problema de pesquisa: o que o brincar produz nos corpos brincantes na escola? Se o brincar de uma criança é livre, é espontâneo, sem a exigência de resultados finais ou a perseguição de determinados objetivos; se o brincar permite à criança experimentar, explorar, descobrir novas oportunidades, novos desafios, o brincar configura-se em experiência lúdica. Conforme Moyles (2007), a liberdade caracteriza a experiência lúdica e ser criança é uma explosão de descobertas que se torna possível através de suas experimentações. A proposta metodológica da pesquisa é a cartografia que, de acordo com Amador e Fonseca (2009), é uma prática em que não há conceitos ou pontuações pré-definidos. A cartografia remete a territórios muitas vezes desconhecidos. Incorpora a dimensão subjetiva daqueles que nela estão envolvidos, mapeando o existencial, espaço desafiador, estimulante, ao mesmo tempo único e diverso. A experiência cartográfica é constituída por sonhos, desejos, percepções, sensações e constantemente atravessada pela vida e pelos acontecimentos que ela gera. Esses acontecimentos afetam as pessoas com diferentes graus de intensidade, produzindo mudanças no modo de viver. Nesse sentido, o pesquisador se deixa afetar pelo que vê ou é capaz de perceber no contexto investigado, fazendo seus registros a partir dessas sensações que o movimentam. O trabalho de campo será realizado de março a maio de 2015, em uma escola municipal de Educação Infantil do município de Lajeado/RS. Serão observados diferentes momentos da rotina escolar em que as crianças estiverem brincando, explorando brinquedos, materiais e espaços da escola, bem como a forma como essas experiências são oferecidas às crianças. Os registros dos movimentos constituintes da investigação se darão através de filmagens e da escritura de diários de campo. Espera-se que este estudo contribua para a problematização do brincar enquanto experiência infantil que se dá na escola.

Palavras-chave: Brincar. Infância. Educação Infantil. Experiência. Corpo.

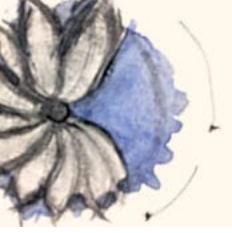
REFERÊNCIAS:

MOYLES, Janet. A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.18-30.

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia M. Galli. Da intuição ao método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.61, n.1, 2009, p.30-37.

1 Centro Universitário UNIVATES, Pedagogia, marianahg@universo.univates.br

2 Centro Universitário UNIVATES, Pedagogia e Educação Física, silvane@univates.br.



O USO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL NA ESCOLA DA INFÂNCIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Eleonora das Neves Simões¹

Maria Carmen Silveira Barbosa²

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: Atualmente, em casa, as crianças ficam muitas horas em frente à televisão, não só assistindo desenhos animados, mas toda gama de programação dos meios televisivos, como jornal de notícias e novelas. Neste cenário, o objetivo deste trabalho é pensar o uso da linguagem audiovisual no cotidiano da educação infantil, tencionando o modo como temos compreendido o uso desse recurso pelas e com as crianças. Através de uma metodologia qualitativa de pesquisa (BOGDAN; BINKLEN, 1994), realizou-se uma revisão bibliográfica que, entrelaçada às experiências no trabalho com as crianças, busca empreender um olhar atento sobre como adultos e crianças tem se relacionado, especialmente com os desenhos animados. Partindo das considerações sobre a formação do gosto (OSTETTO, 2001; 2003), o repertório da linguagem audiovisual, especialmente a televisiva (ESPERANÇA; DIAS, 2006), e suas influências no trabalho docente com as crianças, empenha-se em considerar como o uso dos desenhos animados tem se colocado nesses espaços coletivos. As problematizações finais apontam como o limite de conhecimento dos professores nas produções e trabalhos com a linguagem audiovisual, impõem limite, igualmente grande, às propostas e invenções no uso desta com as crianças.

Palavras-chave: Infância. Educação infantil. Linguagem audiovisual. Cinema. Desenhos animados

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

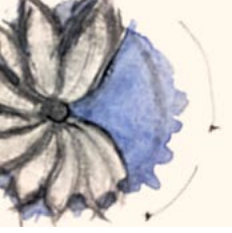
ESPERANÇA, Joice Araújo; DIAS, Cleuza Maria Sobral. *Mídia televisiva e culturas das infâncias: entretenimento e propaganda transformando as concepções e os modos de ser criança*. Unirevista, Vol. 1, nº 2, Abril de 2006. p. 1-10. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br:8080/bitstream/handle/1/1331/M%C3%ADdia%20televisiva%20e%20culturas%20das%20inf%C3%A2ncias.pdf?sequence=1>

OSTETTO, Luciana Esmeralda. "Mas as crianças gostam!" Ou, sobre gostos e repertórios musicais. 26ª Reunião Anual da ANPED, GT 07- Educação da criança de 0 a 6 anos, 2003. Disponível em: <http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/lucianaesmeraldaostetto.rtf>

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação Infantil e arte: sentidos e práticas possíveis*. UNESP, 2011. p. 1-14. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Mestranda do Curso de Pós-graduação em Educação na Linha de Pesquisa Estudo sobre as Infâncias, Bolsista CNPQ, nora_simoes@hotmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, licabarbosa@ufrgs.br



RECREIO ESCOLAR: MOMENTO DE BRINCAR E APRENDER

Daiane Mezaroba¹

Fabiola Regina Eckert²

Orientadora: Fabiane Olegário³

GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS DA INFÂNCIA

Resumo: O presente estudo é um relato de experiência baseado nas práticas desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), do Subprojeto de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES/RS. O grupo realiza suas atividades na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manuel Bandeira, do município de Lajeado/RS. Dentre as atividades realizadas pelos bolsistas, está o projeto “Atividades Lúdicas: potencializando o recreio escolar”, que visa à promoção de brincadeiras e atividades no momento do recreio escolar. O projeto originou-se de observações dos bolsistas no momento do recreio escolar, em que se evidenciou a necessidade de promoção de brincadeiras e atividades. Para tanto, os bolsistas desenvolveram alguns estudos, abordando dois temas principais: a importância do brincar e o recreio escolar. Nesse sentido, destacam que por meio das brincadeiras e jogos as crianças constroem saberes, resolvem conflitos, experimentam sensações, lidam com diferentes sentimentos e aprendem a conviver e a cooperar com um grupo. É através do brincar que a criança se constitui como indivíduo autônomo. Moyles (2007), destaca que a definição do brincar não é fácil e certamente “o brincar infantil é de longe o mais complexo” (MOYLES, 2007, p. 20). Tradicionalmente, as escolas foram se caracterizando como um espaço de regras e disciplinamento, as quais visam ao ensino e à aprendizagem de conteúdos formais, oferecendo pouco espaço à ludicidade. O recreio, embora com pouca duração é um dos raros momentos em que se torna possível o brincar livre das crianças em idade escolar, e por esse motivo, “faz parte do patrimônio infantil porque ele é um momento de transmissão de cultura infantil” (DELALANDE, 2005b, p. 1 *apud* WÜRDIG, 2010, p. 98).

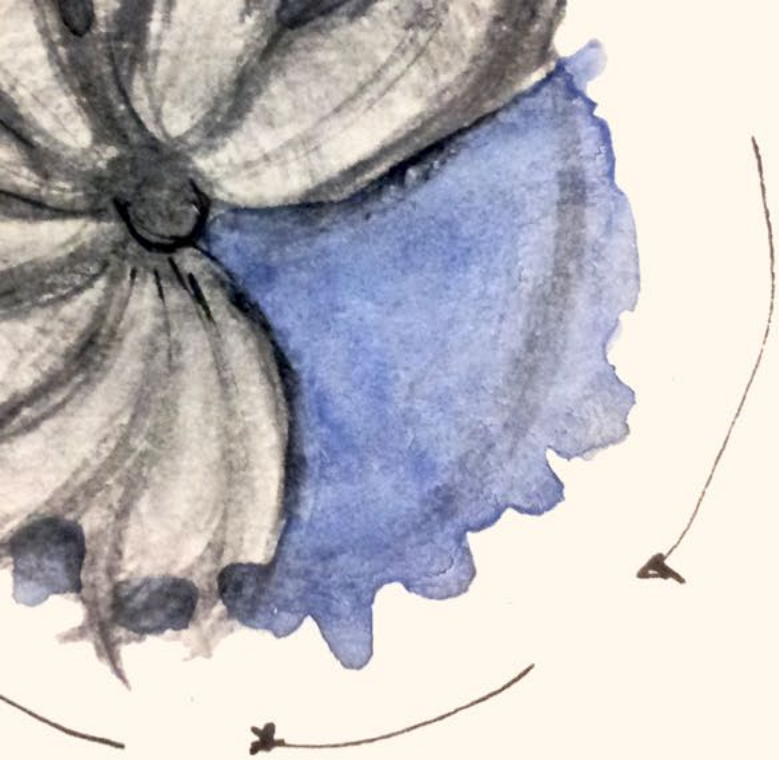
Palavras-chave: Brincar. Ludicidade. Recreio. Escola

REFERÊNCIAS:

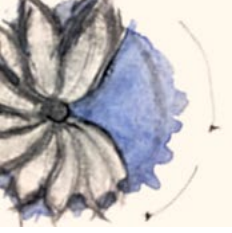
MOYLES, Janet. Desemaranhando o “Mistério” do Brincar. In: *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 18-30.

WÜRDIG, Rogério Costa. *Recreio: os sentidos do brincar do ponto de vista das crianças*. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande e, MS, v. 16, n. 32, p. 90-105, jul./dez. 2010.

- 1 Acadêmica da Univates, curso de Pedagogia; Bolsista do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES), no subprojeto Pedagogia 2, do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: dai.mezaroba@hotmail.com
- 2 Acadêmica do Centro Universitário UNIVATES, curso de Pedagogia; Bolsista do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES), no subprojeto Pedagogia 2, do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: bii.a05@hotmail.com
- 3 Docente do Curso de Pedagogia; Coordenadora do Subprojeto Pedagogia PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES) do Centro Univeristário UNIVATES. E-mail: fabiole@univates.br



Diferença & Inclusão



COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo: Cortez. Campinas: Unicamp: Faculdade de Educação. Faculdade de Ciências Médicas, 1996.

CHEMIN, Beatris F. *Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação*. 2. ed. Lajeado: Univates, 2012. E-book. Disponível em: <www.univates.br>. Acesso em: 10 abr. 2014.

DISLEXIA. O que é dislexia? Disponível em: <www.dislexia.com.br>. Acesso em: 29 out. 2014.

FIGUEIREDO, Antonio Macena de; SOUZA, Soraia Riva Goudinho de. *Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

GARRIDO, Juliana; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. Um panorama nacional dos estudos sobre a medicalização da aprendizagem de crianças em idade escolar. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs.). *Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 149-161. E-book. Disponível em: <http://univates.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788580400281/pages/_1>. Acesso em 01 mai. 2014.

GUARIDO, Renata. A Biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs.). *Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 27-39. E-book. Disponível em: <http://univates.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788580400281/pages/_1>. Acesso em 01 mai. 2014.

GUARIDO, Renata. *A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.1, p. 151-161, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n1/a10v33n1.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

GUARIDO, Renata; VOLTOLINI, Rinaldo. *O que não tem remédio, remediado está?* Educação em Revista | Belo Horizonte | v. 25 | n. 01 | p. 239-263 | abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n1/14.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

HATTGE, Morgana Domênica; KLAUS, Viviane. *Desafios da inclusão educacional: sobre saberes e práticas pedagógicas*. In: *Anais do 23º Seminário Nacional de Arte e Educação: Arte – mediações, compartilhamentos, interações/ Júlia Hummes (org.)* - Montenegro: Ed. da Fundarte, 2012.

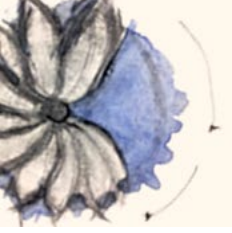
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=432145&idtema=16&search=|s%EDntese-das-informa%E7%F5es>>. Acesso em: 02 set. 2014.

LEONARDI, Jan Luiz; RUBANO, Denize Rosana; ASSIS, Fátima Regina Pires de. Subsídios da análise do comportamento para avaliação de diagnóstico e tratamento do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) no âmbito escolar. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs.). *Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 110-130. E-book. Disponível em: <http://univates.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788580400281/pages/_1>. Acesso em 01 mai. 2014.

LEOPARDI, Maria Tereza. *Metodologia da pesquisa na saúde*. 2. Ed. Florianópolis: UFSC, 2002.

LÜCK, Heloísa. *Dimensões de gestão escolar e suas competências*. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. *Para uma crítica da medicalização na educação*.



Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 135-142. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/14.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

MEZZAROBA, Orides. *Manual de Metodologia da pesquisa no Direito*. 4. Ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

MOYSÉS, Maria A. A., Collares, Cecília A. L. Controle e medicalização da infância. *Revista Desidades*, n.1, ano 1. Dez 2013. NIPIAC. UFRJ. Disponível em: <<http://desidades.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/12/DESidades-1-port.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

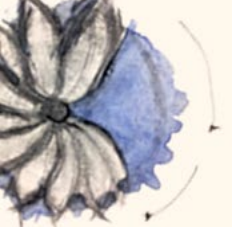
SAPIA, Iuna Pereira. *Medicalização na educação: a neurologia na construção dos diagnósticos de distúrbios de aprendizagem*. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 17 set. 2013.

SENADO FEDERAL. *Projeto de Lei do Senado Nº 247, de 2012*. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, para instituir medidas destinadas à prevenção do uso inadequado de psicofármacos em crianças e adolescentes. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=106495>. Acesso em 01 set. 2014.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs.). *Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 57-67. E-book. Disponível em: <http://univates.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788580400281/pages/_1>. Acesso em 01 mai. 2014.

TESSER, Charles D.; POLI NETO, Paulo. Medicalização na infância e adolescência: histórias, práticas e reflexões de um médico da atenção primária. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs.). *Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 231-250. E-book. Disponível em: <http://univates.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788580400281/pages/_1>. Acesso em 01 mai. 2014.

VALE DO TAQUARI: *Banco de Dados Regional*. Disponível em: <<http://www.bdr.univates.br/images/mapas/57.jpg>>. Acesso em: 10 out. 2014.



A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA ATRAVÉS DA MUSICALIZAÇÃO

Clauton Fonseca Sampaio¹

Orientadora: Morgana Dormênica Hattge²

GRUPO DE TRABALHO: DIFERENÇA E INCLUSÃO

Resumo: De acordo com Silva; Gaiato; Reveles (2012), atualmente o autismo é considerado o terceiro distúrbio mais frequente no desenvolvimento do ser humano. Com base nessa premissa, observa-se a necessidade de se realizar discussões mais aprofundadas sobre essa temática no âmbito educacional, principalmente no tocante à utilização de objetos de aprendizagem e socialização como por exemplo, a música. Portanto, esse trabalho tem como objetivo geral tecer algumas discussões e reflexões críticas acerca do uso da música no desenvolvimento educacional, bem como as implicações desse objeto de aprendizagem na inclusão das crianças com transtorno de espectro autista, nesses ambientes educativos. Nesse contexto, as discussões foram tecidas, tendo como fundamentação teórica alguns pensadores como: Mantoan (2006), Medeiros (2011), Gaio (2012) e Silva; Gaiato; Reveles (2012). Trata-se, portanto, de uma revisão bibliográfica, que teve como mola propulsora os debates realizados nos encontros da disciplina Educação e Pedagogia, do Mestrado em Ensino da Univates-RS. As análises dos autores pesquisados, foram realizadas de forma interpretativa e crítica. Assim, os resultados apontaram a preocupação desses acerca da importância de se compreender sumariamente o que é inclusão social, por que existe e como fazer para que ela aconteça desde os primeiros anos. Além do mais, observou-se também a necessidade da conscientização de todos os envolvidos no processo educacional de se trabalhar o exercício diário de cooperação e de amizade, reconhecendo os valores que existem entre “o diferente” e as potencialidades dessas crianças. Dessa forma, após a extirpação de preconceitos inibitórios sobre o desenvolvimento dos espectros autistas, sugere-se então o uso da musicalização no processo de interação social e no desenvolvimento educacional de crianças com esse transtorno.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão Social. Música.

REFERÊNCIAS:

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob. *Caminhos pedagógicos da educação especial*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

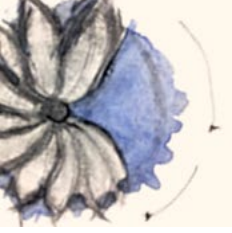
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MEDEIROS, Ana Elisa Gonçalves de Oliveira. *Música: soluções para dez desafios do professor, 1º ao 3º ano do ensino fundamental*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

SILVA, Ana Beatriz; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Tadeu. *Mundo Singular: entenda o autismo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

1 Univates, Mestrando em Ensino, Prof. do IFPA, clautonsampaio@bol.com.br

2 Univates/RS, Doutora em Educação, Professora do Mestrado em Ensino, morganahdomenica@yahoo.com.br



ARQUITETURA DO AFETO: UM OLHAR SOBRE SI

Gabriel de Negreiros Ketzer¹

GRUPO DE TRABALHO: DIFERENÇA E INCLUSÃO

Resumo: Este presente trabalho tem por objetivo utilizar-se da minha experiência de dois anos e meio em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) a fim de reconstruir a questão do encontro com o Outro dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). A partir de técnicas oriundas da anti-ginástica e da cinesioterapia, intercaladas com atividades lúdicas e expressivas, pequenos movimentos internos, tanto meu como dos alunos/usuários, nasciam e reivindicavam uma busca por uma *práxis coletiva*. Os encontros tinham por objetivo criar um espaço de reflexão entre os pacientes/alunos da UBS, processo o qual partia pelo reconhecimento de si e acarretando, *a posteriori*, o entendimento de sua condição pessoal. Com o tempo, os alunos compreendiam algumas das possíveis origens das suas enfermidades e buscando, também, possibilidades que levassem a um entendimento tanto da saúde emocional quanto da saúde física. Dessa forma, buscaram-se estabelecer, em cada aula, formas de se expandir a consciência desses indivíduos, pois, como Ponty destaca, é a nossa percepção da sensação a qual sentimos que nos leva a um novo entendimento sobre o universo ao redor de nos (2011). Este trabalho demonstrou que o cuidado e a atenção que o professor de Educação Física pode proporcionar - e este em proximidade com a condição de existência do Outro, emprestando o seu silêncio e o seu afeto pode contribuir para o aumento da percepção de si. Sendo assim, a valor da experiência com os pacientes/alunos na UBS proporciona o contato humano, uma valorização que se dá pelo próprio fenômeno humano, ou seja, a relação dos afetos destes com o desconhecido, o qual se torna uma experiência- de -si com o meio em que estão inseridos.

Palavras-chave: Fenomenologia. Educação Física. Saúde Pública.

REFERÊNCIAS

BERTHERAT, Thérèse. *O Corpo tem Suas Razões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

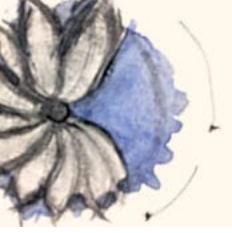
JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem* – Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas: Papiusm 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU- PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

¹ Graduando de Educação Física pela UFRGS. E-mail: ketzer_gabriel@hotmail.com



ESCOLA INCLUSIVA E OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NA “IDADE CERTA”

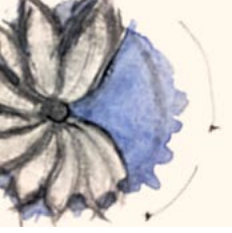
Rejane Ramos Klein¹

GRUPO DE TRABALHO: DIFERENÇA E INCLUSÃO

Resumo: O presente texto tem como objetivo analisar a articulação entre dois temas extremamente atuais: a alfabetização, no que se refere às práticas pedagógicas alfabetizadoras, desenvolvidas sob a orientação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC e a inclusão escolar de alunos no primeiro ciclo de alfabetização das escolas públicas de um município do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Busca-se olhar para o trabalho pedagógico dos professores do Ciclo de Alfabetização e a forma em que os alunos incluídos estão sendo considerados nesse processo de escolarização inicial. A partir dos aportes teóricos de Michel Foucault, sobretudo o conceito de governamentalidade, busca-se identificar os enunciados sobre as políticas de alfabetização e de inclusão no Brasil nos últimos dez anos que apontam para a necessidade de um olhar mais específico para os alunos que não aprendem, que não se alfabetizam no tempo desejado. Esse levantamento servirá de base para, posteriormente, no decorrer da investigação, identificar quais são os efeitos dessas políticas nas práticas pedagógicas alfabetizadoras desenvolvidas pelos professores que atuam nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Dessa forma, pretende-se, a partir desse recorte, contribuir com a produção de conhecimentos sobre e para o ciclo de alfabetização, trazendo elementos que possam conhecer e problematizar as políticas educacionais condizentes com o cenário contemporâneo inclusivo. Pretende-se que esses resultados possam subsidiar a formação de professores contribuindo para a construção de práticas pedagógicas que considerem as diferenças no processo de alfabetização dos alunos do Ensino Fundamental.

Palavras chave: Alfabetização. Inclusão. Formação docente. Políticas Educacionais.

¹ UNISINOS/Curso de Pedagogia/rrklein@unisinis.br



FOLCLORE: TEMA CULTURAL, INCLUSÃO E JOVENS EM POSIÇÃO DE (NÃO) APRENDIZAGEM

Ariele Schumacher Dias¹

Jéssica Schossler²

Orientadoras: Andressa Andrioli da Rocha³

Miriã Zimmermann da Silva⁴

GRUPO DE TRABALHO: DIFERENÇA E INCLUSÃO

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar, discutir e refletir as práticas desenvolvidas pelo Programa de Educação e Ação Social (Educas) com um grupo de jovens com dificuldades de aprendizagem em 2014. O Grupo Dois da Manhã (G2M) é um dos grupos integrantes do programa, que é administrado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, formado por cinco jovens com idades entre 10 e 13 anos, estudantes da rede pública do município de São Leopoldo/RS, e coordenado por uma estagiária estudante do curso de Letras-Português e uma estagiária estudante do curso de Psicologia. Os jovens ocupam uma posição de não aprendizagem (LOPES, FABRIS, 2005) e o trabalho no grupo buscou criar espaço para que os sujeitos ocupassem outros lugares, de possibilidade, de potência, viabilizando outras narrativas e proporcionando outras aprendizagens. A partir dos primeiros atendimentos realizados com o grupo buscou-se encontrar um tema que pudesse ser de interesse comum aos participantes e identificar os gostos, desejos e formas de viver dos jovens. Com base nesses aspectos foi construído um projeto de pesquisa e intervenção com o tema folclore, partindo do princípio que o folclore não se resume apenas às lendas, mas se expande também para as diferentes manifestações culturais de um povo. Dessa forma, buscou-se criar condições de possibilidade para que os jovens pudessem se expressar através de diferentes linguagens e metodologias, como narrativas orais, escritas, desenhos, pinturas, músicas ou outros elementos, suspeitando das marcas e narrativas de fracasso escolar trazidas pelos sujeitos. A intervenção contou com a criação e escrita de uma lenda após pesquisas acerca do tema, construção de uma maquete e personagens, materializando o que era criado na imaginação do grupo. Foram realizadas diferentes receitas folclóricas, marcadas pela cultura brasileira e também a utilização de jogos relacionados com essa temática. Destaca-se, a partir das práticas realizadas, a importância do reconhecimento das potencialidades destes jovens, olhando para além das marcas de fracasso e impossibilidade; o espaço do grupo e a criação de um projeto com um tema cultural como algumas das possibilidades para uma atuação na área da educação inclusiva, que busca “romper com uma norma de desenvolvimento dos sujeitos e que permitem que eles vivenciem os processos de ensino e aprendizagem de múltiplas formas” (DAL’IGNA et al., 2009, p.89).

Palavras-chave: Educação inclusiva. Posição de não aprendizagem. Jovens.

REFERÊNCIAS

DAL’IGNA, Maria Cláudia; HERBERT, Daniela Cristina; MÜLLER, Melissa Hickmann. Educas: Espaço de questionamento das narrativas de fracasso escolar, não aprendizagem e deficiência. In: BEMVENUTI, Vera Lúcia (org.). **Cadernos de Extensão V**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. p. 85-93.

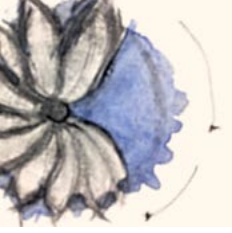
LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli. Dificuldade de aprendizagem: uma invenção moderna. In: 28^a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd): 40 anos de pós-graduação em Educação no Brasil, 2005, Caxambu (MG).

1 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), acadêmica do curso de Letras-Português, arieschumacherdias@gmail.com.

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), acadêmica do curso de Psicologia, jeschossler@gmail.com.

3 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), andriolir@unisinos.br.

4 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), miriazimm@unisinos.br.



INCLUSÃO ESCOLAR: ESTRATÉGIA DE GOVERNAMENTO DOS SUJEITOS ESCOLARES

Camila Bottero Corrêa¹

Orientadora: Kamila Lockmann²

GRUPO DE TRABALHO 3: DIFERENÇA E INCLUSÃO

Resumo: Com a inclusão dos sujeitos ditos “anormais” nas classes regulares tem-se observado a dificuldade que os professores apresentam em lidar com os mesmos, principalmente com os que não se adaptam às regras escolares. Na tentativa de conhecer mais quem são esses sujeitos é possível observar o quanto a educação vem se apropriando dos saberes médicos. Considerando que vivemos em uma época em que as pessoas são capturadas e submetidas a uma variedade de rótulos e diagnósticos, torna-se relevante duvidar das “verdades” que cada vez mais os “experts da ciência” vêm construindo sobre os sujeitos. Assim, este artigo pretende apresentar problematizações acerca da presença de tais classificações no espaço escolar, analisando os efeitos que elas produzem sobre os sujeitos incluídos. O caminho metodológico deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas com professoras que atuam em uma escola municipal da Cidade do Rio Grande/RS. Como sustentação teórico-metodológica utilizou-se as contribuições de Foucault (2008), principalmente no que concerne às discussões relativas à norma, normalização e governo. Nas análises, foi possível observar três movimentos: um deles refere-se ao entrecruzamento entre o saber médico e o saber jurídico o qual vem produzindo o que se chamou “sujeito laudado”; o segundo tratou de destacar o movimento de banalização da diferença que podemos visualizar mais fortemente a partir da circulação dos saberes pedagógicos e; o último movimento refere-se ao desenvolvimento de processos de normalização dos sujeitos escolares que se dão, principalmente, pelo uso da medicação. A partir desses três movimentos evidenciamos o funcionamento da inclusão como uma estratégia de governo (VEIGA NETO, 2002) que opera sobre a conduta dos sujeitos, tanto na sua dimensão anátomo-política, agindo disciplinarmente sobre o corpo dos sujeitos quanto na sua dimensão biopolítica, agindo sobre um corpo múltiplo com o intuito de prevenir possíveis riscos, que a anormalidade pode oferecer à população.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Diagnósticos. Governo.

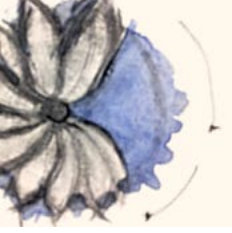
REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Curso no Collège de France: 1977 – 1978. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz. & VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.13-34.

1 Universidade Federal do Rio Grande, Pedagogia, CNPq, Camila Bottero Corrêa

2 Universidade Federal do Rio Grande, kamila.furg@gmail.com



OS DISCURSOS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E A SUBJETIVAÇÃO DOCENTE

Letícia Farias Caetano¹

Kamila Lockmann²

GRUPO DE TRABALHO: DIFERENÇA E INCLUSÃO

Resumo: A presente pesquisa analisou os efeitos que os discursos sobre inclusão escolar, que circulam na atualidade, produzem nos modos de ser e de agir do docente. Para isso, dividimos o trabalho em duas etapas metodológicas: 1. Análise de diferentes artefatos midiáticos (propagandas do Ministério da Educação e as edições da Revista Nova Escola, entre 1990 e 2013, que abordaram o tema da inclusão) e; 2. Elaboração, aplicação e análise de questionário que foi respondido por graduandos concluintes dos cursos de Educação Física e Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no final de 2013. Tomando como aporte teórico o pensamento de Michel Foucault, entendemos que os discursos produzidos na contemporaneidade instituem verdades, produzindo efeitos sobre os sujeitos e moldando subjetividades. Para esse trabalho construímos duas unidades analíticas: a primeira delas refere-se aos discursos de exaltação da diferença. Tais discursos, presentes nas revistas e nos vídeos, destacam o quanto é “gratificante, apaixonante e maravilhoso trabalhar com a inclusão”. Temos aí um movimento de convencimento do professor para assumir a “causa” da inclusão. Além disso, visualizamos um movimento que coloca o professor como responsável pelo sucesso ou pelo fracasso das propostas inclusivas. Na segunda unidade percebemos como esses discursos incidem sobre a constituição docente produzindo aquilo que Menezes (2001) denominou “subjetividade inclusiva”. Analisando as repostas dos questionários, os graduandos definem o professor inclusivo como aquele que “deve ser humano, sensível, que respeite as diferenças e não tenha preconceito”. Assim, é possível perceber, a partir das contribuições de Foucault (1990) o quanto os docentes se subjetivam às verdades sobre a inclusão evidenciando o funcionamento não tanto de técnicas de dominação, que uns exercem formas de governo sobre os outros, mas de técnicas de si, em que os próprios professores operam sobre si mesmo a partir das verdades que circulam na contemporaneidade sobre a inclusão.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Discursos. Subjetividade docente. Governo.

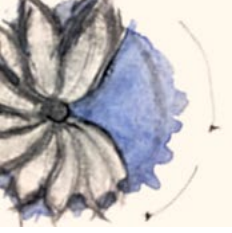
REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del Yo e Otros Textos Afines*. Barcelona: Paidós, 1990.

MENEZES, Eliana C. P. A fabricação de subjetividades inclusivas: efeitos da aliança entre a racionalidade política neoliberal e a escola. *Anais do XI Simpósio Internacional IHU — O (des)governo biopolítico da vida humana*, São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

1 Universidade Federal do Rio Grande, Pedagogia, Cnpq, leticiafariascaetano@gmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande, Doutorado em Educação, Cnpq, Kamila.furg@gmail.com



TILS: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO, POSSIBILIDADES E DESAFIOS DE SUA ATUAÇÃO NA ESCOLA E SOCIEDADE

Letícia Dell' Osbel¹

GRUPO DE TRABALHO: DIFERENÇA E INCLUSÃO

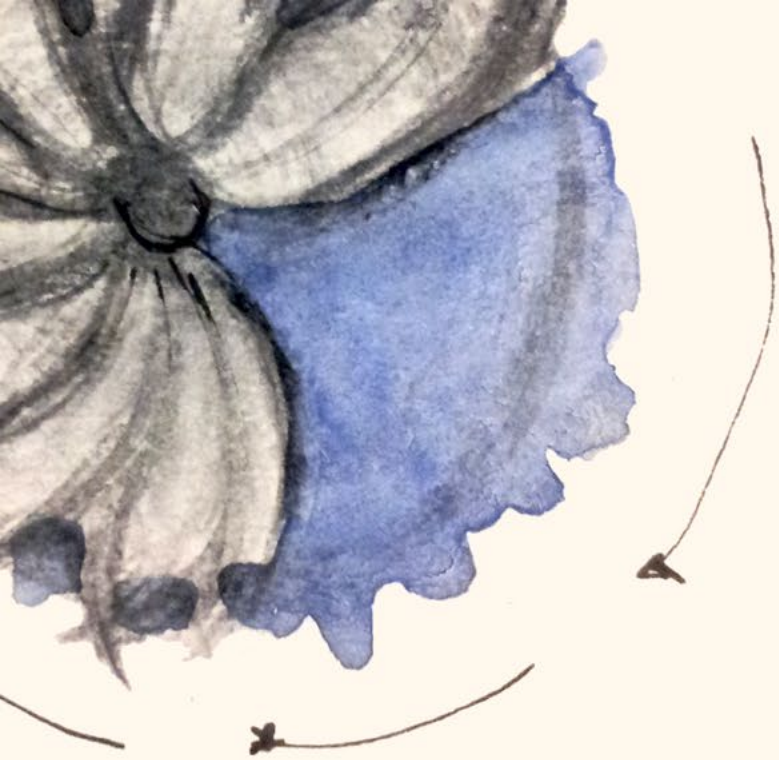
Resumo: Em novembro de 2013, a SEDUC-RS ofereceu o curso *Formação Continuada de Tradutores e Intérpretes de Libras*, garantindo vagas a um professor de cada coordenadoria regional do Estado, como incentivo à formação destes profissionais para atuação em prol da inclusão de alunos surdos no ensino regular. Representando a 3º CRE, da cidade de Estrela, tive a oportunidade de participar dessa formação ao longo de um ano na cidade de Porto Alegre, com um grupo de trinta professoras vindas das mais diversas cidades do Rio Grande do Sul, a fim de conhecer LIBRAS a partir de estudos gramaticais e linguísticos e de técnicas de tradução e interpretação, para posterior realização de práticas de estágio no âmbito educacional. Desta forma, o presente trabalho visa a compartilhar as experiências vividas nesta formação, bem como refletir sobre a teoria aprendida, confrontando-a com a realidade vivida nas práticas de estágio, objetivando ampliar o debate sobre a importância da atuação dos intérpretes no espaço escolar, sua visibilidade nesse contexto e os desafios diários de seu exercício, problematizando e conscientizando ainda sobre as lacunas deixadas na educação de um aluno surdo quando não há a presença do TILS e de um trabalho colaborativo envolvendo toda comunidade escolar no fortalecimento da educação inclusiva. Além disso, a formação possibilitou discussões e estudos teóricos sobre as possibilidades de trabalho do profissional TILS para além do campo linguístico, mas sobretudo, assumindo uma esfera social e cultural, a partir do olhar dos autores Anater e Passos (2010), Aniceto (2010), Lacerda (2009) e Russo (2010). Esses autores resgatam historicamente a consolidação da identidade TILS e problematizam os desafios desse profissional na busca de valorização e reconhecimento legal em virtude de uma representação ainda fragmentada e estereotipada de sua imagem no contexto atual. Sem dúvidas, é de extrema importância divulgar a oferta dessa formação e os conhecimentos construídos, pois essa iniciativa é um marco significativo para a educação em nosso estado, mostrando que ações efetivas em prol da educação inclusiva para surdos estão sendo desenvolvidas e também que há investimentos na formação do TILS, o que contribui para fomentar a consolidação efetiva do espaço desse profissional que, no atual cenário educacional e social, ainda carece de valorização e reconhecimento.

Palavras-chave: LIBRAS. TILS. Educação. Sociedade. Valorização.

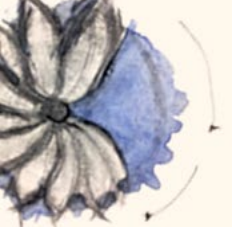
REFERÊNCIAS:

- ANATER, Giseli Iandra P.; PASSOS, Gabriele C. R. dos. *Tradutor e intérprete de língua de sinais: história, experiências e caminhos de formação*. Cadernos de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, n. 26, p. 207-236, 2010.
- ANICETO, Dalcides dos Santos. *O Intérprete Educacional de LIBRAS: Desafios e Perspectivas*. Universidade Federal de Roraima, 2010. Disponível em: www.webartigos.com/artigos/o-interprete-educacional-de-libras-desafios-e-perspectivas> Acesso em: 18 de out. 2014.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Intérprete de libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- RUSSO, Angela. *Intérprete de Língua Brasileira de Sinais: Uma posição discursiva em construção*. Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça, SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina.

1 Faculdade De Ipanema, Curso de Formação Continuada de Tradutores e Intérpretes de LIBRAS - TILS/SEDUC, leticia_lpn@hotmail.com



Educação, Saberes & Poderes



A ARTICULAÇÃO DA AVALIAÇÃO E DO CURRÍCULO NO ESPAÇO ESCOLAR

Ana Paula Coutinho¹

Henriqueta Althaus²

Suzana Feldens Schwertner³

Orientadora: Maria Isabel Lopes⁴

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: O presente estudo apresenta o resultado parcial da nossa participação no projeto de pesquisa: *O currículo em espaços escolarizados e não escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o ensinar e o aprender*, vinculado ao Mestrado em Ensino/Univates e ao subprojeto *Espaços e movimentos do currículo: entre o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado*, aprovado pelo Edital Universal MCTI/CNPq 14/2013 e desenvolvido pelo Grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM), cadastrado no Diretório de pesquisa do CNPq. A pesquisa investiga os movimentos escolarizados e não escolarizados em quatro espaços: dois escolares (uma escola no Sul do Brasil e uma escola na Colômbia) e dois não escolares (uma ONG localizada na cidade de Lajeado/RS/Brasil e uma fundação de arte em Porto Alegre/RS/Brasil). Nosso olhar, nesse trabalho, está mais voltado para o espaço escolar no Sul do Brasil, especialmente para os processos avaliativos realizados no mesmo. Para Michel Foucault (apud LUZ MATOS, 2009), a avaliação é mais uma das tecnologias de poder, que está presente na instituição escola, tendo surgido como uma forma de controle e categorização. O objetivo do trabalho é investigar e analisar os procedimentos de avaliação propostos no espaço escolar, buscando entender sua articulação com o currículo da escola. Levamos em consideração que o currículo vai além da organização de conteúdos propostos, ele é a forma como enxergamos o espaço da escola, como nos relacionamos nesta instituição, contribuindo para a constituição de nossa subjetividade. A partir dos estudos da genealogia de Michael Foucault e Gilles Deleuze, tomamos como documentos o regimento da escola e as entrevistas realizadas nesta, com o corpo diretivo da escola, no ano de 2013 e 2014. O olhar genealógico não pressupõe a busca por verdades, nem a interpretação dos fatos, mas procura entender o surgimento dos saberes, que ocorrem a partir de condições externas a estes. O estudo encontra-se em desenvolvimento com ele pretendemos investigar os procedimentos avaliativos propostos na escola, na tentativa de encontrar nessa investigação diferentes perspectivas de pensar o currículo em espaços escolares.

Palavras-chave: Avaliação. Currículo. Relações de poder-saber.

REFERÊNCIAS:

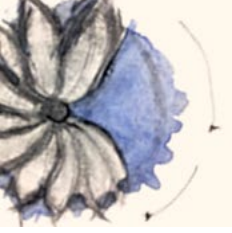
MATOS, Sônia Luz. Avaliações como saber-poder. In: SILVA, Jaqueline da; LOPES, Maria Isabel (org.). *Disciplina: relações de poder na escola*. Lajeado: Ed. UNIVATES, 2009. p.29-42.

1 Univates, graduanda no curso de Psicologia. E-mail: acoutinho@univates.br

2 Univates, graduanda no curso de Psicologia, bolsa de Iniciação Científica Univates. E-mail: queta.althaus@hotmail.com

3 Univates, docente do curso de Psicologia, professora do Mestrado em Ensino. E-mail: suzifs@univates.br

4 Univates. E-mail: milopes@univates.br



A ESCOLA DOS SONHOS: ASPIRAÇÕES E PERCEPÇÕES DE PROFESSORES

Tatiane Reginatto¹

Tânia Micheline Miorando²

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: Rubem Alves esboça o que acredita ser uma escola dos sonhos: “[...] uma escola fora da norma do menor denominador comum” (ALVES, 2001, p. 13). Como seria este espaço? Diferente do atual? Constantemente, deparamo-nos com pesquisadores que tecem considerações acerca de uma nova concepção de escola. Ao passo que encontramos manifestações de que a escola continua constituída da mesma maneira, bem como é possível analisar vários movimentos de educadores que pretendem modificar algumas destas realidades. Escolas organizadas em ciclos e grupos de interesse são mais comuns. Mas será que os professores estariam dispostos a apostar em uma constituição diferenciada de espaço escolar? Em um Encontro de Formação Continuada, realizado em um município do Vale do Taquari, com 18 professores (denominados P1, P2, ...), houve um momento em que os mesmos puderam criar uma proposta de escola. Alguns aspectos tinham que ser pontuados como público-alvo, visão e missão, organização das turmas e como seria o espaço físico. Eles expuseram seus projetos. Realizamos, concomitantemente, um grupo focal discutindo as ideias e questões que surgiram. Um grupo focal tinha como propósito o debate de um tema, partindo sempre das experiências dos sujeitos que o constituem (GATTI, 2005). As falas emergentes do grupo focal foram analisadas a partir dos pressupostos da análise do discurso, proposta por Bakhtin (2003). Os resultados foram, em especial, voltados a uma série de preocupações ambientais e humanísticas. As escolas idealizadas pelos professores retomavam aspectos como a energia solar, horta e amplo espaço de área verde. Segundo a fala de um dos participantes do grupo focal “[...] a escola ideal seria assim, fazendo com que estes alunos retornem às origens, reconheçam o ciclo natural das coisas, aprendam de onde vem o que nos sustenta [...] simplicidade seria a palavra” (P3, 2014). Concluímos que as escolas idealizadas pelos professores eram mais voltadas à formação humanística e integral do sujeito, baseada no respeito mútuo e ao meio ambiente.

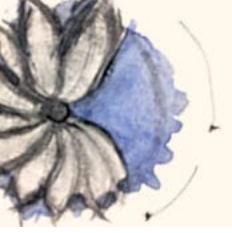
Palavras-chave: Escola Ideal. Professores. Formação Humanística.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- BAKHTIN, M. *Estética da comunicação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.
- GATTI, Bernadete A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005

1 Univates, Pedagogia, tatianereginatto@hotmail.com.

2 Univates, Pedagogia, tmiorando@gmail.br.



A INTER/TRANSDISCIPLINARIDADE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PROGRAMA “PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA”

Simone Teresinha da Rosa Maggioni¹

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

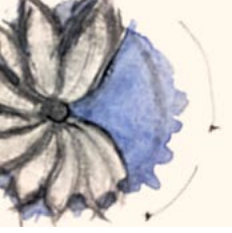
Resumo: A presente escrita se trata de uma investigação que busca trazer uma posição frente aos conceitos de interdisciplinaridade (pensados aqui com os autores Bakhtin, Morin e Philippi Jr) e a formação pelo Programa Nacional de Formação de Professores Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, nos encontros do programa no município de Mato Leitão, município do interior do Rio Grande do Sul. Tais conceitos foram discutidos durante o seminário especial intitulado “Inter/transdisciplinaridade, Complexidade e a perspectiva (Est)ética”, ministrado pela professora Margarete Axt, no curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Este estudo busca identificar a presença e o estabelecimento do conceito de práticas interdisciplinares na formação do Pacto, Formação Nacional embasada nos estudos do Letramento e da Alfabetização Matemática. A metodologia para esta investigação se dá pela análise dos atravessamentos entre os conceitos propostos pelos teóricos e as narrativas dos professores durante os encontros de formação do Pacto no município de Mato Leitão. As análises e anotações sobre o tema em estudo se dá nos encontros de formação com professores do referido município, professores estes do ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental). Ao final da pesquisa tenta-se pensar em como se atravessam/se cruzam ou se estabelecem as aprendizagens em todas as áreas do conhecimento junto ao pensamento firmado pelas práticas de Letramento e de Alfabetização Matemática com as crianças desta primeira etapa de escolaridade. A formação de professores se mostra nesta escrita como a possibilidade de diálogo entre os diferentes conhecimentos e a sala de aula, sendo esta última, o lugar (espaço tempo) para o embasamento da formação, encontrando assim, junto às teorias, os referenciais que possam nortear/problematizar as práticas com as crianças, assim a formação continuada pode ser vista como relação dialógica/múltipla que vem e vai para a sala de aula, num rodar/descobrir e entender pelo diálogo, pela escuta sensível.

Palavras-chave: Pacto. Interdisciplinaridade. Formação de professores.

REFERÊNCIAS

- AXT, M. artigo: *Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede*. POA, *Informática na Educação; teoria&prática*. V.11, n.1, 2008.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. SP, Martins Fontes, 2003.
- MORIN, E. *Por uma reforma do pensamento*. In: A. PENA-VEGA; E.P. do NASCIMENTO (orgs.). *O pensar complexo; Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.
- PHILIPPI JR, A.; SILVA NETO, A.J. (orgs). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. SP, Manole, 2011.

¹ Graduada em Letras/Inglês - FTC Salvador, 2010. Graduanda concluinte do curso de Pedagogia-PARFOR- 2014/2, Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC. Especialista em Mídias na Educação- UFRGS, 2012. Mestranda em educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Linha de pesquisa Arte Linguagem e Tecnologia. Início em 2014-2. monemaggi@gmail.com Pesquisadora do CNPQ no projeto CIVITAS-LELIC - UFRGS.



DA TÉCNICA À LIBERDADE CONSCIENTE: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA REFLEXIVA NO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE

Gabriel de Negreiros Ketzner¹

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

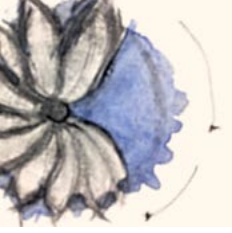
Resumo: Esta proposta necessariamente não persegue uma resposta, mas tão somente deseja problematizar o *corpus* de trabalho sobre o qual o educador físico se utiliza para o seu discurso – seu aparato técnico e signifiante e o que ele (re)produz ou mesmo (re)cria aonde, partindo-se deste *corpus*, realizar uma arqueologia de *seu* saber – enunciados, formas pelas quais se manifesta no mundo, suas origens e produtos e as suas possíveis consequências institucionais (FOUCAULT, 2013) no campo da saúde pública. No âmago desse trabalho, rabiscos se entrecruzam por esse *corpus* em busca de evidenciar instrumentos que possam servir como investimento do processo em saúde visando, dialeticamente, aquilo que o Outro revela-me em movimento, ou seja, o quanto esse revela-se *em movimentos*. Portanto, essa ação escrita tem como meta realizar uma breve investigação crítica quanto à aplicabilidade técnica da Educação Física. De acordo com Marcel Mauss (2003), as sociedades recorrem ao aperfeiçoamento técnico de seu povo em detrimento de necessidades ou mesmo para “ensinar” a outro povo o que existe de “mais moderno”, como uma adaptação recorrente da sociedade em detrimento de finalidades. Assim, questiono a intencionalidade da Educação Física e a aplicabilidade de seu conteúdo técnico quanto um saber prático em saúde pública, a saber: a) suas recorrências práticas e os caminhos prováveis que a levam a isso; b) marcas culturais, as quais convertem-se em escrituras talhadas no corpo do Outro -, o qual recebe o saber (o usuário/aluno do sistema público de saúde); c) responsabilidades e coerências éticas quanto a uma Educação Física humana e humanizada em saúde. Os resultados referentes a esse trabalho sugerem que a Educação Física revise seus pilares formadores (a formação universitária e a aplicabilidade técnica e ética) para atuar de forma crítica, reflexiva e sustentável e que, através da fenomenologia, transcender em detrimento da *práxis transformadora* no campo da saúde.

Palavras-chave: Corpo. Saúde Pública. Técnica. Atuação Profissional. Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- FOUCAULT, Michael. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PONTY, Maurice-Merleau. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SANCHEZ, Adolfo. *Filosofia da Práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

¹ Graduando de Educação Física pela UFRGS. Email: ketzer_gabriel@hotmail.com.



EDUCAÇÃO PARA TODOS EM QUESTÃO

Cláudio Pereira da Silva¹

Orientadora: Morgana Domênica Hattge²

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo tecer algumas reflexões críticas sobre o termo “educação para todos”, pois com o avanço da globalização e dos meios de informação e comunicação, a referida expressão aparece no cenário brasileiro e internacional com fortes tendências de se estabelecer uma homogeneização cosmopolita nas formas de ser, pensar e agir dos sujeitos enquanto seres dependentes da escola e de todo idealismo de desenvolvimento que a cerca. Nessa conjuntura, as ideias discorridas foram fundamentadas em alguns pensadores como: Veiga-Neto (2008), Varela e Alvarez-Uria (1992), Plank (2001) e Deleuze (1992). O estudo analisa a *Declaración mundial sobre la educación para todos* (1990), a Constituição Federal do Brasil e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Trata-se de uma revisão bibliográfica, fomentada nas discussões vivenciadas nas aulas da disciplina de Pedagogia e Educação, do Mestrado em Ensino da Univates. As análises interpretativas apontam que a educação contemporânea pode ser um dos vieses que leva o sistema capitalista a ganhar mais força a cada dia que passa. Assim, a escola seria uma espécie de capa ilusionista que continuaria a impulsionar um modelo ideal de sujeito de sucesso, numa lógica disciplinar de preparar o estudante para o mercado de trabalho e para vida, como algo fundamental e de “direito de todos”. Outro fator intrigante diz respeito à “Educação para todos” defendida pela Organização das Nações Unidas na Conferência Mundial de Educação, realizada em 1990 em Jomtien na Tailândia. Esse ideal foi fortemente apoiado pelo Banco Mundial, quando a alta gerência defendeu que uma das missões preconizadas seria reduzir a pobreza global e as desigualdades sociais com ações através da educação. O que aparentemente seria uma solução mundial para os problemas da humanidade, traz em seu contexto ideológico mais dúvidas do que certezas. Como esse processo desenvolvimentista aconteceria em nível global? O que seria respeitado ou desrespeitado em nível local? O conceito de pobreza seria considerado ausência de recursos financeiros? Ou seria ausência de culturas locais, humanismo e outros valores não financeiros? Em suma, o que se pode inferir é que alguns jargões políticos, como o “Educação para todos” podem esconder a real fragilidade e dominância envolvida nos processos educacionais do Brasil e do mundo.

Palavras-chave: Ideologia. Educação. Globalização. Pós-modernismo.

REFERÊNCIAS

DECLARACIÓN MUNDIAL SOBRE LA EDUCACIÓN PARA TODOS: Satisfacción de las Necesidades Básicas de Aprendizaje. Jontier, Tailândia: Unesco, 1990. Disponível em <http://www.unesco.org/education/pdf/JOMTIE_S.PDF>. Acesso em out. 2014.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 219-226.

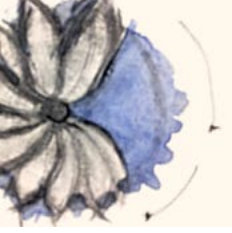
PLANK, David Nathan; MOTTER, Paulino; DA COSTA GOMES, Cândido Alberto. *Política educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria escolar. *Teoria & Educação*. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle*. Porto Alegre: XVI ENDIPE, 2008.

1 Univates/Lajeado-RS, Mestrando em Ensino, professor do IFPA, claudio1nm@yahoo.com.br

2 Univates/Lajeado-RS, Doutora em Educação, Professora do Mestrado em Ensino, morganahdomenica@yahoo.com.br



ENSINO MÉDIO GAÚCHO: CURRÍCULO EMANCIPADOR OU SUBMISSÃO ÀS DEMANDAS DO MERCADO?

Leandro Sieben¹

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: O presente artigo discute as proposições de um projeto educacional da educação básica voltada para atender às demandas do mercado, focando na empregabilidade da juventude, buscando adequar os currículos para as necessidades do discurso e do mundo empresarial e uma proposta educacional “unitária”. O texto articula-se com a provocação: estamos diante de uma reforma educacional originária e desejada pela escola ou, simplesmente, diante de uma pressão de lógica capitalista, que demanda mão de obra qualificada, com pagamentos de baixos salários, aumentando a precarização das relações de trabalho? Discute-se em que medida estamos diante de um currículo híbrido, impregnado pela ideologia de mercado, de uma educação profissional focada na competição e no reforço da dualidade educacional. Em que medida o currículo do Ensino Médio Gaúcho é uma proposta emancipadora? A perspectiva emancipadora de educação implica inserção nos processos de luta pelos caminhos da libertação que adquire sentido quando a busca dos oprimidos tem como objetivo a reconstrução de sua humanidade ao realizarem a grandiosa tarefa humanística e histórica dos oprimidos: a de libertar a si e aos opressores (FREIRE, 2005), estabelecendo relações de liberdade, igualdade e emancipação.

Palavras-chave: Emancipação. Mercado. Dualidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 47^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

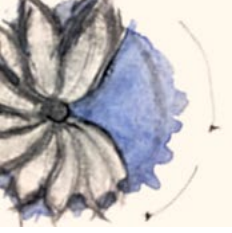
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GENTILI, Pablo, FRIGOTTO, Gaudêncio. *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez, 3^a ed. 2002.

SAVIANI, Demerval. *Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação*. Campinas: Autores Associados, Histedbr, 2005.

¹ Unisinos, Doutorado em Educação, leandrosete@gmail.com



EXERCÍCIOS DO PENSAR EM GRUPO A QUESTÃO: O QUE PODE A EDUCAÇÃO?

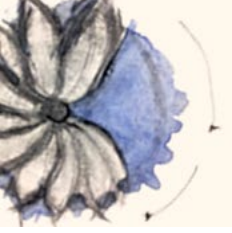
Fabiane Olegário¹

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: O grupo de estudos *O que pode a educação?*, vinculado ao Projeto de Extensão *Formação pedagógica e pensamento nômade*, proposto pelo Curso de Pedagogia da Univates, traz em seu nome o anúncio da problemática. Não trata atender à pergunta no sentido de respondê-la, ao contrário, consiste em ensaiar respostas sem o compromisso em encontrar uma única e verdadeira resposta. Indagar: *O que pode a educação?* Remete-se, de certo modo, à pergunta do filósofo Baruch Spinoza *O que pode o corpo?* Na esteira de Spinoza, o grupo de estudos, busca pensar a educação na relação com a potência criadora de vida, bem como na existência de outros modos de pensar e viver os processos educativos. O grupo conta com a participação de acadêmicos das licenciaturas e do curso de psicologia, bem como egressos da Univates e de professores das redes públicas e privadas de ensino do Vale do Taquari. Alunos e professores se reúnem quinzenalmente na Univates com o propósito de exercitar maneiras singulares de pensar nos modos de constituição de si e do outro, que permitam afrouxar certas verdades a fim de suspender aquilo que somos para sermos diferentes do que vimos sendo. As tentativas, os exercícios, as experimentações a partir das leituras, possibilitam expor a fragilidade e a potência da educação, que isenta de um valor prescritivo, revelador, doutrinário ou convertedor, sugere arriscar possíveis respostas, cuja duração se inscreve em linhas provisórias e arbitrárias. As aproximações com o pensamento da filosofia da diferença, e alguns autores, tais como: Michel Foucault e Gilles Deleuze, são utilizados como referencial para o estudo. Além disto, também compõe os encontros, alguns intercessores que possibilitam dar o que pensar ao pensamento, entre eles: a literatura, o cinema, a música e a poesia. Em cada semestre, o grupo cria um problema que servirá de mote para as leituras e possíveis problematizações, nas quais se distanciam das naturalidades, das familiaridades e das essências que formataram o pensamento ocidental moderno. Estudos envolvendo alguns conceitos foucaultianos, tais como: governamentalidade e discurso; assim como ideias relacionadas ao aprender e ao encontro fabricados pelo filósofo Deleuze são postos em circulação tornando potente a questão: O que pode a educação?

Palavras-chave: Pensamento. Educação. Filosofia.

¹ Mestre em Educação. Profa. na Univates. fabiole@univates.br



GESTÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

Denise Goldmeier Mattes¹

Orientadora: Maria Elisabete Bersch²

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES.

Resumo: A educação é um direito constitucional garantido a todo brasileiro. De acordo com a LDB “A Educação Básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. (Art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Nº 9.394/1996). Nessa perspectiva, tem por objetivo conhecer a percepção de professores de um município do Vale do Taquari no que tange às influências das alterações no quadro de pessoal da gestão municipal da educação sobre o trabalho desenvolvido nas escolas e sobre os processos de aprendizagem. De acordo com Dourado (2013), “a administração escolar configura-se, acima de tudo, como um ato político, na medida em que requer sempre uma tomada de posição.” No momento em que é designado o secretário municipal de educação, este busca formar a sua equipe de trabalho e os critérios utilizados para a escolha são diversos. Essa equipe busca ao longo de sua gestão coordenar o trabalho tanto pedagógico quanto administrativo nas escolas de seu sistema municipal de ensino. Lanço como hipótese inicial que o princípio democrático que orienta as eleições do país tem conduzido estados e municípios a constantes trocas de suas gestões, que nem sempre produzem os avanços sociais almejados pela maioria da população, pois no entra e sai de partidos e coligações há muitos outros interesses que suplantam os reais interesses públicos e coletivos. Dilemas à parte, o fato é que a alternância de uma gestão política influencia na execução de todas as áreas, com destaque para a área educacional, cujo orçamento compromete, no mínimo, 25% do total das receitas resultantes de impostos. Nessa perspectiva será desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com onze professores e a secretária municipal de educação da rede municipal de ensino de um município do Vale do Taquari. A escolha dos profissionais está pautada em uma série de requisitos pré-estabelecidos. Após as entrevistas será realizada uma análise dos dados coletados, comparando as diferentes respostas para uma mesma pergunta, identificando as semelhanças e diferenças entre elas. A monografia será realizada a partir da análise dos dados, visando a responder o problema dessa pesquisa.

Palavras-chave: Gestão. Alteração. Educação.

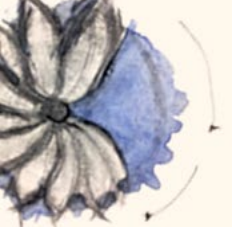
REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Lei nº 9 394/96. *Institui as Diretrizes e Bases da Educação brasileira*. 1996.

DOURADO, Luiz Fernandes. *A escolha de dirigentes escolares: políticas e gestão da educação no Brasil*. In: FERREIRA, Naura S. Carapeto (Org.). *Gestão Democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios*. 8º Ed. São Paulo – Cortez, 2013. p. 95.

1 Univates, Curso de Pedagogia, denise.mattes@hotmail.com

2 Univates, Curso de Pedagogia. bete@univates.br



O GESTOR ESCOLAR EMPREENDEDOR

Tatiane Reginatto¹

Silvana Neumann Martins²

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES.

Resumo: Ser visionário, saber explorar ao máximo as oportunidades, ser dedicado, determinado, dinâmico, otimista e apaixonado pelo que faz, ser líder e formador de equipes, são algumas das características elencadas por Dornelas (2007, p. 5-7) como sendo comuns a um empreendedor. A partir das justificativas supracitadas e imersa no atual contexto educacional brasileiro, surge a educação empreendedora (LOPES, 2010), que tem o intuito de incentivar a formação de alunos mais participativos, ativos, que persistam na realização de seus sonhos. A presente pesquisa deu-se a partir de um trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, localizado na cidade de Lajeado/RS/BRA. Este estudo surgiu com o intuito de identificar qual a compreensão que diretores das Escolas Municipais dos Municípios de Roca Sales, Encantado, Imigrante e Colinas, localizados no Vale do Taquari/RS, têm sobre a Educação Empreendedora. A presente pesquisa se desenvolveu em uma abordagem qualiquantitativa, cuja reunião auxilia no entendimento do que se deseja para o presente estudo. Os sujeitos pesquisados foram treze gestores escolares municipais que atuam no cargo de direção. Através da aplicação de questionários e da subsequente constituição de um grupo focal, emergiram alguns resultados, dentre os quais foi possível constatar que, apesar de reconhecerem o pouco conhecimento sobre o empreendedorismo e a educação empreendedora, os gestores se utilizam de seu potencial empreendedor e acreditam na importância de um gestor ser empreendedor. O estudo também contou com a realização de um Diário de Campo, que possibilitou a cartografia dos momentos desencadeados durante a investigação. A análise dos dados seguiu os pressupostos da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2007), que oportunizou a desconstrução dos textos e a organização dos mesmos em unidades de sentido e significado.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação Empreendedora. Gestor Escolar.

REFERÊNCIAS

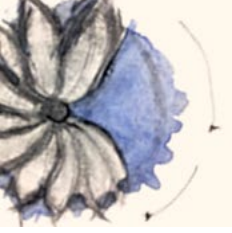
DORNELAS, José C. A. *Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LOPES, Rose M. (org.). *Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: MORAES, R; GALIAZZI, M. C. (orgs.). *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Unijui, 2007.

1 Centro Universitário UNIVATES, Pedagogia, tatianereginatto@hotmail.com.

2 Centro Universitário UNIVATES, Mestrado em Ensino, smartins@univates.br.



PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC): A LUDICIDADE COMO EIXO CENTRAL NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

Maria Helena Herrmann¹

Márcio Marquette Caye²

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um programa do Governo Federal criado para garantir o direito de todas as crianças estarem alfabetizadas até o final do Ciclo de Alfabetização, a partir do aperfeiçoamento profissional dos professores. Nesse Ciclo, o papel do lúdico e do brincar e a necessidade de aproximação do universo da criança, são pressupostos fundamentais para o trabalho pedagógico. O potencial do uso de jogos no ensino de maneira geral, e especialmente na Alfabetização Matemática, vem sendo objeto de estudo de muitos pesquisadores. Um dos compromissos do programa é a Alfabetização Matemática observada na perspectiva do letramento e entendida como instrumento para a leitura de mundo, estando além da simples decodificação dos números e resolução das quatro operações básicas. O estudo teve como objetivo, avaliar se a ludicidade está sendo utilizada pelos professores participantes do PNAIC, integrantes da rede de educação municipal de Lajeado, como um recurso para a Alfabetização Matemática. A formação do PNAIC atingiu cerca de 80 professores de 18 escolas durante os anos de 2013 e 2014 quando os enfoques foram, respectivamente, Linguagem e Matemática. Os encontros aconteceram ao longo do ano letivo, momentos em que o tema Ludicidade na Alfabetização Matemática foi explorado. Uma das propostas da formação foi a confecção de uma Caixa da Matemática pelo docente e seus alunos, contendo materiais de contagem, agrupamento e registros para a turma de alunos, além de jogos confeccionados durante a formação ou sugeridos pelos professores. Para acompanhar se a ludicidade estava sendo explorada como ferramenta para a Alfabetização Matemática, um grupo de dezoito professoras apresentaram um relato (oral, escrito e fotográfico) da prática pedagógica desenvolvida com os alunos, utilizando os materiais da Caixa. Com base nos relatos orais, observou-se que todas as professoras utilizaram jogos e recursos manipulativos em suas aulas com objetivos pedagógicos variados, como a construção de novos conhecimentos, aprofundamento do que já havia sido trabalhado e revisão de conceitos já aprendidos. A ludicidade tem recebido um lugar central no Ciclo de Alfabetização da Rede Municipal de Educação de Lajeado, não sendo mais apenas uma forma secundária de aprendizagem ou utilizada como uma premiação para os alunos mais rápidos na conclusão dos trabalhos escolares.

Palavras-chave: Alfabetização Matemática. Aperfeiçoamento profissional de professores. Caixa de Matemática. Lúdico. Professores.

REFERÊNCIAS

ALSINA I PASTELLS, Àngel. *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*: para crianças de 6 a 12 anos. Curitiba: Base Editorial, 2009. 152 p.

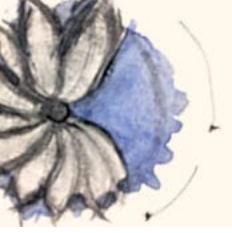
BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação*. Brasília: MEC, SEB, 2014. 72 p.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Construção do Sistema de Numeração Decimal*. Brasília: MEC, SEB, 2014. 88 p.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Jogos na Alfabetização Matemática*. Brasília: MEC, SEB, 2014. 72 p.

1 Psicopedagoga Clínica, Professora e Orientadora do PNAIC da Rede Municipal de Educação de Lajeado, maria.helena.herrmann@gmail.com.

2 Supervisor Pedagógico de Escolas da Rede Municipal de Educação de Lajeado, Coordenador do PNAIC na Rede Municipal de Educação de Lajeado, marciocaye75@gmail.com.



PRÁTICAS DE UM ESTÁGIO: OUTRAS POSSIBILIDADES

Cláudia Schvingel¹

Eniz Conceição de Oliveira²

Marli Teresinha Quartieri³

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: Este trabalho socializa os resultados decorrentes da prática pedagógica desenvolvida a partir da disciplina “Estágio em Docência no Ensino Superior”. Esta experiência foi desenvolvida no semestre B/2014, na disciplina Teorias e Processos da Aprendizagem, com uma turma de dezessete alunos, dos cursos de licenciatura Centro Universitário UNIVATES. O planejamento das atividades aconteceu em conjunto com as professoras orientadoras da disciplina de estágio e com o professor titular. Após reuniões, discussões e leitura dos materiais postados nos ambientes das disciplinas, o planejamento abordou os seguintes conteúdos: inatismo, empirismo, cognitivismo, comportamentalismo e o pensamento complexo. Já os objetivos estavam assim delineados: problematizar o papel do professor e do aluno no processo de ensino e de aprendizagem; fomentar discussões acerca dos processos de ensino e de aprendizagem; conhecer as concepções de escola na modernidade e na contemporaneidade, relacionando-as às vivências e práticas educacionais. Durante a fase de observação da turma, buscou-se conhecer os alunos e as leituras que estavam realizando, bem como identificar suas concepções de aprendizagem e suas experiências com o ensino. Após, foram planejadas situações de aprendizagem com foco na seguinte questão: quais atividades e reflexões poderiam ser propostas e delineadas para desenvolver uma prática diferenciada? O referencial teórico utilizado para fundamentar as discussões em relação ao planejamento para o ensino encontra-se em Gill (2012) e Menegolla e Sant’Anna (1993). Estes autores abordam a importância e os passos do planejamento no ensino superior. Já os autores que fundamentaram as práticas desenvolvidas durante o estágio foram Becker (1992), Morin (2000), Kohan (2009) e Traversini (2011). No desenvolvimento das atividades, fez-se uso de dinâmicas de grupo, vídeos, história narrada, imagens, desafios, poesias e cartas. Como resultado, pôde-se inferir que esta prática, possibilitou repensar vivências como professora da Educação Básica e contribuiu para a formação inicial e continuada de professores, problematizando com os mesmos os processos de ensinar e de aprender ao longo da história do ensino escolar. Além disso, percebeu-se o envolvimento e a participação efetiva dos alunos nas atividades propostas, o que foi produtivo para a futura vida profissional da estagiária.

Palavras-chave: Estágio. Planejamento. Ensino. Aprendizagem

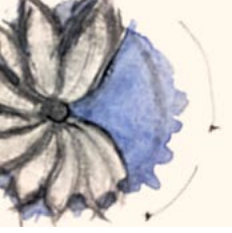
REFERÊNCIAS

- BECKER, Fernando. **Epistemologia do professor**. O cotidiano da escola. 4ª ed. 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. 1ª ed. - 7. Reimp. - São Paulo: Atlas, 2012.
- KOHAN, Walter Omar. **(O) O que é a pedagogia?** In: AQUINO, Julio Groppa. CORAZZA, Sandra Mara (Org). **Abecedário educação da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2009, p. 151-153.
- MENEGOLLA, Maximiliano. SANT’ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?: currículo, área, aula**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1993.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. - São Paulo : Cortez ; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- TRAVERSINI, Clarice Salete. **O desencaixe como forma de existência da escola contemporânea**. Apresentado na mesa redonda “Desencaixes da escola contemporânea: desafio a superar?” 4º SBECE, 23-25/2011. Canoas: ULBRA, 2011, 12 p.

1 Univates, Mestranda em Ensino, bolsista FAPERGS/CAPES, clau.dia1@hotmail.com

2 Univates, Doutora em Química (UFRGS), eniz@univates.br

3 Univates, Doutora em Educação (UNISINOS), mtquartieri@univates.br



PROVA BRASIL: UMA ESTRATÉGIA DE GOVERNAMENTO DOS SUJEITOS ESCOLARES

Leila Berwanger¹

Orientadora: Fabiane Olegário²

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO SABERES E PODERES

Resumo: O presente Projeto de Pesquisa foi elaborado na primeira etapa do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia e tem como tema as avaliações externas. Em tempos em que a educação vem sendo comentada em todos os âmbitos da sociedade, principalmente no que diz respeito à sua qualidade, cada vez mais, vemos ganhar forças o sistema de avaliações em larga escala. Nessa direção, pretendo compreender de que forma o IDEB constitui-se como discurso de verdade e uma tecnologia de governo dos sujeitos escolares. Para isso, o corpus de análise serão os vídeos das propagandas publicitárias desenvolvidas pelo Ministério da Educação, nos anos de 2007, 2009, 2011 e 2013, que divulgam a aplicação da Prova Brasil e o IDEB. Para fazer a análise desse material tomarei como base os estudos da teoria do discurso desenvolvida por Michel Foucault. Nesse sentido é importante destacar que os discursos constroem sentido e dão significado a determinadas práticas, pois “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2011, p. 10). As avaliações padronizadas estão presentes em diferentes etapas do ensino básico e também no ensino superior. Através delas o governo tem a intenção de medir, avaliar e classificar a educação nas escolas públicas de todo Brasil. Elas emergiram com a consolidação do Estado Moderno que instaura uma nova racionalidade baseada na política neoliberal. Nesse contexto, vemos crescer a influência de organismos internacionais, como o Banco Mundial, que em troca de investimentos financeiros, passam a exercer forte influência nas políticas públicas dos países em desenvolvimento. Nessa nova ordem, conforme Hattge (2012) e Anadon (2012), para alcançar o desenvolvimento, o Estado entende que é necessário agir sobre a conduta dos sujeitos. Assim, o Estado cria técnicas de governo com o intuito de regular a população. A necessidade de controlar e conhecer a realidade escolar, a fim de encaminhá-la em direção ao “sucesso” exige a constante produção de saberes e estatísticas. É nessas condições que o governo brasileiro começa a fazer usos das avaliações nacionais, pois “[...] tornam-se cada vez mais recorrentes e ‘necessárias’ para o governo da população” (FRÖHLICH e MORAES, 2011, p. 3) e passam a conduzir e orientar o comportamento de toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Avaliações Externas. Educação. IDEB. Governamentalidade

REFERÊNCIAS

ANADON, Simone Barreto. *Prova Brasil uma estratégia de governamentalidade*. 2012. 169 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, dez. 2012.

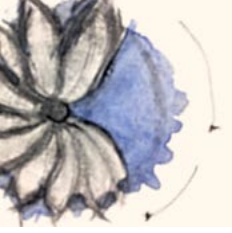
FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FRÖHLICH, Raquel e MORAES, Glaucia Cabral. *Governamentalidade, SAERS e estatística: o governo da população escolar no Sistema Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul*. 2011.

HATTGE, Morgana Domênica. Aprendizagem: desempenho e performatividade. In: MUNHOZ, Angélica Vier; ROSA, Daiane Clesnei da; BERSCH, Maria E.; ISSE, Silvane F. (Orgs). *Diálogos da Pedagogia Coletâneas*. Lajeado: Editora Univates, 2012. V. 1

1 Acadêmica da Univates, curso de Pedagogia, leilaberwanger@yahoo.com.br

2 Profa. No curso de Pedagogia da Univates, fabiole@univates.br



VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS

Simone Kátia Naivert Müller¹

Marizabete Ozelame²

Orientadora: Mariane Inês Ohlweiler³

GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO, SABERES E PODERES

Resumo: Este trabalho é proveniente de uma oficina realizada durante o semestre de 2014/A pelo grupo de bolsistas do subprojeto de pedagogia – Pibid Univates, - PED1, juntamente com uma escola da rede Estadual, parceira do projeto, localizada no município de Estrela/RS. Nessa escrita iremos nos deter na oficina de “Brincadeiras e Jogos”, a qual foi pensada a partir dos interesses manifestados pelos alunos, em virtude de suas práticas no ministério, aplicadas no segundo semestre. As intervenções foram realizadas com os alunos do segundo ano do Curso Normal. O objetivo do trabalho foi apresentar experiências diferenciadas assim como resgatar jogos e brincadeiras antigas, proporcionando aos alunos a oportunidade de: ampliar seus conhecimentos através de vivências e atividades lúdicas interativas; socializar brincadeiras realizadas em aulas de recreação; descobrir o prazer de brincar e desenvolver a organização e autonomia para o trabalho individual e em grupo, sabendo respeitar e seguir regras de jogos. Planejamos a oficina dividindo-a em três etapas. Na primeira etapa realizou-se uma breve explanação sobre a diferença entre brincadeiras e jogos, e a importância de incluir estas atividades nas práticas escolares. Após, selecionamos e apresentamos uma série de imagens com jogos e brincadeiras, além de dispor materiais que poderiam ser utilizados para a confecção pelos alunos. Como encerramento da primeira etapa, os alunos experimentaram jogos como *tangram*, *memória* e *o jogo dos contatos*. A segunda etapa foi destinada à construção de diferentes jogos e brincadeiras, como: bolinhas de massagem, *jogo da velha* e *papa bola*. Por fim, na última etapa foram exploradas diferentes brincadeiras: dança das cadeiras cooperativa, dinâmica do espelho, brincadeira da marionete e outras. Durante a oficina foi perceptível a participação, o interesse e a criatividade dos alunos, que elaboraram novas regras para os jogos. Concluímos que, com a oficina, conseguimos aliar a teoria com a prática e proporcionar diversas atividades lúdicas aos alunos, os quais, além de vivenciá-las, puderam utilizá-las em seu ministério.

Palavras-chave: Brincadeiras. Curso Normal. Jogos. Oficina.

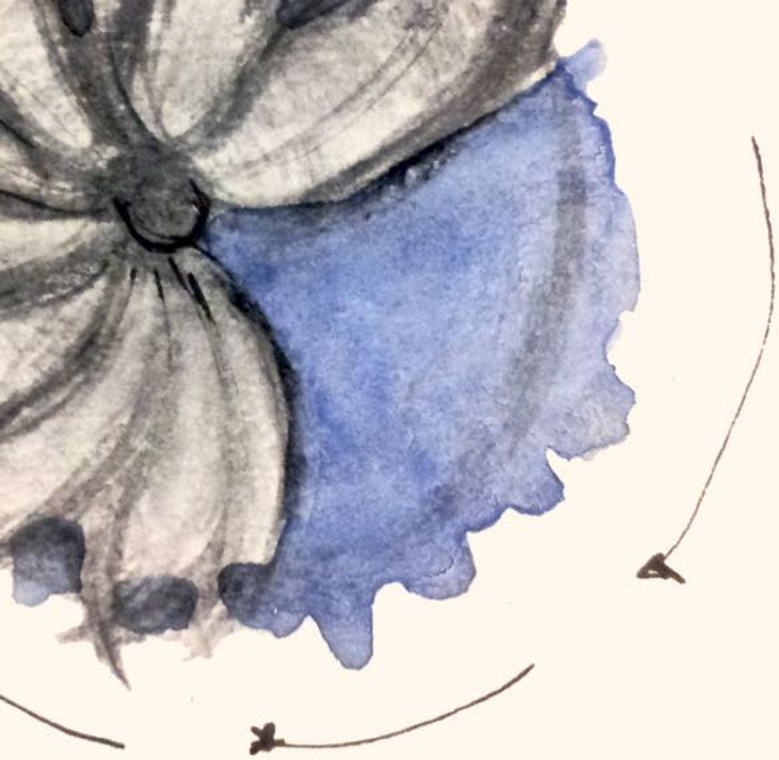
REFERÊNCIAS

MALUF, Angela Cristina Munhoz. *Brincar: Prazer e Aprendizado*. 3ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

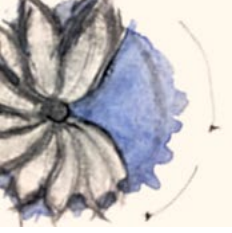
1 Univates, Pedagogia, CAPES, simonekatia_muller2012@hotmail.com

2 Univates, Pedagogia, CAPES, marizabete.ozelame@yahoo.com.br

3 Univates, Pedagogia, CAPES, miohlweiler@univates.br



Currículo, Espaço & Tempo



APRENDIZAGEM E FUNDAÇÃO DE ARTE: PROVOCAÇÕES PERTINENTES

Aline Rodrigues¹

Francine Nara de Freitas²

Mariane Inês Ohlweiler³

GRUPO DE TRABALHO: 5. CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

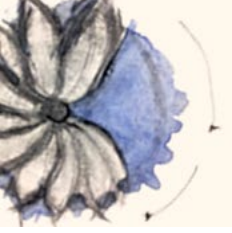
Resumo: O presente trabalho aborda o currículo como tema central, mais especificamente, os movimentos entre o currículo em espaços escolarizados e não escolarizados. Com o intuito de pensar estes movimentos são tecidas linhas entre uma Fundação de Arte e seu currículo, problematizando a aprendizagem e as práticas docentes em relação à Arte Contemporânea. Procura-se analisar práticas que movimentam os processos de ensinar e aprender em diferentes espaços, tomando como foco alguns “personagens” que assumem papéis centrais na fundação, quais sejam: mediadores, professores, alunos, organizadores do material pedagógico, participantes dos encontros de formação, além dos demais visitantes. O referencial teórico está embasado em Michel Foucault, Gilles Deleuze e seus comentadores. Entre os dados obtidos até o momento destacam-se características de espaços escolarizados na Fundação. Algumas ações remetem às práticas escolares e disciplinadoras, no intuito de gerar diferentes aprendizados, como as oficinas realizadas com alunos de escolas, as visitas guiadas para aqueles que tiverem interesse e os encontros para educadores; outras permitem questionar práticas inerentes às instituições que trabalham em certa medida com processos que envolvem a aprendizagem. O conceito de aprendizagem é compreendido aqui em um sentido amplo e como um imperativo contemporâneo, pois o espaço não escolar é capturado por movimentos escolarizados, em que a aprendizagem pode ser planejada, executada e avaliada, assim como acontece nas escolas. E dessa maneira, distancia-se do conceito de aprendizagem ligado à invenção, em que o criar adquire forças ao ser potencializado, sem que haja necessidade de acompanhamento desse processo, pois o aprender pode estar imerso em muitas verdades. Portanto, problematizar o currículo de uma Fundação permite pensar a Arte de maneira a explorar suas infinitas possibilidades do aprender.

Palavras-chave: Arte. Currículo. Aprendizagem.

1 Univates, Mestrado em Ensino, CAPES, aliner@universo.univates.br

2 Univates, Mestrado em Ensino, FAPERS, freitasfran14@gmail.com

3 Univates, Mestre e Doutora em Educação, mariane_ohl@yahoo.com.br



BRINQUEDO DE MIRITI: TRADIÇÃO, CURRÍCULO CULTURAL E RELAÇÕES DE GÊNERO

Joyce Ribeiro¹

Lidia Sarges²

Delisa Pinheiro³

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: Este trabalho resulta de pesquisa que tem entre seus objetivos, refletir sobre a tradição do brinquedo de miriti. Nos dez meses de experiência etnográfica, a observação cotidiana e as conversações nos possibilitou a entrada na cultura do lugar (CLIFFORD, 1998). A interpretação é orientada pelos Estudos Culturais e conta com Hall (1997), Scott (1995), Silva (1999), e Hobsbawn (1984). Como resultados parciais temos: no município de Abaetetuba, a bicentenária tradição do brinquedo de miriti foi inventada em certo contexto histórico no solo da cultura popular e sobrevive nos dias atuais por meio do trabalho de artesãos e artesãs. O brinquedo de miriti, patrimônio histórico do estado do Pará, é um artefato central da cultura e da economia local. A fabricação do brinquedo é marcada pela *produção generificada*, que consiste em tarefas específicas para homens e mulheres, destacando-se o corte considerado um dom, uma tarefa masculina, devido requerer habilidade e destemor. Às mulheres cabe pintar e fazer o acabamento, o que exige paciência, delicadeza, cuidado e higiene. Porém, as relações de poder emaranham o cotidiano nos ateliês e ocasionam atravessamentos das fronteiras de gênero supostamente bem definidas. Tanto a tradição do brinquedo de miriti, quanto a *produção generificada* são produzidas e reproduzidas cotidianamente pelo currículo cultural. Consideramos os ateliês como instâncias pedagógicas que possuem uma pedagogia, e que ensinam por meio de conhecimentos culturais. Estes conhecimentos culturais são produtivos, inventam sentidos e negociam significados que constituem a identidade e a subjetividade para certa sociedade (Costa, 2003). Para Silva (1999), os conhecimentos culturais têm sucesso garantido devido seduzir pela emoção e pela fantasia, ao repassar os valores da tradição para mantê-la e os valores de gênero para regular condutas masculinas e femininas.

Palavras-chave: Brinquedo de miriti. Cultura. Tradição. Currículo cultural. Relações de gênero.

REFERÊNCIAS

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COSTA, Mariza V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luís H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, mai/jun/jul/ao, 2003.

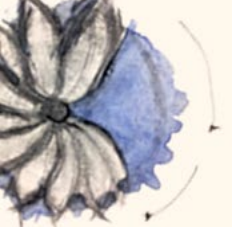
HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. 1997.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

1 Faecs/Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA; Prodoutor/Pibic-interior/2014-15; joyce@ufpa.br

2 Faecs/Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA; Curso de Pedagogia/bolsista Prodoutor/2014-15; lidiasarges@yahoo.com.br

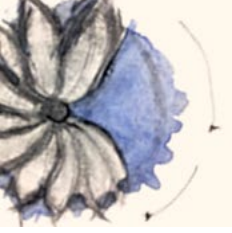
3 Faecs/Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA; Curso de Pedagogia/bolsista Pibic-interior/2014-15; delisapinheiro@yahoo.com.br



SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Tomaz T. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.



CONHECER, CONECTAR-SE, PRODUZIR: DIFERENTES VÍNCULOS ENTRE A DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS E A ARTE

Carmen Lúcia Capra¹

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: Este artigo tem como objetivo pensar sobre as bases de diferentes vínculos da docência com as artes visuais, sugeridos na formação inicial e atuação docente. Para tal, usam-se dados de pesquisas realizadas pela autora nos últimos dois anos e um referencial teórico composto por autores como Barbosa (1998), Duve (2012), Mosé (2013), Pevsner (2005), Tiburi e Hermann (2014) e Zoladz (2011), entre outros. Em primeiro lugar observa-se quais são e como são distribuídas as disciplinas de formação artística nas matrizes curriculares de licenciaturas em artes visuais – priorizando as do Rio Grande do Sul – a partir de que se depreende a semelhança com a formação artística realizada em academias de arte. Após, analisam-se concepções de egressos da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (coletadas em pesquisa por meio de questionário e grupo focal) sobre a formação artística e a formação docente desenvolvidas na licenciatura, com vistas a pensar a potencialidade do conceito de professor-artista. Por fim, são consultadas obras de referência para a formação docente em arte a fim de identificar que modos de relação do professor com a arte são sugeridas. Exemplos como “*conhecer arte para melhor escolher o que ensinar*”, “*conectar-se a uma concepção de arte*” e “*produzir arte e ter a escola como lugar para realizar a sua arte com os alunos*” dão a ver que o professor em sua relação com a arte ora assumiria qualidades semelhantes às do estudioso, ora ações próprias do artista. Após o assentimento da arte como uma área de conhecimento e de sua garantia na educação formal brasileira desde a década de 1990, entende-se que no pensamento sobre a formação de professores é importante atentar aos diferentes vínculos com a arte que circundam a docência em artes visuais, questionando se promovem subsídios para que o professor dessa área possa lidar com as complexidades e contradições da arte e da educação.

Palavras-chave: Artes Visuais. Formação docente. Licenciatura em artes visuais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. et al. *Som, gesto, forma e cor: dimensões da arte e seu ensino*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

CAPRA, Carmen Lúcia. *Licenciados em Artes Visuais na UERGS: resgate do passado, contribuições ao presente e projeções para o futuro*. Montenegro: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2012.

_____; SIMÕES, Igor Moraes. *A formação dos artistas acadêmicos presentes no acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul*. Montenegro: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2013.

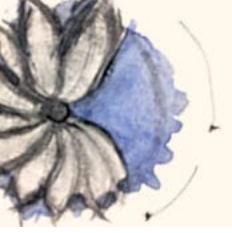
FERREIRA, Félix. *Belas artes: estudos e apreciações*. Porto Alegre: Zouk, 2012.

DAMASCENO, Athos. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

DUVE, Thierry de. *Fazendo escola (ou refazendo-a?)*. Chapecó, SC: Argos, 2012.

FUSARI, Maria Felisminda de R.; FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, Graduação em Artes Visuais: licenciatura, Edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica INICIE-AAF/UERGS–2013 e 2014, carmen-capra@uergs.edu.br.



FUNDARTE/UERGS. Fundação Municipal de Artes de Montenegro/ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Área de Educação. *Graduação em Artes Visuais: Licenciatura, Plano de Curso*. Montenegro, 2006.

ICLE, Gilberto (Org.). *Pedagogia da arte, entre lugares da escola*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

MOSÉ, Viviane. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). *A formação do professor e o ensino das artes visuais*. Santa Maria: UFSM, 2005.

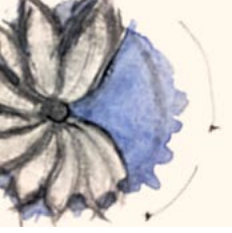
OSINSKI, Dulce. *Arte, história e ensino: uma trajetória*. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTEL, Lucia G. *Limites em expansão: licenciatura em artes visuais*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

PEVSNER, Nikolaus. *Academias de arte: passado e presente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TIBURI, Márcia; HERMANN, Nadja. *Diálogo/educação*. São Paulo: SENAC, 2014.

ZOLADZ, Rosza W. Vel. *Profissão Artista*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.



CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Francine Nara de Freitas¹

Orientadora: Angélica Vier Munhoz²

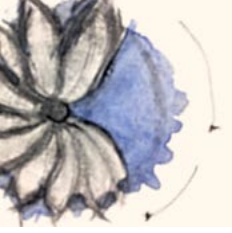
GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: O presente texto apresenta algumas problematizações que permeiam o projeto de dissertação de Mestrado em Ensino, do Centro Universitário UNIVATES, que tem como temática central o currículo das escolas infantis no município de Lajeado/RS. Neste projeto, a autora inventa três imagens de professor: habitante, turista e rachador para pensar seus movimentos nas escolas e questiona: de que modo as imagens de turista, habitante e rachador podem se movimentar na produção do currículo da Educação Infantil? Tal currículo é entendido como produtor e produto das relações de poder, constituindo, desta maneira, as subjetividades de todos aqueles que se fazem parte do processo educacional das escolas envolvidas nesta pesquisa. As três imagens inventadas são primeiramente conceituadas. Posteriormente são abordadas como possibilidades de metamorfose, ou seja, podem sofrer transformações, pois estão em constante movimento. O estudo será realizado através da Cartografia, em uma aproximação à Filosofia da Diferença, a partir de autores como Gilles Deleuze, Michel Foucault e seus comentadores. Nesta experiência, a pesquisadora busca ser atravessada por diferentes e múltiplas afecções no processo de pesquisar, sem seguir rigorosamente um cronograma de pesquisa, pois está atenta e a espreita a tudo o que possa afetar e constituir o currículo em questão. Serão utilizados como instrumentos para registrar as afecções, um diário de bordo, filmagens e fotografias que auxiliarão a compor o cenário da dissertação. Neste momento, o projeto encontra-se em fase de qualificação, portanto, não apresenta resultados.

Palavras-chave: Educação Infantil. Currículo. Professores.

1 Univates, Mestrado em Ensino, FAPERGS, freitasfran14@gmail.com

2 Univates, cursos de Pedagogia, Psicologia e Mestrado, angelicavmunhoz@gmail.com



CURRÍCULO, CONTEÚDO E EXPERIMENTAÇÃO: O ESTUDO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NAS AULAS DE HISTÓRIA

Márcia Solange Volkmer¹

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: A seleção dos conteúdos que serão desenvolvidos em sala de aula é uma das etapas mais importantes do planejamento docente. Considerando o que é postulado pelo sistema educacional e suas diretrizes e cumprindo os planos de ensino da escola, o professor tem ainda relativa autonomia no direcionamento dos temas e conceitos que serão estudados. Os bolsistas do subprojeto História do Pibid Univates enfrentaram o desafio de desenvolver um projeto que permitisse o estudo de temas e conceitos, vinculados ao conteúdo, mas não limitados pelo mesmo. Nesse sentido, com o objetivo de aproximar os conteúdos históricos da realidade dos alunos desenvolveu-se o projeto “*Conhecendo a história local*”. Considerando que “todo o patrimônio se configura e se engendra mediante suas relações com a cultura e o meio” (PELEGRINI, 2006, p. 118), o estudo do patrimônio cultural em sala de aula permite que se estabeleçam vínculos com o espaço vivido. As atividades foram desenvolvidas com três turmas da primeira série do Ensino Médio da Escola Estadual Presidente Castelo Branco, de Lajeado. Em sala de aula, na modalidade de oficinas, foram estudados os conceitos de memória e patrimônio cultural, e aspectos relativos ao ofício do historiador, com um estudo sobre as fontes históricas, pesquisa e preservação. Destaque foi dado para a história do município de Lajeado, utilizando-se de documentos variados, com ênfase nas fotografias. Nesse sentido, o projeto permite uma reflexão a partir das experiências em sala de aula e a prática com o Ensino de História. Para tanto, entende-se a escola como um *espaço praticado* (MEINERZ, 2010, p.211), onde imperam ações, relações e influências sociais e culturais. No segundo momento, foram realizadas visitas guiadas aos *lugares de memória* (NORA, 1997) da cidade, estudando a arquitetura, objetos e documentos históricos. O envolvimento dos alunos demonstra que as aulas de História podem contribuir para o entendimento da realidade local e posicionamento crítico diante dos vestígios do passado que nos cercam.

Palavras-chave: Ensino. História. Escola. Patrimônio Cultural.

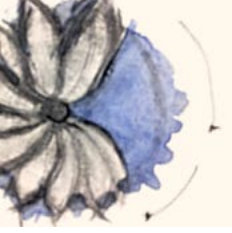
REFERÊNCIAS:

MEINERZ, Carla B. Ensino de História: a relação pedagógica presente em nossas práticas. In: BARROSO, Vera. et.al. (org). *Ensino de História: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: EST. ANPUH, 2010, p.203-212.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1997.

PELEGRINI, Sandra C. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.26, n.51, p. 115-140, 2006.

1 Centro Universitário UNIVATES, Curso de Licenciatura em História, Subprojeto História do Pibid-Univates, Capes, marciavolkmer@gmail.com



DOCÊNCIA, DOCENTES E PERCURSOS FORMATIVOS EM TEMPOS DE EMPRESARIAMENTO DA EDUCAÇÃO

Daniela Pederiva Pensin¹

Juliana Fatima Serraglio Pasini²

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO.

Resumo: A crescente visibilidade da educação superior faz ampliar o foco sobre a docência e o docente deste nível de ensino. Aqui objetivamos a problematização da docência na educação superior na perspectiva de que seja orientada por formações continuadas pautadas por percursos inscritos em contextos marcados pelo empresariamento da educação. As práticas de formação pedagógica continuada (FPC) regulam identidades docentes na direção daquilo que institucional e contemporaneamente se define como próprio e adequado. Assim, docentes referem aprendizagens ao longo da vida, atribuindo a si uma condição de aprendizes permanentes, incessantemente envolvidos com processos de formação que demonstram, em seu repertório discursivo, a presença do empreendedorismo, da inovação, da eficiência produtiva e da flexibilidade. Para entender esse cenário olhamos para os Projetos Pedagógicos Institucionais de Universidades do Rio Grande do Sul, documentos que expressam posicionamentos, escolhas e compromissos institucionais, além de manifestar concepções de docente e docência que acabam por orientar os currículos de FPC. Parece haver um consenso em torno da docência na educação superior, um discurso que defende a especificidade dessa modalidade de docência e a verdade de que os docentes precisam ser formados para o exercício da profissão segundo uma discursividade que orbita em torno da definição do bom professor e suas práticas. Tomados como superfície investigativa e a partir de um referencial de inspiração pós-estruturalista, esses discursos sobre o docente e a docência na educação superior permitem perceber que o predomínio do discurso de empresariamento da educação coloca-se como uma convergência contemporânea em termos dos discursos docentes e da docência, em termos da linguagem da formação pedagógica para a educação superior.

Palavras-chave: Docência. Formação docente. Empresariamento da educação.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel da (Org). *Trajetórias e lugares da formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional*. Araraquara: Junqueira & Marin. Brasília: CAPES: CNPq, 2010.

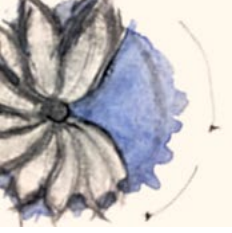
FOUCAULT, Michel. *Tenologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. 1996.

SANTOS, João de Deus dos. *Formação continuada: cartas de alforria & controles reguladores*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 176 p. (Tese)

SILVA, Rafael R. Dias da. *A constituição da docência no Ensino Médio no Brasil contemporâneo: uma analítica de governo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2011. 215p. (Tese)

1 Pedagoga. Mestre em Educação, Instituto Latinoamericano y Caribeño (Cuba). Doutoranda em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora e Assessora Pedagógica, Universidade do Oeste de Santa Catarina. daniela.pensin@unoesc.edu.br.

2 Doutoranda em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Mestre em Educação na Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista pela CAPES, do Projeto do Observatório de Educação “Indicadores de Qualidade e Gestão Democrática”. Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade União das Américas – UNIAMERICA. july_serraglio@hotmail.com.



DOS PROCESSOS E EFEITOS DA ESCOLARIZAÇÃO EM UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Ana Paula Crizel¹

Morgana Domênica Hattge²

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: Este estudo problematiza o processo de escolarização engendrado no interior de uma organização não governamental, espaço não escolar localizado na região central do Rio Grande do Sul. Esta ONG, na sua fundação em 2003, se propunha ser um espaço que escapasse da forma-escola e que se misturasse à comunidade na qual estava inserida, promovendo a vida por meio de encontros com a arte. Mas em um dado momento, em meio às forças que constituem e atravessam o território onde se atua, ela se vê empreendendo movimentos escolarizados para manter-se em atividade. Movimentos que a despotencializaram, fragilizando sua relação com a comunidade e também o próprio trabalho desenvolvido. Este espaço, extinto no final de 2013, faz parte das investigações da pesquisa *O currículo em espaços escolarizados e não escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o aprender e o ensinar*, vinculada ao Mestrado em Ensino/Univates e ao subprojeto Espaços e movimentos do currículo: entre o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado, aprovado pelo Edital Universal MCTI/CNPq 14/2013, desenvolvidos pelo Grupo de pesquisa Currículo, espaço, movimento (CEM), cadastrado no Diretório de pesquisa do CNPq. Metodologicamente o estudo opera com a noção de genealogia em Foucault (2013), portanto, a intenção não é buscar uma origem dos processos de escolarização neste espaço mas, muito mais, as forças que neste espaço-tempo operaram fazendo emergir estes movimentos. Por este motivo a aproximação do espaço se deu a partir de entrevistas gravadas, reunião de diversos documentos da instituição como matérias de jornal, estatuto e regimento interno, informativos e relatório de projetos desenvolvidos. Os resultados parciais desta investigação nos possibilitam perceber a trama cerrada da escolarização que ao ser compreendida como algo natural dentro dos espaços escolares, se espraia e habita os demais espaços que realizam algum trabalho educativo. Escolarização que, conforme Dussel (2014), torna todos os espaços semelhantes, embora em espaços-tempos diferentes. Homogeneização que despotencializa a diferença em favor de padrões legitimados por órgãos estatais.

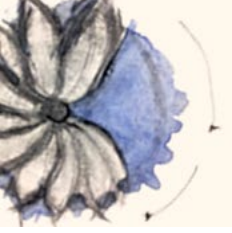
Palavras-chave: Escolarização. Espaço não escolar. Genealogia

REFERÊNCIAS

- DUSSEL, Inés. *A montagem da escolarização: discutindo conceitos e modelos para entender a produção histórica da escola moderna*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 250-278, jan./jun. 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 27. ed. São Paulo: Graal, 2013.

1 Univates, Mestrado em Ensino, CNPq, ana.crizel@gmail.com.

2 Univates, Pedagogia, CNPq, mdhattge@univates.br.



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CURRÍCULO, DIDÁTICA E PENSAMENTO

Angela Maria Borba Cardoso¹

Patrícia Cardinale Dalarosa²

Orientadora: Sandra Mara Corazza³

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO.

Resumo: Este trabalho coloca em discussão pedagógica a atual organização curricular da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Porto Alegre / RS. Trata-se de uma análise filosófica acerca das abrangências conceituais, epistemológicas e afetivas desta modalidade de ensino. Nesse sentido, é lançado um olhar atento aos procedimentos didáticos que expressam, objetivamente, o empenho na tradução de conhecimentos já produzidos nos respectivos planos de criação, tal como apresentados por Deleuze e Guatarri (1997): a Filosofia, a Ciência e a Arte, compreendendo que cada forma, tipologia ou informe de pensamento produz particularidades específicas ao seu plano operatório. Assim, a filosofia cria conceitos, a ciência cria funções, as artes e a literatura criam sensações (afectos e perceptos), em estreita coexistência na efetuação de uma espécie de eterno retorno ao caos, ressoando novos conceitos, funções e afecções. Entende-se que os dinamismos didáticos compõem territórios curriculares específicos, os quais agitam expressões e conteúdos já existentes no mundo, recriando-os a cada vez, por meio de pontes inexplicáveis e invisíveis de isolamento, de deformação e de dissipação que acompanham os problemas originais. Nesse processo analítico, importa o encontro de forças que produzem novas sensibilidades, bordas e interstícios no mesmo currículo, em composições sonoras, literárias, imagéticas, artísticas e científicas já conhecidas, bem como a experimentação de problemas que atravessam livros, histórias, poesias, arquiteturas, teoremas, esculturas e outros corpos.

Palavras-chave: Currículo. Educação. Pensamento. Didática.

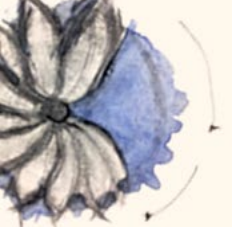
REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

1 SMED/EJA, angelacardoso@smed.prefpoa.com.br.

2 UFRGS/PPGEDU e SMED/EJA, patriciadalarosa@yahoo.com.br.

3 UFRGS/FACED, sandracorazza@terra.com.br.



EL BOSQUE DE LA ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL: (DES)CONSTRUÇÃO DE SABERES A PARTIR DA EXPLORAÇÃO DE ELEMENTOS DA NATUREZA

Patrícia da Costa¹

Orientadora: Morgana Domênica Hattge²

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: A *Escuela Pedagógica Experimental* (EPE) é reconhecida no contexto educacional por sua proposta pedagógica voltada ao protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem. Dentro deste pensar a escola de um modo peculiar, há um olhar especial para um espaço que abre possibilidades às coisas da ordem da sensibilidade, dos encontros e dos afetos. Uma pintura em movimento constante, conduzida pela simplicidade estética e riqueza pedagógica de um Bosque. Tendo em vista a importância da interação com elementos naturais para o desenvolvimento cognitivo das crianças, este resumo traz recortes do projeto de pesquisa “O bosque da *Escuela Pedagógica Experimental* e suas possibilidades no processo de construção de saberes”, pensado a partir dos estudos realizados no curso de extensão “Pesquisa e prática docente: o exercício da dúvida e a construção de outras possibilidades”, desenvolvido no Centro Universitário UNIVATES. Buscou-se investigar as possibilidades de aprendizagem que perpassam o espaço do bosque a partir da exploração de elementos naturais e estudar sobre a proposta pedagógica da EPE para compreender os pressupostos que tecem o cotidiano dos estudantes e dos professores na *Escuela*. Os estudos teóricos que lapidaram a pesquisa trilharam pelas bibliografias de SEGURA (1999, 2000 e 2000), fundador da EPE, e de outros professores que experienciaram encontros, afetos e movimentos de (des)construções neste espaço, como ESCOBAR e GARCIA (2011). Para seguir com os estudos investigativos, foram enviados questionários para as crianças e termos de autorização de uso de suas escritas em resumos e artigos pelas responsáveis da pesquisa, bem como, para apresentações de trabalhos em eventos científicos da área da Educação. Dos questionários enviados, nove retornaram com os termos devidamente assinados pelos pais. Com o retorno dos questionários, foi possível perceber que o bosque é vivenciado como um espaço de aprendizagem constante. Para as crianças, no bosque aprende-se a aventurar-se, conhecer os animais, a cuidar e subir em árvores, recolher os lixos, jogar jogos divertidos, fazer cavernas com galhos, ver caracóis, caminhar muito, brincar com os amigos. Entende-se que o bosque é uma proposta âncora da EPE, um diferencial pedagógico que permite situações de aprendizagem num tempo-espaço de experimentação e criação.

Palavras-chave: EPE. Bosque. Saberes. (Des)construções.

REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Gloria. GARCIA, Monica. *Las interacciones en un espacio pedagógico: El caso del bosque*. VI Encuentro Iberoamericano de Colectivos Escolares y Redes de Maestros/as que hacen investigación e innovación desde La Escuela, Argentina. 2011.

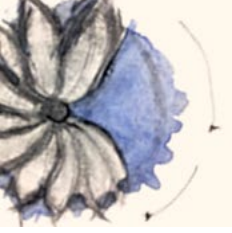
SEGURA, Dino. *La construcción de la confianza: una experiencia en proyectos de aula*. Bogotá: Escuela Pedagógica Experimental, 1999.

SEGURA, Dino. *Constructivismo: construir que?* Bogotá: Escuela Pedagógica Experimental, 2000.

SEGURA, Dino. *Es posible pensar otra escuela?* Bogotá: Escuela Pedagógica Experimental, 2000.

1 Univates, Pedagogia, patriciaunivates@hotmail.com

2 Profa. Orientadora, Univates, morganahdomenica@yahoo.com.br



ESCOANDO IMAGENS

Elisandro Rodrigues¹

Orientadora: Helga Corrêa²

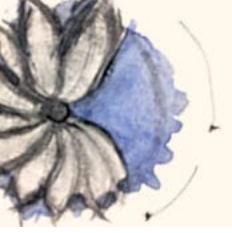
GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO.

Resumo: O presente artigo busca aproximar o pensamento deleuziano da produção audiovisual. Toma-se para análise os espaços e intervalos quaisquer e os movimentos de afecto e afecção de Spinoza. Tenta-se, de uma forma fragmentada, realizar, nesse artigo, uma aproximação entre o audiovisual e a terceira Imagem-Movimento proposta por Deleuze. Para esse autor, as imagens-movimentos se dividem em três: imagem-percepção, imagem-ação e imagem-afecção. Para tanto, toma-se como base o pensamento de Spinoza para falar de afecto [afeto]. Tece-se uma cartografia dos inventários de experimentações audiovisuais e de materialidade afectiva pelo projeto *Cartografias Infantis: Biografemas de Instantes Quaisquer* de onde brotou o audiovisual *As Cores da Esperança*. O objetivo principal deste artigo é falar de uma experiência de formação e de trabalho que utiliza a imagem, o audiovisual, o vídeo e as Tecnologias de Informação e Comunicação [TIC] como disparador de processos de aprendizagem, como instantes quaisquer que agenciam afecções. Pensa-se este texto para dar conta de alguns pormenores que não cartografa-se, para não deixar que essas imagens se cristalizem, para escoar essas imagens por outros espaços, de outros jeitos. A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo baseia-se no referencial pós-crítico, no pós-estruturalismo e na filosofia da diferença. Entende-se que uma metodologia de pesquisa é sempre pedagógica, pois se refere a um como fazer. O “como fazer” pesquisa, em Tecnologias da Informação e Comunicação, usando referenciais pós-críticos, e da filosofia da diferença, é uma aposta nova, que se mostra como um importante inovador metodológico no processo de pesquisa. Essa aposta pedagógica e metodológica experimenta, no ato de pesquisar os afetos vividos, as inquietações que brotam das perguntas que se vai fazendo ao desenhar os caminhos que se quer realizar, e, a cada passo da execução desse desenho, pode-se redesenhar e mudar de traçado, de trajeto. Ao olharmos para esta experiência de trabalho em sala de aula, que cresce pelo meio, com sistematização de um audiovisual, percebe-se que o audiovisual pode ser usado para potencializar não só os olhares, mas as vidas de quem está participando desse processo de captação de imagens e de projeção, seja na tela de cinema ou em uma televisão em sala de aula.

Palavras-chave: Audiovisual. TIC. Biografemas. Afectos. Cartografia.

1 UFRGS, PPGCOL, elisandromosaico@gmail.com

2 UFSM, helgacor@gmail.com



ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL: UM OLHAR PARA OS FENÔMENOS DA RESISTÊNCIA E A DISCIPLINA NA PROPOSTA DA ESCOLA

José Alberto Romaña Díaz¹

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: O projeto de pesquisa “O currículo em espaços escolarizados e não escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o ensinar e o aprender”, vinculado ao Mestrado em Ensino/Univates e ao subprojeto *Espaços e movimentos do currículo: entre o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado* tem o objetivo de investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados. O campo empírico da pesquisa é constituído por uma escola municipal de Lajeado, uma escola em Bogotá, uma ONG que atuou durante dez anos na região e a *Fundação Iberê Camargo* (POA). Nesse texto busca-se pensar a aproximação com um desses espaços escolares que é a *Escuela Pedagógica Experimental* (EPE), fundada em 1977, na cidade de Bogotá. A escola nasce como um projeto experimental de educação, com vistas a romper com o modelo da escola moderna, com os modos estratificados de relação com o conhecimento, com o espaço e o tempo, com a subjetividade. Desta forma a “Escola não é o resultado de planos prévios, senão a concreção de transformações nas quais a emoção e o conhecimento têm dinamizado os processos” (SEGURA et al, 1999, p. 43). A proposta inovadora de um currículo dinâmico e aberto, tem possibilitado à pesquisa vislumbrar perspectivas singulares e desafiadoras de práticas educacionais. Busca-se a aproximação à proposta da EPE no sentido de compreender como se dão as relações de ensino e aprendizagem nesse espaço. O princípio metodológico que se segue na investigação é a genealogia de Michel Foucault que propõe “o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais” (FOUCAULT, 1979, p. 171). Dessa forma, foi necessário ir à procura dos arquivos escritos pela EPE, de livros, páginas de sites e demais escritos, bem como entrevistas para tentar ter uma ideia dos processos históricos da escola, isto é, das lutas, escolhas e recusas até chegar ao que existe na atualidade. A participação na pesquisa também tem me possibilitado pensar em outros tipos de fenômenos, que se apresentam no interior do espaço em questão, como os conceitos de Resistência e Disciplina, para pensar como se dá e como se apresenta a dinâmica no cotidiano da escola, a partir destes conceitos. Dessa forma, tenho iniciado algumas escritas de artigos para periódicos científicos e participação em eventos.

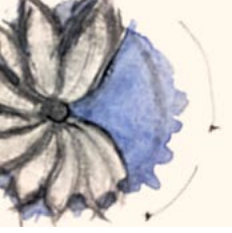
Palavras-chave: Espaços e Movimentos. Currículo. Resistência. Disciplina

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SEGURA, Dino et al (orgs). *La construcción de La confianza: una experiencia en proyectos de aula*. Corporación Escuela Pedagógica Experimental: Bogotá, 1999.

¹ Univates, Psicologia, CNPq-Univates, josealbertoromanadiaz@gmail.com



ETNOMATEMÁTICA COMO POSSIBILIDADE DE EVIDENCIAR SABERES MARGINALIZADOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Carine Rozane Seteffens¹

Mateus Lorenzon²

Orientadora: Angélica Vier Munhoz³

GRUPO DE TRABALHO: 5. CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: O reconhecimento do currículo como uma produção histórica intrinsecamente envolvida em uma relação de saber-poder, permite que se abram espaços para repensar sua organização, o sujeito produzido por ele e as visões de mundo e saberes contemplados e legitimados por essa maquinaria moderna. Isto permite a sua desnaturalização e oportuniza a busca por outras formas de organização curricular, nas quais saberes marginais sejam contemplados e igualmente valorizados. Nesse sentido, esse estudo consiste em um relato de experiência do Estágio Supervisionado do Ensino Médio do curso de Pedagogia. No decorrer do estágio realizamos oficinas de formação com alunos do Curso Normal, nas quais objetivávamos problematizar a concepção de currículo matemático apresentado pelos estudantes, discutindo com eles as possibilidades de inserção dos saberes etnomatemáticos no trabalho pedagógico com Anos Iniciais e Educação Infantil como estratégia de evidenciar saberes marginalizados e não contemplados no currículo escolar. No decorrer das atividades observamos que os participantes apresentavam uma perspectiva naturalizada de currículo escolar na área de matemática no que se refere a conteúdos, recursos e técnicas de ensino utilizadas contemporaneamente. Frente às discussões realizadas, os estudantes relatavam histórias da própria vida, nas quais os saberes escolares e os saberes populares eram divergentes, fazendo com que eles tivessem que optar entre o saber legitimamente aceito como matemática acadêmica-escolar ou a matemática apresentada pelos pais ou familiares. Contudo, ao propormos a eles que pensassem práticas e planos de estudos para construção de um currículo escolar, retomavam a repetição de um currículo já organizado e oferecido pela instituição escolar. Essa resistência pode ser compreendida como símbolo do sucesso da escola como maquinaria promotora da isotropia cultural, uma vez que formou um determinado modelo de sujeito incapaz de reconhecer-se como produção curricular.

Palavras-chave: Estágio Curricular. Currículo. Etnomatemática.

REFERÊNCIAS

KNIJNIK, Gelsa; WENDERER, Fernanda; GIONGO, Ieda Maria; DUARTE, Claudia Glavam. *Etnomatemática em movimento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MUNHOZ, Angélica Vier; *et al.* Nomadismo e formação pedagógica. *Caderno Pedagógico (Lajeado. Online)*, v. 10, p. 47-60, 2013.

VARELA, Julia, ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria escolar. *Teoria & Educação*. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

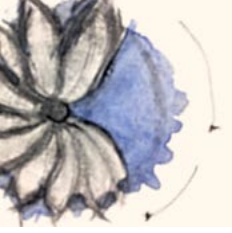
VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura e currículo. *Contrapontos (UNIVALI)*, Itajaí (SC), v. 2, n.4, p. 43-51, 2002.

_____. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro (RJ), v. 23, p. 5-15, 2003.

1 Univates, Curso de Pedagogia, csteffens@universo.univates.br

2 Univates, Curso de Pedagogia, mateusmlorenzon@gmail.com

3 Profa. Dra. Orientadora, Univates, angelicavmunhoz@gmail.com



EXPERIMENTAÇÃO E VARIAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CRIANDO COM O MOVIMENTAR DE UM CURRÍCULO

Wagner Ferraz¹

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: Criar em educação vem a ser um desafio que, por meio de práticas corporais, coloca os corpos em ação em meio à tradição da organização do espaço escolar e, dá a pensar um currículo em movimento. Como tratar de ensino tendo o corpo e suas possibilidades de movimento como disparador para criar atividades para a sala de aula? Questões acerca desta pergunta movimentaram as aulas ministradas em um curso de Especialização em Educação Infantil, no qual o autor deste texto ministrou uma disciplina onde o tema foi *corpo e movimento*. As aulas tinham como objetivo experimentar e variar, assim se realizava atividades corporais lúdicas, expressivas, dançantes, e com essas faziam-se várias outras atividades de uma mesma, pensando a educação e diferentes modos de ensinar. Organizou-se uma metodologia de trabalho passando da experimentação a variação, criando atividades, discutindo e registrando as produções através da escrita. Assim busca-se mostrar o que se passou a pensar e criar “com” as experimentações propostas e as criações. Para isso, destacar-se-á o modo de como a proposta das aulas foi organizada e desenvolvida, salientando os referenciais teóricos disparadores. Como Gilles Deleuze, pensou-se a experimentação como a inferência realizada entre o que se experimenta e o que se passa a pensar com isso. A partir desse autor, trata-se da variação, buscando o conceito de criação, tendo o movimento, o devir, a produção da diferença como possibilidade de variar. E o corpo foi pensado como potência para a experimentação e criação. As aulas foram literalmente movimentadas e com isso se discutia o currículo como espaço para produzir movimento, como condição para experimentação, como aquilo que pode ser fixo, mas que também pode possibilitar criar e colocar o pensar, o fazer e o próprio currículo em movimento.

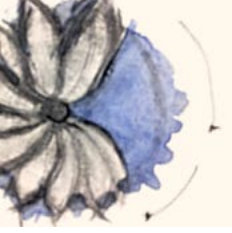
Palavras-chave: Currículo, experimentação, variação, criação, movimento.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e Subjetividade: Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza - Cours Vincennes 24/01/1978*. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>. Acesso: 10/12/2014.

¹ UFRGS, PPGEDU, ferrazwagner@gmail.com.



EXPERIMENTAÇÕES E MOVIMENTOS CURRICULARES EM UMA ESCOLA COLOMBIANA

Angelica Vier Munhoz¹

José Alberto Romana Diaz²

Adriana Pretto³

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: O presente resumo apresenta a análise de algumas práticas curriculares desenvolvidas em uma escola colombiana, que se constitui em um projeto experimental de educação. Tal escola é um dos espaços investigados pelo grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM), vinculado ao Mestrado em Ensino da Univates, que tem por objetivo problematizar o currículo em espaços escolares e não escolares e seus cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados. Além desse espaço, a pesquisa também tem como campo empírico uma escola na cidade de Lajeado, uma Ong existente por um determinado tempo na mesma cidade e uma Fundação de Arte em Porto Alegre. Tomando como referencial teórico-metodológico aproximações com a genealogia foucaultiana, o que se busca, em tal investigação, é compreender de que forma determinadas práticas foram sendo instituídas, que forças estão presentes nessas instituições, como os sujeitos se relacionam com elas e que efeitos estão produzindo e sendo produzidos no currículo desses espaços. Desse modo, pretende-se nesse trabalho visibilizar alguns movimentos curriculares, produzidos especificamente nessa escola colombiana. Mediante a análise dos materiais (documentos, produções científicas, entrevistas), busca-se uma aproximação com tal espaço a fim de conhecer o processo de sua constituição e visibilizar algumas práticas que vêm constituindo diferentes movimentos curriculares e experimentações. Os resultados, ainda que parciais, mostram que esse espaço escolar se organiza através de projetos de investigação que percorrem o currículo de forma transversal, permitindo práticas de experimentações aos alunos e professores, distanciando-se das formas fixas e predeterminadas, a partir das quais comumente se instituem os currículos escolares. Nessa perspectiva, a escola colombiana é um espaço potente de investigação, já que se situa como um espaço escolar em busca de criar fissuras ao modelo curricular da escola moderna.

Palavras chaves: Currículo. Espaço escolar. Pesquisa. Genealogia

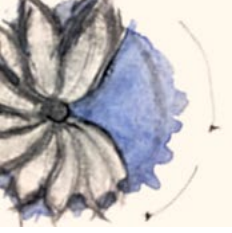
REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Guilherme; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolíticas e fugas. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, 37 (2), p. 181-202, dez/2011.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GALLO, Silvio. A Orquídea e a Vespa: transversalidade e currículo rizomático. In: GONZALVES, Elisa P. et al (orgs). *Currículo e contemporaneidade: questões emergentes*. São Paulo: Alínea, 2011.
- SEGURA, Dino et al (orgs). *La construcción de la confianza: una experiencia en proyectos de aula*. Corporación Escuela Pedagógica Experimental: Bogotá, 1999.
- SEGURA, Dino. Es posible pensar otra escuela? In: Escuela Pedagógica Experimental (Org). *Planteamientos en Educación: El Ambiente Educativo Y Conocimiento Y Cultura* (Colección Polémica Educativa). Santa Fe de Bogotá, 2000. p. 159-190.

1 Profa. Dra. do Mestrado em Ensino e Mestrado em Ensino de Ciências Exatas, Univates; Cnpq; angelicavmunhoz@gmail.com

2 Univates; Graduando em Psicologia; Bolsista de Iniciação científica; josealbertoromanadiaz@gmail.com

3 Univates; Mestranda em Ensino; adrianapretto@brturbo.com.br



MANOEL DE BARROS E OS EXERCÍCIOS POIÉTICOS DE UMA DIDÁTICA DE INVENÇÃO: O TRANSVER, O REPETIR E O COMPARAMENTAR

Bibiana Munhoz Roos¹

Cristiano Bedin da Costa²

Maria da Glória Munhoz Roos³

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO.

Resumo: Em *O livro das ignoranças*, Manoel de Barros expõe os princípios constituintes do que chama “Uma didática de invenção”, prática heurística com a qual é construída sua obra poética, inteiramente comprometida com o desvelamento e o ganho de consistência das intimidades do mundo. No presente ensaio, a “invencionática” manoelina é abordada a partir de três exercícios que nela mostram-se centrais, a saber: o transver, o repetir, e o comparamentar. Tratam-se de operações poiéticas, ou seja, de um fazer comprometido com a criação em cada um de seus movimentos e gestos mais ínfimos, configurando uma prática cuja eficácia independe dos crivos da razão e da comprovação científica. Transver o mundo através da subversão dos sentidos que o constituem, repetir tendo na repetição a condição de possibilidade da diferença, arquitetar comunhões entre planos divergentes e matérias disparatadas: interessa-nos pensar de que maneira a poesia, por tais operações, mostra-se capaz de contagiar o universo educacional. Não se trata de um decalque, uma transposição de princípios com vias à instauração de uma didática a ser por eles regulada, mas, sim, de uma prática de escrita em um meio poético ou, se preferirmos, de um exercício de ser criança por meio de palavras e despropósitos, de proliferar o pensamento ao invés de paralisá-lo. Então, como pensar esse devir criança em composição com a aprendizagem? Manoel de Barros (2001) responde: “Quem não tem ferramenta de pensar inventa” (p. 473). Guarda o vento no pote. Carrega água na peneira. Cata espinhos na água. Assim, propomos essa composição, na tentativa de desexercitar o conceito de aprendizagem representativa, inventando outros modos de pensar e viver uma aprendizagem mais inventiva.

Palavras-chave: Transver. Repetir. Comparamentar. Aprendizagem. Manoel de Barros.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

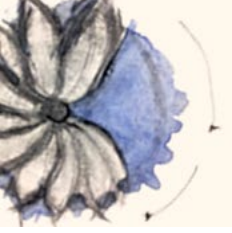
BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

1 Estudante de Psicologia da Univates, bibi_roos@hotmail.com

2 Prof. Dr. na Univates, cristianobedindacosta@hotmail.com

3 Prof. no Ensino Básico. Mestre em Educação, goiamr@hotmail.com



PARTICIPAÇÃO: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

Emanuelli Luisa Johann¹

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

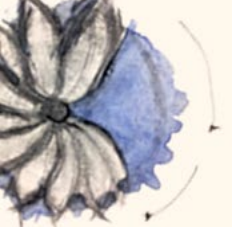
Resumo: A palavra participação tem sido muito evidenciada na sociedade atual. Participar de um evento, participar na escolha de nossos representantes, participar de campanhas. Constantemente estamos sendo convidados a participar; no entanto, conforme nos instiga Gallo et al (2008), será que paramos para refletir o que é, de fato, a participação? Nesse sentido, constatou-se que dar um único significado ao termo participação é uma difícil tarefa, pois ela pode assumir várias perspectivas. Levando em consideração os diversos campos em que a participação perpassa, como político, moral ou social o foco do presente trabalho é o espaço escolar. Este estudo é um recorte do trabalho de conclusão de curso em Pedagogia que objetiva refletir e compreender de que forma ocorre o processo de participação dos alunos nas decisões pedagógicas e administrativas da escola. Especificamente, para este artigo, busca-se analisar os diferentes significados que assume a ideia de participação do aluno no contexto escolar. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico sobre o termo participação. Como resultados iniciais desta investigação, percebe-se a participação como um termo polissêmico, pois ela assume diferentes perspectivas. A participação, conforme explica Gallo et al (2008), nunca ocorre de forma isolada, sempre acontece na companhia do outro. Nesse sentido, pode-se pensar a participação enquanto processo democrático e de cidadania, manifestando-se por meio das relações sociais, em que todos os envolvidos têm a oportunidade de falar, de ser ouvido e de votar. A inclusão do aluno, através do currículo, pode ser entendida como outra forma de participação, pois na medida em que a cultura e a vida do aluno está representada no processo pedagógico, este está sendo valorizado como um ser pertencente àquele grupo. A presença, também é entendida como um processo participativo; todavia, com um nível de envolvimento muito mais superficial.

Palavras-chave: Participação. Espaço escolar. Pedagogia.

REFERÊNCIAS

GALLO, Sílvio (org.). *Ética e cidadania: Caminhos da filosofia*. 16^a ed. Campinas: Papyrus, 2008.

¹ Univates, graduanda do curso de Pedagogia, emanuelli.johann@gmail.com. Trabalho orientado pela professora do curso de Pedagogia da Univates Ma. Danise Vivan, dvivian@univates.br.



POP FILOSOFIA E FILOSOFIA POP PÕEM A EDUCAÇÃO A PENSAR: CURRÍCULO, DISCIPLINA E POLÍTICA

Tarcísio Moreira Mendes¹

Orientadora: Sônia Maria Clareto²

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: Surge a oportunidade de participar da disciplina *Filosofia Pop* na UNIRIO. Como se produzia este corpo inteligência na Filosofia, depois de experimentar “a inteligência do corpo” (FEITOSA, 2009, p. 04) no território da Arte? A primeira surpresa foi descobrir que Filosofia Pop era oferecida nas dependências do curso de Artes Cênicas da UNIRIO; no entanto, para alunos regulares do Curso de Filosofia. O mais intrigante foi saber que a disciplina era oferecida em caráter obrigatório para estes alunos. A argumentação dos professores propositores da disciplina, recentemente tornada obrigatória, se atualiza num discurso de afirmação da importância Política desta disciplina naquela Academia que é altamente codificada e que determina o que é e o que não é Filosofia. A disciplina obrigatória é então Política de resistência à obrigação disciplinar. A pesquisa toma outro rumo: se antes era interesse pensar que corpo é produzido na Filosofia Pop, agora o interesse surgido fora pensar que corpo é produzido pela obrigatoriedade da disciplina Filosofia Pop. Que corpo uma disciplina pensa que produz? Que corpos possíveis uma disciplinarização produz para além da disciplinarização idealizada? Que corpo? Deleuze (1968/1988) propõe que a Filosofia seja uma *‘Pop’ Filosofia* que interessaria a filósofos e a não-filósofos, sem, para isso, idealizar a criação de uma distinção categórica. Deleuze chama atenção para o que ele considerava condição para existência da própria filosofia. Não se trata de modificar a linguagem para tornar mais acessível, ficar mais popular; nem desejar para isso produzir forma segura de uma Novíssima Disciplina. O texto trata de problematizar a obrigatoriedade da disciplina Filosofia Pop e, diferente de mostrar incoerência com a produção de Deleuze e suas conversas, aqui, pretende-se perceber o quanto a disciplinarização curricular da Filosofia Pop é coerente com o sistema ao qual ela tenta resistir. Pretende pensar obrigação e Currículo compondo com o que Deleuze aponta como *‘Pop’ Filosofia* e a relação de disciplinarização da Filosofia Pop. Não é por acaso que a maioria dos corpos que escorrem e fogem à aula são os submetidos à obrigação e que os corpos mais tesos nos encontros, alegres, sejam os que lá estão por desejo de estar, sem obrigação, vindos de tantos lugares outros. Que currículos, que caminhos, que indisciplinas estamos por inventar para inventar mais vida possível na Educação?

Palavras-chave: Currículo. Pop Filosofia. Filosofia Pop. Disciplina. Indisciplina.

REFERÊNCIAS

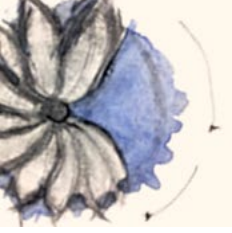
DELEUZE, G. *Diferença e Repetição* (1968), tr. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* (1991). Trad. de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FEITOSA, Roberto Charles. *Pensamento “pop”*. Portal Ciência & Vida – Filosofia. 1 de dez. de 2009. Entrevistado por Patrícia Pereira. Disponível em <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/40/artigo157845-1.asp>. Acessado em 19 de setembro de 2014.

1 Programa de Pós-Graduação em Educação –FACED/UFJF, Mestrado, Bolsista Capes, tarcisiodumont@yahoo.com.br

2 Programa de Pós-Graduação em Educação –FACED/UFJF, sclareto@yahoo.com.br.



REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS ACERCA DE UM CURRÍCULO DIFERENCIADO

Priscila Maggioni¹

Orientadora: Morgana Domênica Hattge²

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: O presente estudo partiu do interesse que foi despertado durante visita de campo à Escola Municipal de Ensino Fundamental Agrícola, Florestal e Ambiental (EMAF), durante a disciplina de Prática Investigativa III, no semestre 2014/A, diante de seu currículo escolar diferenciado. Currículo este que tem como princípio desenvolver e oportunizar aos seus alunos momentos e situações que qualifiquem o trabalho rural assim como a permanência dos mesmos na zona rural, visando ao desenvolvimento e aprendizagens dos alunos, para melhor qualificá-los, a partir da construção coletiva do conhecimento, entre família, escola e sociedade, o que torna possível que os educandos sintam-se agentes de transformação. Durante a elaboração da pesquisa foram utilizados alguns autores como Silva (2002) que aborda as Teorias do Currículo, dividindo-as em Teorias Tradicionais, Críticas e Pós-críticas. Da mesma forma, foram realizados estudos acerca da instituição escolar, em que foram utilizados autores como Varela e Alvarez-Uria (2012), Guattari (1990), para auxiliar na compreensão do papel que a mesma estabelece sobre a sociedade. Diante do tema escolhido, o objetivo da pesquisa constitui-se em analisar formas de como o currículo diferenciado presente na Proposta Pedagógica dos Anos Finais reverbera nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Agrícola, Florestal e Ambiental (EMAF), localizada na cidade de Ilópolis/RS/ Brasil. Inicialmente a pretensão é realizar entrevistas e observações, sendo que a pesquisa será de foco qualitativo. As estratégias metodológicas a serem utilizadas serão entrevistas e observações, as quais envolverão professores e alunos da escola. Desta forma, espera-se que as análises das transcrições das entrevistas, bem como as anotações realizadas no diário de campo permitam compreender melhor de que forma o trabalho que se desenvolve nos Anos Finais reverbera nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da escola.

Palavras-chave: Currículo. Educação. Ensino. Aprendizagem. Escola.

REFERÊNCIAS

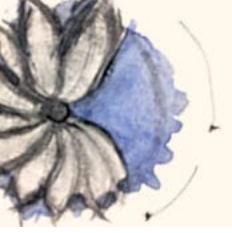
GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11^a ed. Campinas- São Paulo, Papirus, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2^a ed., 4^areimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 156p.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação. São Paulo, n. 6, p. 68- 96, 1992.

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia da Univates, primaggioni@yahoo.com.br

2 Profa. da Univates, mdhattge@univates.br



UMA AVENTURA NECESSÁRIA: MIGRANDO DOS CAMPOS ÁRIDOS DO CONTEUDISMO PARA A ZONA LITORÂNEA BORRASCOSA DO PENSAMENTO

Guy Barros Barcellos¹

Mateus Lorenzon²

GRUPO DE TRABALHO: CURRÍCULO, ESPAÇO E TEMPO

Resumo: Este resumo consiste em uma narrativa do trabalho didático e de pesquisa desenvolvido pelos autores ao longo do ano letivo de 2014, com cinco turmas de ensino médio de uma escola estadual de Porto Alegre. Em uma fase inicial, os alunos escolheram, a partir de aulas expositivas sobre a história do conhecimento, um tema de pesquisa sobre o qual perceberam e apreenderam as informações que o orbitavam. Posteriormente, planejaram algo “experimental”, que elucidasse as perguntas emergentes. Afinal, o pensamento também ocorre na esfera material, ou seja, da realidade tangível à percepção, apesar de ser mais abstrato, já que é o entendedor de si mesmo. Na etapa de compreensão e explicação os estudantes planejaram suas práticas e detectaram quais eram as demandas de materiais e ações a serem tomadas para a resolução dos problemas apresentados. Ressalte-se neste ponto a inversão ocorrida no sentido do aprendizado, quando comparado ao ensino tradicional que oferece conteúdos que são, desengonçadamente, vinculados à realidade. Como alguém que faz caixas para guardar objetos os quais não conhece o tamanho e a forma. Na presente proposta de ensino, a realidade é oferecida como ponto de partida e, no decurso da tentativa de compreendê-la e desvendá-la os conteúdos vêm à tona para que a elucidação ocorra, formando aprendizados com mais significado. A síntese ocorreu na terceira e última fase, subdividida em duas etapas: expressão e significação. Os alunos, a partir de suas ações na pesquisa, deram luz às expressões de entendimento daquilo que estudaram e experimentaram. Relacionaram os resultados obtidos ao problema de pesquisa, construindo, assim, uma conclusão. A mostra de trabalhos foi realizada como culminância dos projetos e serviu como um momento para que expressassem os significados que atribuíram, e que possuíam em seus acervos intelectivos e emocionais, aos temas estudados. Sintetizaram em palavras aquilo que leram, anotaram, construíram, organizaram e analisaram. Nessa perspectiva de trabalho, o professor orientador exerceu o papel de navegador, mas que dá liberdade na escolha das rotas, evitando baixios e rochedos, da mesma forma que desempenhou uma tarefa de vigilante da ética que deve estar impregnada nos conteúdos que são utilizados para compreender o mundo, pois a ciência torna-se perigosa quando não se ancora na ética, árida quando não se preocupa com a estética e enfadonha e banal quando não é poética.

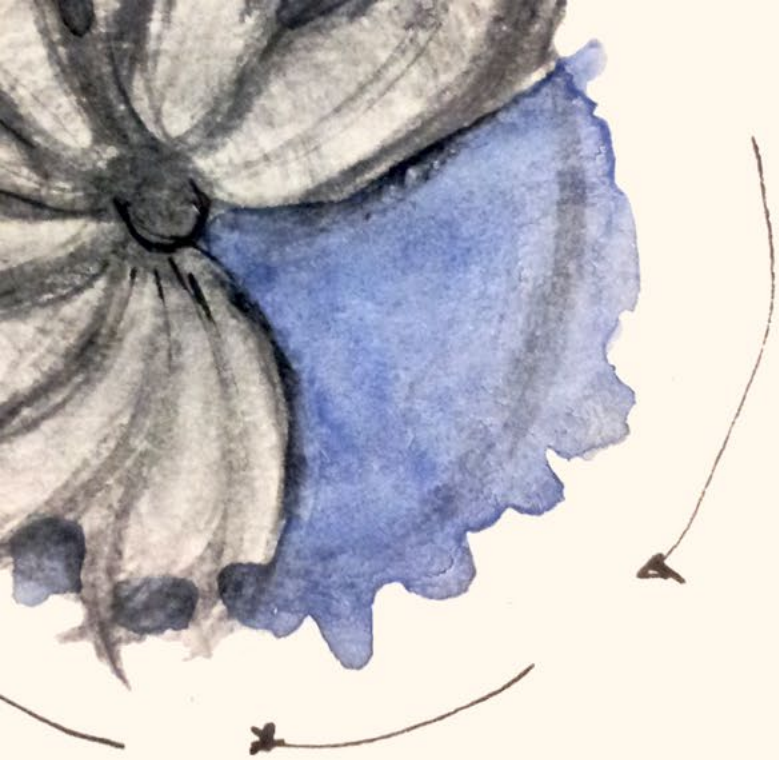
Palavras-chave: Pensamento. Cognição. Emoção. Pesquisa na Escola.

REFERÊNCIAS

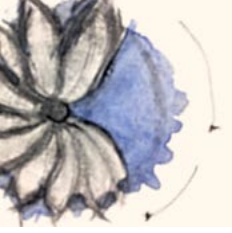
BIEMBENGUT, M. S. *Modelagem & Processo Cognitivo*. III Conferência Nacional de Modelagem e Educação Matemática – CNMEM. Piracicaba. 2003.

1 Doutorando em Educação em Ciências e Matemática – PUCRS. Professor do Instituto Estadual de Educação Paulo da Gama e Coordenador de Ciências da Natureza da Rede de Escolas da ULBRA. guy@barcellos.pro.br

2 Graduando do Curso de Pedagogia. Centro Universitário UNIVATES. mateusmlorenzon@gmail.com



Corpo, Pensamento
&
Arte



#IMAGEM

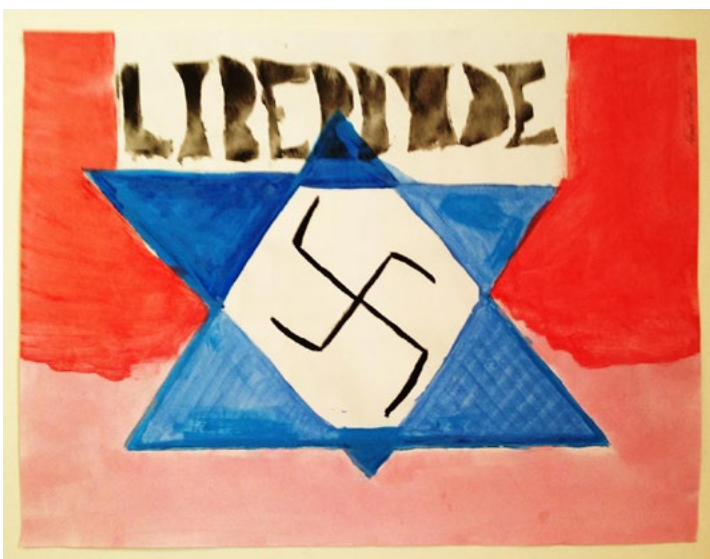
Bruna Tostes de Oliveira¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Este trabalho investiga processos de construção de sentido a partir de imagens produzidas por alunos nas escolas públicas onde atuo como professora de Artes. Olhar para os modos como grupos se apropriam de imagens para construir e pensar suas identidades. Pensar até que ponto uma imagem pertence ou não a determinado lugar ou como ela pode sobreviver em uma paisagem que aparentemente não a reconhece. O trabalho parte de acúmulos de marcas e inscrições que a arquitetura escolar abriga, tornadas “invisíveis” para seus habitantes, explorando a arte como campo de reflexão e ampliação dos gestos deixados pelos corpos. A questão surge de uma proposta artística com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, abordando o surgimento e impermanência do suporte pictórico, para além da tela em branco, como muros e paredes. O contexto histórico compreende desde inscrições rupestres até produções contemporâneas de artistas que trabalham em diferentes suportes provocando deslocamentos na percepção de certa “paisagem”. Foram propostas apropriações de interferências realizadas no ambiente escolar por algum corpo que o tenha habitado. A ação dos alunos partiu da captura de inscrições no entorno da escola, em busca de marcas nas paredes, bancos, muros etc. que tivessem algum interesse gráfico e que revelassem algum gesto que pudesse ser captado através dos traços. Estes grafismos se tornaram bases para realização de pinturas que, para além do exercício plástico, buscavam reincorporar estes gestos em outros lugares e suportes, produzindo outros sentidos. Podemos pensar que a reconstrução de imagens e seus significados a partir das subjetividades dos gestos impregnados nelas como modos de produções simbólicas que tornam certas imagens pertencentes ou recorrentes em um contexto específico, no caso escolar, procurando entender, por exemplo, processos que fazem com que imagens construídas por um sujeito ou grupo em uma determinada situação sejam ainda apropriadas e ressignificadas em outra. Vê-se a importância não apenas de resgatar essas imagens “perdidas”, mas de produzi-las através de uma prática artística que seja também um modo de recontar histórias, refazer caminhos habitados, entrar na memória dos espaços em que as imagens escapam à vista de seus habitantes e provocar o olhar para as diferentes dimensões dos lugares.

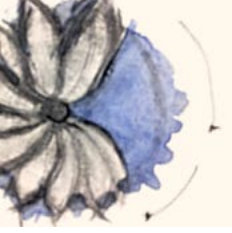
Palavras-chave: Imagem. Subjetividades. Gestos. Pintura.

Imagem de trabalho de alunos 70 x 80 cm guache sobre papel



Crédito: da autora

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, mestranda em Educação, professora Secretaria Municipal Educação Juiz de Fora – MG, brunatostes@hotmail.com.



“INVESTIGARTE”: A ARTE NA ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL, MOVIMENTANDO EXPERIÊNCIAS E ENCONTROS

Patrícia da Costa¹

Bruna Elisa Wermann²

Orientadora: Morgana Domênica Hattge³

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: A *Escuela Pedagógica Experimental* (EPE), localizada em Bogotá/Colômbia, é uma escola reconhecida no âmbito educacional por sua proposta pedagógica diferenciada do ensino tradicional. Na EPE, a confiança, o diálogo, as relações interpessoais e o trabalho coletivo, tecem o cotidiano escolar fortalecendo os processos de ensino e de aprendizagem. O curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES (Univates), Lajeado/RS/Brasil, firmou uma parceria com a EPE e a cada semestre letivo dois acadêmicos do respectivo curso de graduação são selecionados para estagiar na escola colombiana. Esta vivência abre caminhos para experiências e encontros que afetam, possibilitando outros olhares sobre currículo, espaço e tempo no contexto escolar. Os estudos prévios para a realização dos estágios curriculares, Estágio Supervisionado no Ensino Médio e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II, delinearam-se a partir do projeto “Investigarte: A Arte e suas possibilidades na *Escuela Pedagógica Experimental*”. O problema de pesquisa que norteou as trilhas investigativas consistiu em vivenciar experiências e encontros com as múltiplas representações da arte no contexto da escola. As práticas dos estágios na EPE envolveram exposições e intervenções artísticas nos espaços da escola e da comunidade, assim como a organização de um sarau artístico. Autores como LARROSA (2002) e BARROS (2008) lapidaram os estudos teóricos, instigando o exercício da busca de saberes críticos e consistentes sobre a Arte na EPE. Durante as vivências na *Escuela*, um mosaico de experiências e de encontros criaram possibilidades de (re)pensar, (re)ver, (re)inventar e (re)conhecer-se enquanto sujeitos imersos por sensibilidades. Nesta perspectiva, “Investigarte” remete a investigações a partir da arte sem receios de surpreender-se com o inesperado. Na EPE, arte é criação e expressão, o que movimenta o exercício da reflexão enquanto pedagogas em formação ao vivenciar experiências e encontros com a Arte na *Escuela Pedagógica Experimental*.

Palavras-chave: *Escuela Pedagógica Experimental*. Arte. Experiências. Encontros.

REFERÊNCIAS

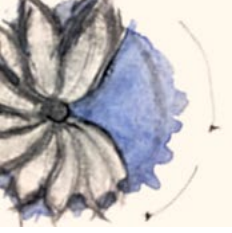
BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas:** as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

1 Univates, Pedagogia, patriciaunivates@hotmail.com

2 Univates, Pedagogia, bruna_wermann@yahoo.com.br

3 Univates, mhattge@univates.br



“NÃO É MESMO DO CINEMA A FUNÇÃO DE APAZIGUAR”: DUAS NARRATIVAS SOBRE CINEMA, PENSAMENTO E EDUCAÇÃO

Sandra Espinosa Almansa¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

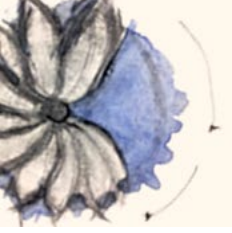
Resumo: De que modos a experiência do cinema toma parte na afirmação de um exercício do pensamento, e de um trabalho do sujeito sobre si mesmo? Como a prática de ver filmes, e suas derivadas, tornam-se meios para experimentações do pensamento, para sua expressão, e para que possamos nos constituir como si? Em meio a perguntas como essas, e sob os arranjos intensivos dos encontros entre filmes e espectadores, tornamos problemáticas, em relação à educação, algumas práticas relacionais com o cinema, e os efeitos de sentido aí produzidos. O presente texto discute dados de uma pesquisa recente com espectadores cinematográficos, a respeito de suas relações com as imagens e narrativas do cinema, e o faz através do recorte de dois dos depoimentos analisados. Com esse tratamento, o artigo propõe ênfase à discussão acerca dos modos pelos quais se constituem práticas de subjetivação, produtoras de singularidades, com a (e através da) experimentação cinematográfica - ao mesmo tempo em que objetiva problematizar um comum, nas formas pelas quais o cinema educa e faz pensar. Com base em Foucault, Deleuze, Badiou e Xavier, entre outros, e com o recurso a exemplos de filmes citados pelos depoentes, problematizamos, mediante as narrativas, as memórias e travessias do olhar de dois sujeitos, amantes do cinema, desde a infância até o tempo presente, aos seus então vinte e nove, e trinta anos de idade. Menos do que destacar uma aparente continuidade vivida, o estudo sugere uma importante relação entre cinema, pensamento e educação (esta, expandida em direção às ideias de formação e transformação), ao evidenciar a ocasião de processos de ruptura, descontinuidade e invenção, dos quais participam tanto imagens e acontecimentos filmicos (concernentes à sua diegese), quanto outros, exteriores, que os circundam. Além de tornar visível a presença de modos de subjetivação, bastante ricos do ponto de vista de uma operação formativa com o cinema, o estudo aponta, entre múltiplas e diversas combinações, algumas circunstâncias sob as quais isso acontece.

Palavras-chave: Experimentação cinematográfica. Pensamento. Educação.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. El cine como experimentación filosófica. In: YOEL, Gerardo (Comp.). *Pensar el cine 1. Imagen, ética y filosofía*. Buenos Aires: Manantial, 2004, p. 23-81.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema I. A imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Cinema II. A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- _____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- _____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.
- XAVIER, Ismail. *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilmes, 2008.
- _____. *O olhar e a cena - Melodrama, Hollywood, Cinema Novo*, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU-UFRGS), Bolsista CAPES, sandraalmansa@gmail.com.



A ARTE COMO POSSIBILIDADE PARA JOVENS EM POSIÇÃO DE NÃO APRENDIZAGEM

Josiele Luz de Souza¹

Simone Poletto²

Orientadoras: Andressa Andrioli da Rocha³

Miriã Zimmermann da Silva⁴

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar, discutir e refletir as práticas desenvolvidas a partir do projeto *Oficina de arte: a arte como mobilizadora de aprendizagens* realizado com um grupo de jovens com dificuldades de aprendizagem em um serviço de apoio especializado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O projeto em questão foi criado e desenvolvido por um grupo de jovens entre 10 e 13 anos de idade em 2014, juntamente com suas coordenadoras – uma estagiária do curso de Pedagogia e uma estagiária do curso de Psicologia – no Programa de Educação e Ação Social (Educas). A criação deste projeto com o tema da arte buscou, principalmente, possibilitar que os jovens vivenciassem os processos de ensino e aprendizagem de múltiplas formas (DAL'IGNA et al., 2009), ampliando também os conhecimentos e a relação que os jovens tinham com a arte. Percebemos que, apesar de apreciar muito o trabalho artístico, os jovens não reconheciam suas próprias produções como arte e, quando questionados acerca de “o que é arte” se restringiam a falar de pinturas e de museus. Dessa forma, durante a realização do projeto procuramos desenvolver um trabalho com as diferentes linguagens e manifestações artísticas, abrangendo conhecimentos sobre a história da arte e os diferentes tipos de arte. Buscamos, também, possibilitar que os integrantes do grupo elaborassem e expressassem suas emoções e conflitos, e que escrevessem e lessem sobre as obras que haviam criado e os seus sentimentos ao criá-las, criando condições de possibilidade para que pudessem se deslocar do lugar da não aprendizagem e rompendo com as crenças de que não são capazes de aprender. Para o desenvolvimento das atividades nos inspiramos no formato de oficina, tendo como foco não apenas o produto final, mas o processo, a construção das relações e das aprendizagens entre o grupo (Corcione, 2004). Percebemos que o projeto *Oficina de arte: a arte como mobilizadora de aprendizagens* transformou o espaço do grupo em um espaço onde os integrantes puderam se expressar, criar, pesquisar, construir novos conhecimentos e adquirir conhecimentos significativos a partir do tema da arte. Além disso, podemos dizer que os jovens ocupavam uma posição de não aprendizagem (LOPES, FABRIS, 2005) e, em diversos momentos, se deslocaram desta posição para outras possíveis, como a de autor (FERNÁNDEZ, 2001), como sujeitos que são simultaneamente ensinantes e aprendentes.

Palavras-chave: Arte. Jovens. Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

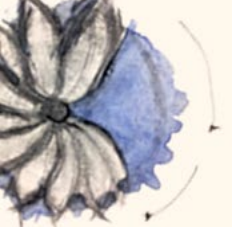
CORCIONE, Domingos. Fazendo Oficina. In: *VER SUS BRASIL: Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde do Brasil: Caderno de Textos*. 2004, p. 20-22.

1 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), acadêmica do curso de Pedagogia, josielisinha@hotmail.com.

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), acadêmica do curso de Psicologia, simone-poletto@hotmail.com.

3 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), andriolir@unisinos.br.

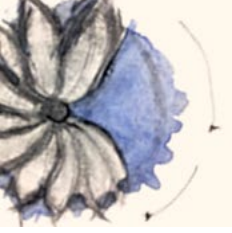
4 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), miriazimm@unisinos.br.



DAL'IGNA, Maria Cláudia; HERBERT, Daniela Cristina; MÜLLER, Melissa Hickmann. Educas: Espaço de questionamento das narrativas de fracasso escolar, não aprendizagem e deficiência. In: BEMVENUTI, Vera Lúcia (org.). *Cadernos de Extensão V*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. p. 85-93.

FERNÁNDEZ, Alicia. *Os Idiomas do Aprendiz: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed. 2001

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli. Dificuldade de aprendizagem: uma invenção moderna. In: *28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd): 40 anos de pós-graduação em Educação no Brasil, 2005, Caxambu (MG)*.



ALEGRIA TRÁGICA, AFETO E PAIXÃO NO CORAÇÃO DA ÉTICA: UM NIETZSCHE SPINOZISTA

Deniz Alcione Nicolay¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

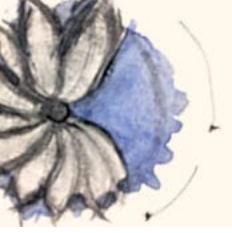
Resumo: Este trabalho procura um ponto de convergência entre as filosofias de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Baruch Spinoza (1632-1677). Se, por um lado, ele é evidente considerando os comentadores ilustres como Deleuze; por outro, não se poderia afirmar que a obra de Nietzsche é influenciada, densamente, pelo spinozismo. Ora, a filosofia do martelo opera com doses explosivas de amor e ódio, de maneira que, para Nietzsche, o que serve hoje na constituição das ideias pode ser perfeitamente descartável amanhã. No entanto, a afirmação da perspectiva da imanência e da potência do afeto coloca tais personagens no mesmo bloco granítico de pensamento: a recusa da ordem moral do mundo e da vida. E é nesse sentido que procuramos tal ponto de convergência a partir da noção de 'alegria trágica', ou seja, a afirmação potencial do sentido ontológico (Spinoza) e do sentido dionisíaco (Nietzsche), numa mesma sintonia de voz e direção. Por isso, perseguimos noções centrais da *Ética* de Spinoza, tais como: desejo, alegria, tristeza, paixão... A natureza das afecções, ou seja, o livro 3 da *Ética* recebe atenção especial, embora seja praticamente impossível dissociá-lo do conjunto da obra, pois a teia visível desse esquema conceitual pulsa numa condição subterrânea de compreensão e significado. Ou seja: é somente como modos de vida corporificados que podemos sentir e experimentar a dimensão do *amor dei* spinozista. Também consideramos as distinções dos cursos de Deleuze sobre a obra de Spinoza e, sobretudo, as contribuições de *Espinosa: filosofia prática*. Da parte de Nietzsche, este trabalho explora as considerações de seu pensamento trágico, talvez a faceta mais afirmativa de todas: a alegria plural. Portanto, utiliza as lentes nietzschianas para observar a obra central do polidor de lentes Spinoza, partilhando da razão perspectivista e da sensibilidade estética de suas palavras. Com efeito, a *Ética* é um livro de infinitas solidões, múltiplas velocidades, efeitos de sentido, geometricamente elaborado pela inteligência humana.

Palavras-chave: Afecções. Potência. *Conatus*.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Fortaleza: Eduece, 2009.
- SPINOZA, Baruch. *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ROSSET, Clement. *Alegria: a força maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: deniznicolay@uffs.edu.br.



ARRANJOS CLÍNICOS COM MANOEL DE BARROS

Mariana Brandão¹

Orientador: Cristiano Bedin da Costa²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Tendo como pano de fundo o trabalho clínico contemporâneo, insisto na defesa de um olhar clínico a partir da obra de Manoel de Barros, usando-a como um esticar de horizontes que nos auxilia a enxergar paisagens menores. Com seus escritos, Manoel dá forma e vida ao prego que farfalha, à máquina de ser inútil. Apropriamo-nos da noção de arquissemas, proposta pelo autor como palavras-chaves que orientam seus descaminhos e criamos os nossos pensando duas dimensões clínicas na qual eles se efetuam: Olha Parvo e Dialeto-rã. Com eles procuramos os deslocamentos possíveis na Clínica, que nos permitem percorrer nossos afetos singularizando-os, oferecendo a possibilidade “de expressar desejos, repensar querereres, problematizar valores e fazer pulsar arranjos de vida” (DETONI, 2009, p. 16). O Olha Parvo nos auxilia a reinventar-se pelo que nos habita, experimentar a realidade a partir do que não víamos antes. O Dialeto-rã é como um rumorejar de vozes. Contudo, não se trata apenas de emitir sons, quando falamos todos juntos, como alerta Barthes (2012). Para haver rumor é preciso uma descoberta ou impulso, o acompanhamento da emoção, para que ele se efetive. A absurdez torna-se matéria viva no Olha Parvo e no Dialeto-rã, possibilitando acesso ao invisível e o indizível da Clínica. Quando suspendemos o olhar, estamos excluindo da relação o órgão sensorial que domina as relações do mundo ocidental. Leva-se todo o controle social e de etiqueta que esse órgão impõe (NAFFAH NETO, 2002). Quando oferecemos nossos ouvidos à escuta buscamos “acesso ao corpo e a sua razão inconsciente” (NAFFAH NETO, 1998). Nossas ferramentas dão acesso ao deslimite. Para além do que está dado, das práticas formalizadas, já gastas, a invenção nos leva a um trabalho com os restolhos do chão, com uma duração intensa, que ocorre no avesso do plano das formas visíveis.

Palavras-chave: Cartografia. Manoel de Barros. Clínica. Poesia.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

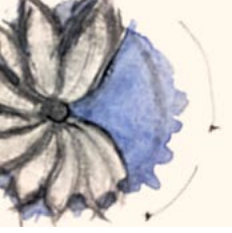
DETONI, Maria Célia. *Artesania clínica: questões para uma prática da multiplicidade*. Porto Alegre: Marcavisual, 2009.

NAFFAH NETO, Alfredo. *Outr'em mim*. São Paulo: Plexus Editora, 1998.

_____. Dez mandamentos para uma psicanálise trágica, *Revista Percurso – Revista de Psicanálise*, n. 28, São Paulo, 2002. p. 15-22.

1 Univates, Psicologia, mbrandao1@universo.univates.br

2 Univates, cristiano.costa@univates.br



ARTISTAS EM DISPONIBILIDADE – 7ª BIENAL DO MERCOSUL: NARRATIVAS, DESLOCAMENTOS E REGISTROS DA PAISAGEM

Betina S. Guedes¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

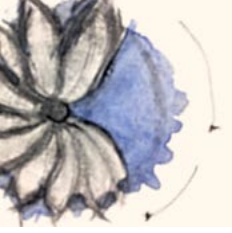
Resumo: O presente texto analisa o Programa de Residências apresentado pela 7ª Bienal do Mercosul, como parte do projeto educativo do evento, intitulado “Artistas em Disponibilidade”. Esse Programa de Residências deu visibilidade a uma série de propostas educativas não formais desenvolvidas por artistas contemporâneos, visando ocupar as brechas – descritas pela curadoria como espaços vazios – deixadas no campo da educação, pelo sistema formal de ensino. Dentre as doze proposições realizadas, este texto coloca foco no trabalho desenvolvido por André Severo e Maria Helena Bernardes que resultou na produção da publicação “Histórias de Península e Praia Grande / ARRANCO”. Trata-se de uma documentação de experiências artísticas produzidas pelo ímpeto de mover-se em paisagens desconhecidas e de compartilhar registros do vivido. Como parte do Projeto Areal, essa publicação narra em textos e imagens (vídeo e fotografia) o processo experienciado pelos artistas, compondo uma trama poética que foi aproximada, nesta análise, aos escritos de Walter Benjamin (2012a; 2012b), Francesco Careri (2013) e Paola Berenstein Jaques (2003; 2014). Para problematizar esse processo, utiliza-se como material um conjunto de publicações editadas pela Fundação Bienal do Mercosul para a 7ª edição do evento, assim como outras obras do Projeto Areal. Com base nessa materialidade, investiga o ato de mover-se na paisagem, caminhar e criar registros escritos e visuais como construção poética e como possibilidade de aproximação entre arte, vida e educação. Atuando no compartilhamento da experiência artística e no encontro entre olhares e histórias, a Residência analisada produziu registros que provocam a exploração do nosso entorno com base em outros olhares e possibilidades narrativas, impulsionando o exercício de um pensamento poético que tensiona a homogeneidade do sistema institucionalizado, tanto o artístico quanto o educacional.

Palavras-chave: Bienal do Mercosul. Arte Contemporânea. Educação. Deriva.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012a.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2012b.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- JACQUES, Paola Berenstein. (Org.) . *Apologia da Deriva - escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

¹ Doutora em Educação. Professora dos cursos de Pedagogia e demais Licenciaturas na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Email: guedesbe@gmail.com



CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A COGNIÇÃO

Alissara Zanotelli¹

Orientadora: Angélica Vier Munhoz²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Voar no chão. Permitir que os voos fossem inventivos, e terrenos, palpáveis, sensíveis aos corpos. A invenção escapa, flui, não planifica, é imprevisível. Na vida a invenção faz parte do dia-a-dia, mas é preciso não deixar que nossa existência se torne banal (KASTRUP, 2007). A cognição inventiva não se produzirá no âmbito do estável, do planejado, mas do imprevisto. A cognição humana pode escolher que caminho tomar, que caminho permear, e este trabalho desenvolve um percurso entre os caminhos da reconhecimento e da cognição inventiva, além de entender de antemão o que nos diz o pensamento da representação. Assim, procura-se neste trabalho investigativo uma rede de sentidos entre a cognição inventiva e a formação de professores. Este resumo pertence a um trabalho desenvolvido na disciplina de Trabalho de Curso I, do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES. Como passos para a investigação o trabalho conta com a parceria de oficinas realizadas em uma disciplina de estágio, pertencente ao currículo do próprio curso. As investigações ocorrem a partir de pistas investigativas, sendo que elas advêm de método da cartografia. O que intriga são as falas, gestos, ideias, ações, e como estes se dão de modo inventivo. De que modo a cognição inventiva opera no ato pensativo-pedagógico? No entanto, o percurso ainda contará com invenções e investigações, trabalho que será contemplado na próxima etapa, na disciplina Trabalho de Curso II. Este escrito traz um recorte, em que se abordam alguns elementos decorrentes das oficinas realizadas. Destes elementos se produziu uma análise quanto a representação, a reconhecimento que permeiam o ato pensativo-pedagógico. A representação não só está presente na escrita, mas na fala, sensações e em especial no que emana das perguntas e ações propostas na oficina, bem como no discurso pedagógico.

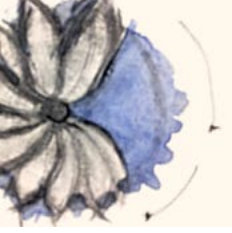
Palavras-chave: Reconhecimento. Cognição Inventiva. Representação. Professores.

REFERÊNCIAS

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo*. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo horizonte: Autêntica, 2007.

1 Univates, Pedagogia, alissara_z@hotmail.com.

2 Univates, angelicavmunhoz@gmail.com.



DOCÊNCIA, UMA COMPOSIÇÃO DE ENCONTROS. UMA FORÇA MAIOR DE ALEGRIA!

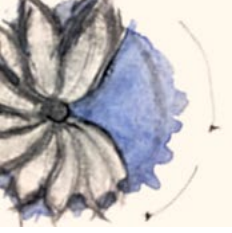
Maria da Glória Munhoz Roos¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Uma escrita de um corpo inacabado, aberto, entregue, ao acaso, numa escrita da ordem do amor, através das vidas de tantas professoras. Este artigo aborda a problemática do pensamento da representação no contexto da docência atual. Contexto este que vem, muitas vezes, apresentando a docência com uma imagem empobrecida e como uma tristeza improdutiva. O desafio foi criar um mapeamento, cartografar intensidades na docência, agir no improviso, cair nos conceitos, deixar-se pensar pelos momentos da alegria. Uma vida docente além da história, além dos estados das coisas, como uma luta contra tudo que ameaça a vida. Trata-se de linhas de escrita de uma professora que se arrisca a viver uma docência com doses de alegria, a produzir diferenças em si. Para dançar na alegria, precisa-se perder a consciência, driblar a tristeza, exorcizar os maus encontros e abrir-se aos novos encontros. Propõe-se um olhar sobre professores potencializados pela força maior da alegria, uma escrita que se ocupe em sentir o que aumenta a potência de vida. Dar valor ao que não é visto como válido, pensar na docência para além da tristeza. Um exercício político de criação de si. Compor encontros, efetuar uma ação, que é sempre alegre. Um bom encontro com uma escrita com a alegria que leva o corpo ao extremo e a sensação de querer mais. A fundamentação teórica, inspirada em alguns pensadores da filosofia da diferença, teve como referência principal: Spinoza, Nietzsche, Deleuze, possibilitou pensar a alegria de uma docência.

Palavras-chave: Docência. Bons Encontros. Alegria.

¹ Univates, goiamr@hotmail.com.



ENTRE RETALHOS E ALINHAVOS: (DES) COSTURANDO UMA PROFESSORA DE ARTES

Raphaela Malta Mattos¹

Orientadora: Sônia Maria Clareto²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Esta é uma escrita que se inicia pelo meio, não no sentido da metade exata de algo, mas no *entre*, assim como quando desembolamos novelas: vamos tateando, desembolando, embolando ainda mais. Por hora sinto um tatear-me e um embolar-me com o surgimento de problemas, escritas e lãs. Não vislumbro mais nem começo nem fim, nem ponta que começa nem que termina esse novelo. Tento quem sabe perder tempo nesse vai e vem que é desembolar e embolar os fios. Fios que teimosamente se embolam em outros fios. Uma costura-escrita composta com multiplicidades que atravessam uma professora de artes no seu formar-se, ou deformar-se. É o exercício de trazer com a costura-escrita, uma costura-escrita de si. Surge como um processo da pesquisa de um mestrado em Educação. Não um falar sobre uma pesquisa, mas a pesquisa em si – perseguindo a problemática *como tornar-se professora de artes?* Agenciando com artistas, filósofos e outros autores na busca de um corpo outro, um território existencial. Um “eu” vai se constituindo como resultante provisório, reflexo de muitas determinações em curso, no processo de costura-narração. *Entre...* uma licenciatura em Artes, um mestrado em Educação, espelhos, fios, labirintos, tempo, morte, vida... Entre *marcas* (ROLNIK, 1993). São aqueles estados inéditos que se produzem no nosso corpo, que surgem a partir das composições em nossas vidas. Esses estados instauram aberturas para a criação de novos corpos, sendo assim gêneses de devir. Marcas que violentam, tremem contornos, gritam... Como se forma professor? Professor se forma? Que formação? Como me constituir professora? Como me tornar professora de artes? Pode a arte em uma formação? O que pode a arte em uma formação? O que pode uma formação em artes? Arte? Que arte? O que pode a arte na aula de Arte? Professora-espelho, heroína vaidosa, que carrega o fardo da “missão civilizadora” (COSTA, 2005) e entende seu fazer como um “trabalho sujo” (ADORNO, 2000). Como me tornar “educadora” sem achar que faço um “trabalho sujo”? Como resistir? *Bastam dois espelhos opostos para construir um labirinto* (BORGES, 1999). Se colocar um espelho oposto a esse espelho constrói-se uma professora labiríntica? Bifurcante? Emaranhada? Labirintos com Teseu sem fio de Ariadne com Minotauro. Labirintos alinhavados. Emaranhados. Alinhar labirintos. Labirintos para se perder ao invés de se encontrar (DELEUZE, 1997). A aventura do labirinto não é se preocupar com as saídas. Só entenderei quando parar de me preocupar.

Palavras-chave: Formação de professores. Arte. Educação. Narrativas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2000.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas vol. 3*. São Paulo: Globo, 1999.

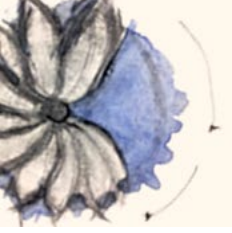
COSTA, Sylvio. *De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo)*. *Educ. Soc.* Campinas, v. 26, n. 93, p. 1257-1272, set./dez. 2005.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ROLNIK, Suely. *Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, v.1 n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

1 Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestrado em Educação, rmmattos@hotmail.com

2 Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sclareto@yahoo.com.br



FOTOGRAFIA

Fabrício da Silva Teixeira Carvalho¹

Orientadora: Sônia Clareto²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: O texto é parte do meu doutorado junto à FACED, ligado a minha condição de professor no Inst. de Artes da UFJF, voltado para o estudo da tridimensionalidade. Estudos desenvolvidos em encontros semanais com alunos/participante em uma sala/atelier onde discutimos manifestações artísticas relacionadas a três situações: corpos, objetos e arquiteturas, desenvolvendo proposições poéticas que podem tornar-se ou não intervenções artísticas. O trabalho não é um “relato”, mas procura se apresentar mais como um destas proposições derivados destes encontros ligados à minha produção como professor/participante das oficinas. Os três tópicos são grandes eixos que orientam as discussões. Surgiram da leitura do texto “o despovoador” de Beckett, que descreve um lugar “imaginário” com características peculiares, habitado por corpos que se comportam de acordo com o desejo de permanecer ou sair dali, criando rotinas e hierarquias, configurando práticas de vida do lugar. Nestas práticas se utilizam de objetos com os quais impõem ou sofrem ações de poder. O “despovoador” torna-se referência para pensar a tridimensionalidade como investigação do que está “entre” estas noções e ações com as quais produzimos “experiências”. Traz a ideia de intervalos entre escalas que podem ser variantes na produção de sentido para lugares “reais” e possibilidades de pensar poética lugares imaginários. A minha produção como professor/participante se dá a partir de experiências neste lugar sala/atelier, desenvolvendo-se em três manifestações “artísticas” relacionadas: uma aula que se deu no horário habitual dos encontros a partir de uma leitura performática de Beckett; um livro formado por imagens dos objetos da sala/atelier construídos a partir da relação entre um software tridimensional e outro bidimensional e um texto escrito como uma “fotografia” de um lugar imaginário. Na leitura do texto o leitor/ouvinte pode habitar um lugar ficcional que não está suficientemente definido como sala, atelier, etc. Trata-se de um lugar em que certa ordem de coisas acontece a partir de certa imobilidade destas coisas. Ou, de outro modo, o texto é uma tentativa de pensar um conjunto de movimentos ou acontecimentos que atravessam certa imobilidade aparente, como uma fotografia dos intervalos entre estas coisas. Sua leitura no evento poderá ser encarada outra manifestação artística.

Palavras-chave: Corpos. Objetos. Arquiteturas. Sala. Atelier.

REFERÊNCIAS:

BECKETT, Samuel. *O despovoador; Mal dito mal visto*; tradução de Eloisa Ribeiro; Edição preparada por Vandim Nikitin. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BELLATIN, Mario. *Cães Heróis*. Tradução Joca Wolff. São paulo: Cosac Naify, 2011.

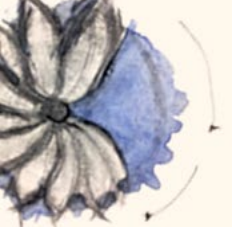
BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRIZZUELA, Natalia. *Depois da Fotografia: uma fotografia fora de si*. 1ªEd. Rio de Janeiro: ROCCO, 2014.

FARIAS, Agnaldo. *Notas sobre o corpo*. In: Antony Gormley : corpos presentes = Still Being / [textos W. J. T. Mitchell, Agnaldo Farias ; curadoria Marcelo Maia Dantas ; tradução Renato Rezende]. - São Paulo: Mag Mais Rede Cultural, 2012.

1 Universidade Federal de Juiz de Fora, Doutorando em Educação PPGE, Professor IAD – UFJF, FAPEMIG, PROQUALI, fabriciotcarvalho@hotmail.com.

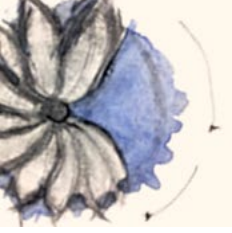
2 PPGE UFJF, sclareto@yahoo.com.br



GORMLEY, Antony. *Notas do artista, Outubro de 1985*. In: *Entre el objeto y la imagen: escultura britanica contemporanea*. Madri: The British Council & Ministerio de Cultura, 1986. p. 92.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF MartinsFontes, 2012.

TEJO, Cristina. *Máquinas do Imaginar*. Texto originalmente publicado no catálogo “Prêmio Marcantonio Vilaça Artes Visuais / FUNARTE / MinC. 2006.



IMPASSES NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE ARTE- EDUCAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Vera Lúcia Mallmann¹

Orientador: Bruno da Silva Teixeira²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: A presente escrita expõe o Projeto de Pesquisa desenvolvido na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, que com seu aperfeiçoamento e pesquisa de campo, resultará em uma monografia do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES. O projeto tem por objetivo compreender de maneira clara os fatores que levam ao não desenvolvimento das artes de forma satisfatória nas escolas, tentando assim “desvelar e registrar” as dificuldades dos docentes da Educação Infantil, em planejar e colocar em prática momentos de arte e criação. O assunto foi abordado perante as deficiências das artes, em escolas de Educação Infantil, pois na grande maioria delas, as artes são apenas exploradas em datas comemorativas ou festivas. Os professores por trabalharem em uma instituição onde existe regras e cada sujeito possui seus deveres e obrigações, muitas vezes acabam não ousando em trazer para as salas de aula, práticas diferenciadas para se trabalhar as artes, por possivelmente resultar em sujeira, como também por medo da desorganização que pode se instalar naquele ambiente, durante e após a atividade. A possibilidade de inserção de outras formas e recursos para desenvolver a mesma prática, pode acabar resultando na perda de controle da sua própria turma e também, inviabilizar o tempo de limpeza do local. A presente pesquisa será realizada em três escolas municipais, em um município do Vale do Taquari/RS. Para a coleta dos dados, será utilizada a entrevista e o questionário como principais ferramentas de pesquisa, onde serão convidados a participar seis professores e a equipe diretiva da escola. Os dados serão analisados para registrar as dificuldades dos docentes para assim partir para a comparação, para observarmos se as dificuldades presentes nas três escolas são homogêneas ou não e se as mesmas correspondem com as hipóteses iniciais sobre o tema. A análise dos dados coletados fundamentará a elaboração do TCC II. Estudos teóricos como de Cunha (1999), Gompertz (2011), Martins; Pillar (2012) e Richter (2004) sustentam esse trabalho, como também Documentos da Educação Básica (MEC).

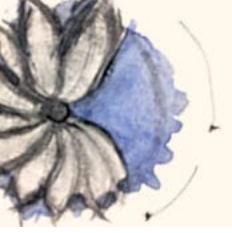
Palavras-chaves: Artes em ambientes escolares. Dificuldades. Professores.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em: 02 de agosto de 2014.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. RICHTER, Sandra. et al. **Cor, som e movimento:** a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- GOMPERTZ, Will. Isso é arte? In: **150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. P. 11 a 17.
- MARTINS, Mirian Celeste. PILLAR, Analice Dutra. In: BARBOSA, Ana Mae et al. **Inquietações e mudanças no ensino da arte** 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.
- RICHTER, Sandra. Educação e arte na infância In: **Criança e pintura: ação e paixão do conhecer**. Porto alegre. Editora Mediação. 2004.

1 Centro Universitário UNIVATES, Estudante de Pedagogia, verinhayes@hotmail.com

2 Centro Universitário UNIVATES, brunoteixeira80@gmail.com



MAPEANDO POTÊNCIAS DO CORPO SURDO

Aline Rodrigues¹

Orientadora: Angélica Vier Munhoz²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: O presente resumo apresenta, brevemente, o projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido no Mestrado em Ensino do Centro Universitário UNIVATES, cujo tema trata das potências do corpo surdo a partir de suas experiências e encontros com a fotografia. Inicialmente, busca-se situar a história do corpo surdo, seus percursos e atravessamentos, a partir de uma linha historiográfica acerca das representações da surdez. No segundo momento, trata-se de pensar as potências do corpo surdo como um corpo imanente à vida, na ordem das sensações. Como proposta teórico-metodológica, utiliza-se a cartografia como mapeamento dos afectos. A partir do conceito de punctum, utilizado por Roland Barthes, percorre-se encontros e aproximações que pungem a vida e que se dão pela via dos acontecimentos. Neste sentido, a fotografia será utilizada como ferramenta para tramar as linhas que compõem as relações do corpo surdo com a vida. Ao fotografar e narrar através de punctuns, busca-se experimentar sensações, cartografar os incidentes, mapear as potências de um corpo surdo. Os participantes da pesquisa serão três adultos que se encontram nessa condição de “corpo surdo”.

Palavras-chave: Corpo surdo. Punctum. Cartografia. Fotografia.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro. Ed. 34. 1996.

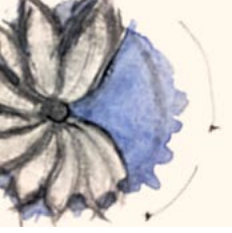
KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LOPES, Maura Corcini. *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como prática política de governamentalidade. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Org.). *Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

1 Univates, Mestrado em Ensino, CAPES, aliner@universo.univates.br

2 Univates, angelicavmunhoz@gmail.com



MOVIMENTO DOS CORPOS-PENSAR SOB HEGEMONIA DOS SIGNOS

Marcos Vinícius Leite¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE.

Somente quantidades de poder estão conferindo e retirando distinção: nada senão isso. (NIETZSCHE, 2003, p. 186)

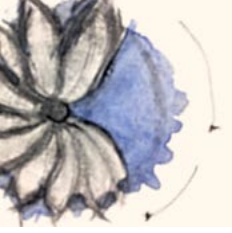
Resumo: Pretende-se potencializar as discussões em torno da emergência do pensar e suas repercussões sobre a distinção clássica entre os conceitos de razão e corpo, pensar e sangue, bem como, provocar implicações sobre a noção de forma, formação e estilização da existência. O âmbito das investigações junto ao acontecimento do pensar apresenta repercussões para as práticas e ensino dos conteúdos de filosofia na sua reinserção no ensino médio brasileiro. As disputas em torno do acontecimento do pensar apresentam-se como um dos desafios centrais para a consolidação do espaço recém conquistado na obrigatoriedade da disciplina filosofia. A inclusão da disciplina trouxe para os seus educadores indagações sobre a ação de ensinar o pensar, além de colocar em evidência, questionamentos relativos à composição dos currículos, para os processos de disciplinamento dos conteúdos e à formação dos professores, para o exercício do seu ofício. A experimentação em questão foi pensada como uma das ações do projeto de pesquisa, financiado pela Fapemig, que problematiza o conceito de formação de professores, partindo da compreensão indicativa da inevitável relação de implicação existente entre as esferas de produção *ético-estético-política*, presente nos inúmeros processos de formação dos sujeitos e das formulações do pensamento de Nietzsche, que evidenciaram as relações entretecidas entre corpo e pensamento, sangue e razão. Na experimentação, pretendeu-se favorecer acontecimentos que tornassem visíveis as relações estabelecidas entre a condição humana e suas reverberações sobre o *corpo-pensar* dos participantes. Como questão, tensionou-se a ação-reação dos *corpos-pensar* junto à densidade dos signos lançados nas disputas pela hegemonia do sentido. O acontecimento do pensar esboçou suas relações junto ao corpo quando a dinâmica do movimento impôs suas necessidades e reações, instaurando a formação dos espaços vitais na experiência de lançar-se junto à violência dos acontecimentos na estilização da existência.

Palavras-chave: Corpo. Pensar. Movimento. Formação.

REFERÊNCIA

NIETZSCHE, F. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2003.

¹ UFJF, Doutorado em Educação, Fapemig, leite.mv@bol.com.br



O CORPO COMO “LUGAR” PARA UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Derli Juliano Neuenfeldt¹

Jane Márcia Mazzarino²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: A Idade Moderna construiu um sujeito que se colocou no centro do Universo. A partir dessa concepção antropocêntrica, para poder dominar a natureza, o homem se colocou fora dela, passando a explorá-la como fonte inesgotável de recursos em prol de um crescimento econômico. Esta visão de homem e de mundo faz com que estejamos vivenciando um momento de crise ambiental no qual se questiona os rumos da humanidade e do próprio planeta. Este trabalho tem por objetivo apresentar o corpo como “lugar” para um processo de Educação Ambiental. Para Guimarães (2011) a Educação Ambiental deve ser crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania, transformadora de valores e atitudes por meio da construção de novos hábitos. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa teórica que para Demo (2009) tem como propósito: conhecer teóricos relevantes, atualizar-se na polêmica teórica para abastecer-se e investir na consciência crítica. A partir do estudo de autores como Grün (2008), Gonçalves (2001), Merleau-Ponty (1999) percebe-se que há necessidade de uma ressignificação da compreensão de corpo. O paradigma da modernidade sobrepôs a racionalidade às demais dimensões do humano, constituindo-se um processo denominado de “descorporalização” (GONÇALVES. 2001), no qual se reduziu a capacidade de percepção sensorial das pessoas, tornando o corpo um objeto. Portanto, propõe-se olhar para o corpo como “lugar” de aprendizagens e como “lugar” possível de um processo de Educação Ambiental. Para Zhouri e Oliveira (2010) o lugar é onde as pessoas constroem significados para suas vidas, identificam-se e têm uma experiência vivida. Ao se propor o corpo como lugar, compartilha-se, também, do entendimento de Merleau-Ponty (1999), de que a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, mas é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização. O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo. Tuan (1980) comenta da necessidade de o homem compreender-se a si mesmo. Sem essa autocompreensão, é difícil esperar soluções para os problemas ambientais, pois estes são problemas humanos. Conclui-se que um processo de Educação Ambiental, que implica em mudança de hábitos, deve-se ir além da compreensão racional, passando pela experiência corporal pois, como diz Santin (1996, p. 83): “o corpo é o lugar onde o especificamente humano habita e se constitui, onde ele se esconde e se manifesta”.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Corpo. Lugar.

REFERÊNCIAS

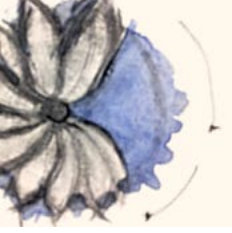
DEMO, Pedro. *Pesquisa: Princípio científico e educativo*. 13 e. São Paulo: Cortez, 2009.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*. 5 ed. Campinas: Papyrus, 2001.

GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates. Lajeado/RS/BRA. derlijul@univates.br

2 Doutora em Ciências da Comunicação – UNISINOS/RS/BRA. Prof. ^a do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates, Lajeado/RS/BRA. janemazzarino@gmail.com>



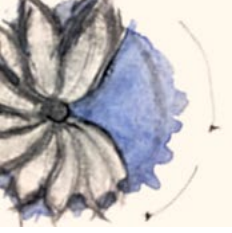
GUIMARÃES, Mauro. *A dimensão ambiental na Educação*. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. 2ª ed. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS. 1996.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. RJ: DIFEL, 1980.

ZHOURI, Andréa; OLIVEIRA, Raquel. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processo de territorialização. In: ZHOURI, Andréa; Laschefski, Klemens (Org.s). *Desenvolvimento e conflitos ambientais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 439-462.



O CORPO INFANTIL NO AMBIENTE HOSPITALAR

Deise Micheli Meith¹

Silvane Fensterseifer Isse²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: As pessoas desejam ter total controle sobre o próprio corpo: controlar seu tamanho, a saúde, as capacidades e também sua aparência. Mesmo com os esforços de distintos campos de conhecimento, especialmente o da saúde, para tornar o corpo durável, a doença e o envelhecimento mostram que ele tem seus limites. No momento em que o corpo adocece, percebe-se o quão vulnerável é o ser humano. Adoecer significa mudança. Mudança que atinge diretamente a rotina e os hábitos dos sujeitos. O presente estudo tem como objetivo tecer algumas reflexões acerca do corpo infantil no ambiente hospitalar, visando a compreender como é a experiência corporal de crianças enquanto hospitalizadas. Para tal reflexão, faz-se necessário conhecer o modo como as crianças estão agrupadas no ambiente hospitalar a ser investigado, qual é o espaço de movimento disponível para as crianças, de que forma o espaço físico (quarto) é organizado, como é a rotina desses corpos. Trata-se do projeto de Trabalho de Curso, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES. O referencial teórico do projeto aborda concepções de corpo desde a antiguidade até a contemporaneidade, fundamentados em autores como Ceccim (2010), Le Breton (2003) e Sant'Anna (2006); o conceito de "experiência", apoiado nas teorizações de Larrosa (2011), que aborda a experiência como algo que nos passa, que nos atinge, gera uma mudança e, por esse motivo, cada vez menos a experiência faz parte da vida das pessoas. A pesquisa de campo será desenvolvida em uma instituição hospitalar situada no município de Teutônia/RS, nos meses de janeiro e fevereiro de 2015. Será utilizada a cartografia como abordagem metodológica, tomando como base autores como Costa (2010), Deleuze (1995) e Kastrup e Passos (2013), que apresentam a cartografia como uma forma de pesquisa comprometida com o processo de criação, as intensidades, as vivências, as experimentações e a atenção. A observação será o instrumento utilizado para a coleta de informações. Para que as fissuras, as capturas e os dados produzidos no território não se percam, será utilizado um diário de campo, no qual serão registradas as observações. Os registros do diário servirão de base para as reflexões da pesquisa.

Palavras-chave: Corpo. Criança. Contexto hospitalar.

REFERÊNCIAS

CECCIM, R.B. A educação permanente em saúde e as questões permanentes à formação em saúde mental. In: LOBOSQUE, A.M.(Org). Saúde Mental: os desafios da formação/ Caderno de Saúde Mental 3. Belo Horizonte: ESP/MG, 2010. p. 67-90

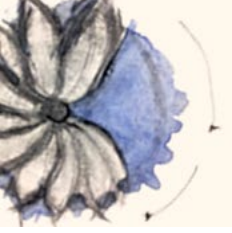
COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia: uma outra forma de pesquisar* (documento digitalizado, não publicado pelo autor). 2010.

DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. *Cartografar é traçar um plano comum*. Revista Psicologia Fractal, Niterói, v. 25, n.2, p. 263-280, mai./ago.2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v25n2/04.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2014.

1 Univates, Pedagogia, deise.meith@yahoo.com.br.

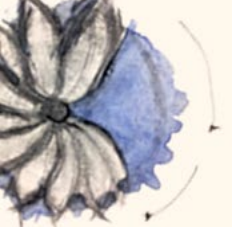
2 Univates, Pedagogia e Educação Física, silvane@univates.br.



LARROSA, Jorge. *Experiência e alteridade em educação*. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p.04-27, jul/dez. 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/0>>. Acesso em: 15 out. 2014.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 2003. Tradução Marina Appenzeller.

SANT'ANNA, Denise B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen L. (org.). *Corpo e história*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 03-24.



O CORPO-WEST: ESPASMÓDICO, DETERIORADO, HIPSARRÍTMICO

Morgana Mattiello¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

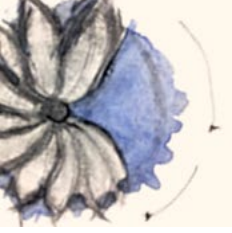
Resumo: O *Corpo-West*: De que maneira abordá-lo? Por qual ângulo percebê-lo? Inspirado em Francis Bacon, este trabalho, escrito em meio a investigações referentes a um trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES de Lajeado/RS, trata-se de um Tríptico. Três estudos para um novo retrato do *Corpo-West*. Trata-se de olhar a Síndrome de West a partir de cruzamentos operados entre a arte, a filosofia e a educação, tomando como intercessora central a pintura de Francis Bacon, tal como é percebida por Gilles Deleuze em *Francis Bacon: lógica da sensação* (1997), buscando criar, através da escrita, uma nova existência possível ao corpo estruturado conforme os diagnósticos feitos em 1841, pelo Médico William James West e, desde então atualizado pela tríade: 1) espasmos infantis; 2) deterioração ou retardo do desenvolvimento neuropsicomotor; 3) traçado eletroencefalográfico com padrão de hipsarritmia. A pintura de Bacon, ao evitar o caráter meramente ilustrativo e narrativo da figura, configura-se como expressão artística de um pensamento que pretende escapar da representação, já que mantém seu compromisso com a criação de uma figura que não é abstrata, nem propriamente figurativa, mas abreviada até a força de sua intensidade. Trata-se de corpos-sensação, através dos quais pode-se pensar o *Corpo-West* através de outras possibilidades, outros meios, ou seja, através de fios condutores para novas formas de percepção. Trata-se de, ao aproximar-me de tais planos de criação, pensar de que maneira também a Pedagogia pode, em sua prática cotidiana, arquitetar uma géstica com força suficiente para também ser inventiva, e não apenas reprodutora. Trata-se de uma aprendizagem-deleuziana, na qual o aprender não implica em um movimento na ideia, mas em um movimento na sensibilidade, no corpo. Aprendizagem da Sensação. Trata-se de uma Pedagogia que sugere a imanência da vida, o seu infinito conjunto de todas as imagens, para além do orgânico e da personalidade. Pedagogia da Sensação. Em meio à arte e à filosofia, as imagens do *Corpo-West* configuram novos delineamentos, novas intensidades, novas sensações. Em certo sentido, trata-se de tomar o próprio corpo como pensamento e arte, para então criá-lo, recriá-lo e inscrevê-lo em novos movimentos: espasmódicos, deteriorados e hipsarrítmicos.

Palavras-chave: Corpo. Síndrome de West. Arte. Aprendizagem. Sensação.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

¹ Univates, Curso de Pedagogia, morgana_mattiello@hotmail.com.



O ENTRE: UMA APRENDIZAGEM INVENTIVA EM COMPOSIÇÃO COM UM JOGO DE BASQUETEBOL

Bibiana Munhoz Roos¹

Henriqueta Althaus²

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Esta escrita foi disparada pelos estudos realizados durante a disciplina de Processos de Ensino e Aprendizagem II, do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES. Durante as aulas, foram realizadas discussões e reflexões acerca da aprendizagem e do currículo, e de como pensar em uma aprendizagem que se descole da representação, por meio de uma cognição inventiva. Dessa maneira, entendemos que o pensamento não está ligado apenas à ordem da reconhecimento, pois é uma atividade criadora que não ocorre de forma natural, é um encontro com o fora que nos força a pensar, nos desacomoda (CORAZZA, SILVA, 2007). Esta é uma escrita composta por arranjos, conexões, agenciamentos e afecções. Nela, buscamos trazer uma de nossas paixões, o Basquetebol, para ser pensada como um intercessor para uma aprendizagem inventiva. Para Deleuze (2013) “o importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento” (p. 160), dessa maneira, através desse intercessor, buscamos criar o nosso próprio movimento, e não apenas reproduzir conceitos pré-existentes. Não temos o intuito de realizar uma comparação, mas aquilo que habita entre. O que há entre uma aprendizagem inventiva e um jogo de basquete? “Como é possível, sobre linhas completamente diferentes, com ritmos e movimentos de produção inteiramente diversos – como é possível que um conceito, um agregado e uma função se encontrem?” (DELEUZE, 2013, p. 158). Assim como a partida de basquetebol, o pensamento deseja se deslocar, modificar, deixar-se ser tocado pelo devir e pelos encontros. Nesse processo, a bola de basquete não se movimenta sozinha, necessita, assim como o pensamento, de uma força externa para manter-se viva.

Palavras-chave: Cognição inventiva. Basquetebol. Intercessor. Movimento.

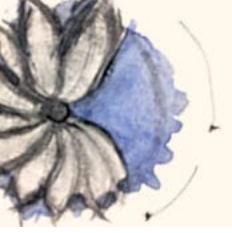
REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara; SILVA, Tomaz Tadeu Da. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

1 Univates, curso de Psicologia, bibi_roos@hotmail.com

2 Univates, curso de Psicologia, queta.althaus@hotmail.com



O TEATRO COMO PROCESSO COLABORATIVO DE CRIAÇÃO

Cristiane Schneider¹

Orientadores: Angélica Vier Munhoz²

Cristiano Bedin da Costa³

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: O teatro como processo colaborativo de criação integra um projeto de pesquisa do programa de mestrado em Ensino da Univates e apresenta um estudo sobre o teatro na escola, percebendo-o como uma experiência que ultrapassa as fronteiras da aprendizagem do fazer teatral. Ao compreender o teatro como uma fissura na forma tradicional de aprender, ele torna-se um parêntese no qual os jovens podem se expressar de forma criativa. Desse modo, o presente estudo volta-se para o processo colaborativo de criação realizado por um grupo de jovens que participa de oficinas de teatro numa escola de ensino privado de Lajeado/RS, buscando uma revisão bibliográfica acerca da relação entre teatro e escola, cartografando os exercícios propostos nos encontros da oficina de teatro e, a partir dessa cartografia, analisando os exercícios das cenas performativas. A fim de capturar estas performances, recorre-se ao diário de campo, imagens e filmagens para registrar as observações dos encontros com os jovens. Os pressupostos teóricos para essa abordagem fundamentam-se em Spolin (2007), Schechner; Icle; Pereira (2010), Mairesse (2003), Reverbel (2002), entre outros. Considerando o estudo realizado, avalia-se que o teatro na escola assume a função de formador e provocador de múltiplas experiências que envolvem a criação a reflexão acerca do dito e do não dito nos diferentes discursos que tangenciam a prática teatral, o contato com a herança cultural e artística da humanidade através da literatura dramática, a possibilidade de afirmação de potencialidades através dos exercícios performativos e do jogo teatral.

Palavras-chave: Teatro. Performance. Criação.

REFERÊNCIAS

MAIRESSE, Denise. Cartografia do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tânia

M. Galli; KIRST, Patricia (Orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 259-271.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. *O que pode a performance na educação?* Educação e Realidade. Porto Alegre, 2010. v. 35. n. 2. p. 23-35.

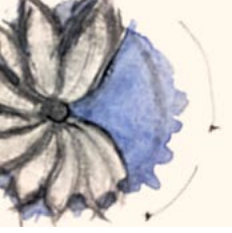
REVERBEL, Olga. Um caminho do teatro na escola. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor*. Tradução: I. D. KOUDELA. São Paulo: Perspectiva, 2007.

1 Graduada em Educação Física – UNISC/RS, Especialista em Arte, Cultura e Criação – FATEC/RS. Registro profissional em Artista técnica de espetáculo SATED/RS. Mestranda em PPGEnsino – Univates/RS. cristisc@unisc.br

2 Univates, angelicavmunhoz@gmail.com

3 Univates, cristianobedindacosta@hotmail.com



PEDAGOGIA E ARTE CONTEMPORÂNEA: MOVIMENTOS POR ENTRE FORMA E FORÇA

Ana Paula Crizel¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Esta escrita constitui-se de um recorte dos investimentos preliminares realizados em circunstância do Projeto de Dissertação, elaborado junto ao curso de Mestrado em Ensino do Centro Universitário UNIVATES. Este texto problematiza as noções de Forma e *Força* que são operados no projeto para pensar a pedagogia e a arte contemporânea enquanto entre-movimentos. Da Forma, como algo que possui existência, matéria atualizada que pode ser conhecida e reconhecida. Da *Força*, como algo que existe em potência, matéria informe, virtual, que se diferencia da Forma já atualizada (DELEUZE, 2006; 2006b). Forma e *Força* se opõem da mesma maneira que se imbricam porque a matéria informe e virtual, potência diferenciada, ao atualizar-se ganha existência em uma Forma que já é outra coisa em *diferenciação* à matéria informe da qual devém. Uma Forma não é fixa, está em constante atualização, ela é atravessada pelas *Forças* que constituem o território, em que esta Forma opera. As *Forças* virtuais também são afetadas pelas Formas que se atualizam a partir da potência, ou não, de seus agenciamentos. As *Forças* podem atualizar-se tanto em Formas que estão em constante variação quanto atualizar-se em Formas que se estriam, se segmentarizam, paralisam, por algum período, seu próprio movimento. Da Forma e da *Força*, uma dualidade? De todos os movimentos o entre (DELEUZE, 1995) é neste instante, da passagem entre um e outro que algo acontece, nem em Forma nem em *Força*, o meio. Da pedagogia e da arte contemporânea, saberes distintos e que também operam de maneiras distintas, ambas, em constante movimento. Movimentos ora atravessadas pelos fluxos de uma Forma e ora pelos cortes de uma *Força*. Implicação e variação contínua, embora, em alguns momentos algumas Formas se perpetuem, se estratifiquem mas, mesmo ganhando contornos precisos, estas Formas não deixam de se movimentar e movimentar o território onde operam, movimento por linhas mais ou menos segmentadas.

Palavras-chave: Pedagogia. Arte. Forma. *Força*.

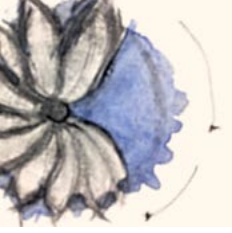
REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. O método de dramatização. In: DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006b.

¹ Univates, Mestrado em Ensino, Fapergs, ana.crizel@gmail.com.



PEDAGOGÍAS A TRAVÉS DEL CUERPO: EL TEATRO Y LA VIOLENCIA, UN DIALOGO CON EL PRESENTE

Ana María Noguera Duran¹

Oscar Yecid Bello Bello²

GRUPO DE TRABAJO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumen: *El texto surge de la investigación realizada en la Universidad Pedagógica Nacional de Colombia y abordada desde la UFRGS, a partir de experiencias pedagógicas en artes escénicas en municipios afectados por el conflicto armado en Colombia. Indaga de qué manera “El cuerpo y la violencia se constituyen como un modo de problematizar el presente a partir del teatro”. Analiza los procesos de subjetivación (Rose, 2012) en distintos espacios formativos, a fin de replantear el lugar del arte en la escuela en términos de Agirre (2005) como sistema cultural y simbólico que coadyuva a la configuración de sentido, constitución de modos de ser, con-vivir, pensar y relacionarse estéticamente con el mundo. Proponer un análisis que trascienda las artes escénicas más allá de la obra representada, del espectáculo, de la técnica teatral. Como un medio para llevar a los participantes a un reconocimiento y conocimiento de sí mismo como sujetos. Teniendo por base ideas de Foucault (2001) y Rose (2012), analiza desde las aulas de artes escénicas algunos discursos que se instauran desde el cuerpo. Ocasionalmente por distintas repercusiones que deja el enfrentamiento armado a su paso, se presentan en el cuerpo como escenario de lucha interna, donde habitan daños emocionales, psicológicos, físicos, morales, que se manifiestan en la reproducción de distintos tipos de dolencias y rupturas de tipo identitario y social entre otros. En esta ruta de relaciones de poder y violencia que se manifiesta en los cuerpos, el silencio se convierte en mediador y las artes escénicas en un posible lenguaje para leer la historia de sociedades fragmentadas a causa de la violencia donde el miedo y el silencio se instauran en el cuerpo.*

Palabras clave: *Cultura. Teatro. Cuerpo. Memoria. Violencia.*

REFERENCIAS

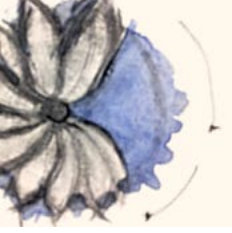
AGIRRE, Imanol. *Teorías y Prácticas en Educación Artística: España*. Barcelona, Octaedro/EUB, 2005.

ROSE, Nikolas. *Governando o presente*. São Paulo, 2012.

FOUCAULT, Michel. *La Hermenéutica del sujeto*, Buenos Aires, 2001.

1 UFRGS, Mestrando Educação, Bolsista CAPES. amarianogueranduran@gmail.com

2 UFRGS, Mestrando Educação, Bolsista CAPES. oscarbello2012@gmail.com



PERMITIR-SE EXPERIMENTAR É O INGRESSO

Letícia Maria dos Reis¹

Vera Lúcia Mallmann²

Marizabete Ozelame³

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Durante o semestre de 2014A, o grupo de bolsistas do subprojeto de Pedagogia do PIBID – PED-1, juntamente com a escola parceira do município de Estrela /RS, organizou oficinas voltadas para os interesses dos alunos, com o intuito de auxiliá-los em suas práticas de miniestágios. Foram planejadas as oficinas: “Jogos e brincadeiras” e “Artes Plásticas”, entretanto nesse relato iremos refletir sobre a oficina de Artes. Tratando-se de uma escola de Curso Normal os alunos, com os quais desenvolvemos nossas práticas, pertenciam ao 2º ano do Ensino Médio, por esse motivo, nossas intervenções objetivavam acrescentar e provocar situações de aprendizagens e experimentações na área das Artes Visuais. Os alunos foram divididos em dois grupos e cada semana participaram de uma oficina. Para nossa surpresa, os alunos aceitaram tão bem o planejamento. Percebemos o quanto é importante darmos liberdade aos alunos, para eles próprios poderem criar. A partir disso, muitos trabalhos foram surgindo, envolvidos com os mais variados sentimentos; angústia, revolta, saudade, lembranças da infância... Tratando-se de uma oficina de experimentação, a intencionalidade com essa prática foi de colocar-se no lugar daquele que está criando, explorando e interagindo com os materiais. Observamos que desenvolvendo as mesmas práticas, os grupos foram distintos na maneira de interagir com os materiais, (tintas das mais variadas composições, grafismo em diferentes locais, criações com recursos naturais) como também, com a preocupação da limpeza de suas classes. Como o nosso objetivo era vivenciar as Artes, não apenas somente como um componente curricular, mas algo possível de ser vivenciado e sentido, concluímos a oficina de Artes Plásticas, ousando dizer que nossos objetivos foram alcançados. Finalizamos, reforçando que fazer Arte na escola é possível sim, e permitir-se a experimentar, é o início de tudo. As práticas estão amparadas pelos teóricos como Pillar (1999), Richter (1999), Martins (2012) e Albano (2013) como também os Documentos Nacionais do Pacto do fortalecimento do Ensino Médio (2013).

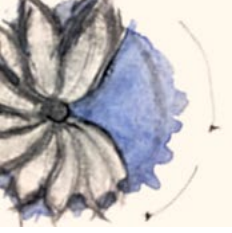
Palavras-chave: Artes Plásticas. Adolescentes. Curso Normal.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. Arte para o desenvolvimento integral. In: REVISTA. *A relação das crianças com a arte*. Grupo A. Número 37. Ano XI. Outubro/Dezembro 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Pacto pelo fortalecimento do Ensino Médio* – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. Disponível http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=13&Itemid=117 Acessado em 11 de maio de 2014.

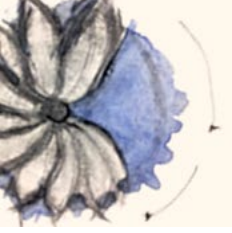
- 1 Univates, Estudante de Pedagogia, o presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid –, da Capes – Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil, leticiareis.reis@gmail.com
- 2 Univates, Estudante de Pedagogia, o presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid –, da Capes – Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil, verinhayes@hotmail.com
- 3 Univates, Curso de Pedagogia, O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid –, da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil, marizabete.ozelame@yahoo.com.br



MARTINS, Mirian Celeste. PILLAR, Analice Dutra. In: BARBOSA, Ana Mae et al. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 7 edição. São Paulo: Cortez, 2012.

PILLAR, Analice Dutra (Org). *A Educação do olhar no ensino das artes*. 2ª edição. Porto Alegre: Mediação, 1999.

RICHTER, Sandra. Manchando e narrando: o prazer visual de jogar com cores. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. Porto Alegre: Mediação, 1999.



POR UMA EDUCAÇÃO DO DESENHAR COM A FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Anderson Luiz de Souza¹

GRUPO DE TRABALHO: CORPO, PENSAMENTO E ARTE

Resumo: Desenhar e pintar são formas de expressão que comumente se ligam a modos de representação de imagens prontas. Onde, em um senso comum, saber desenhar está associado à capacidade de se fazer uma cópia fiel de um dado modelo. Mas, ao pensar o desenhar e a educação com as filosofias da diferença, é levantado o seguinte questionamento: Como pensar uma educação criadora do desenhar, em meio ao pensamento da representação? Para tratar de tal questão, com os movimentos que se deram nos encontros com alguns intercessores se compôs diferentes modos de fazer desenhos, pensando as forças, a singularidade e os acontecimentos que podem se dar nas experimentações com o desenhar. Para mostrar como isso se deu, neste artigo é proposto uma metodologia de trabalho zigzagueante, que opera com autores, trabalhos artísticos e experimentações com desenho. Buscando o conceito de figura e figuração com Gilles Deleuze em sua obra *Francis Bacon: lógica as sensação*, pensando como se pode experimentar modos diferentes de pensar/criar com a arte, levando o pensamento a se desacomodar ao se fazer desenhos que escapem ao caráter representativo/narrativo, tradicional nas Artes. Tomando a obra do pintor irlandês Francis Bacon como disparadora para a composição de diferentes processos de criação com o desenhar, utilizando-se de técnicas tradicionais como o grafite sobre papel. E fazendo uso das experimentações plásticas no desenhar como potência para pensar a criação com as filosofias da diferença. Produzindo, assim, movimentos que desencadeiam devires, gerados por professores-artistas.

Palavras-chave: Desenhar. Intercessores. Figura. Figuração. Criação.

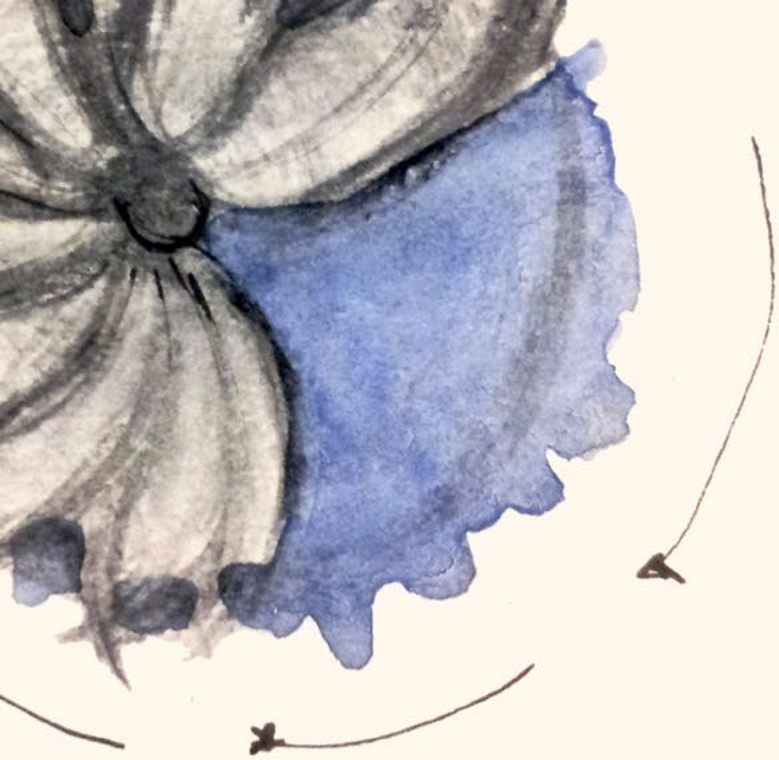
REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: A lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

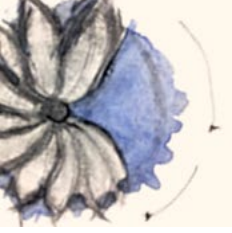
CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre-RS: UFRGS; Doisa, 2013.

MAUBERT, Franck. *Conversas com Francis Bacon: o cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

¹ UFRGS, PPGEDU, anderson_design4@yahoo.com.br



Escrituras em Educação



A VIVÊNCIA EXTREMISTA DAS EMOÇÕES DIANTE DA SOLIDÃO INTRÍNSECA, NA OBRA DE JOÃO GILBERTO NOLL

Emerson Garcia de Souza¹

Orientadora: Ana Maria Lisboa de Mello²

Resumo: Este trabalho propõe-se a desenvolver uma reflexão sobre o romance *Solidão continental* (2012), de João Gilberto Noll, enfocando as motivações do protagonista que o impelem ao deslocamento. Seu itinerário tem como ponto de partida a recordação de um fato passado, ocorrido em sua juventude, que desencadeia a busca de uma suposta felicidade perdida. Em seus deslocamentos, a personagem experimenta a angústia, a solidão e a frustração. Essa análise tem por suporte as reflexões do pesquisador canadense Pierre Ouellet sobre a literatura migrante, marcada por deslocamentos físicos e diversidade cultural. O trabalho insere-se em um projeto maior, intitulado “Escritas do Eu na Literatura Contemporânea: deslocamentos, Memórias estilhaçadas, Identidades em devir”, desenvolvido na PUCRS, sob a coordenação de Ana Maria Lisboa de Mello. O projeto visa à análise de romances contemporâneos, baseando-se nas situações de estranhamento e confronto, temporário ou não, com as quais as personagens se deparam, num processo de constante migração, e pretende identificar as formas discursivas eleitas pelos escritores, para a revelação dos processos subjetivos. A subjetividade da personagem de Noll se revela paulatinamente em meio a momentos conturbados em que o deslocamento do protagonista desempenha função crucial na busca pela sua identidade.

Palavras-chaves: Memória. Identidade. Deslocamento. Processo de migração

REFERENCIAS

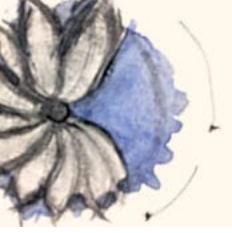
NOLL, João Gilberto. *Solidão Continental*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p.125

HUMPHREY, Robert. *O Fluxo da consciência*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976. p. 110.

OUELLET, Pierre. *Palavras migratórias*. Rio Grande do Sul: Furg, 2013, p.145-171.

1 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Licenciatura em Letras/ Português, PIBIC/CNPQ, emersondesouza2012@hotmail.com

2 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pesquisadora CNPQ, anamello@acad.pucrs.br.



ENCONTRO ENTRE DELEUZE E PROUST: A ESCRITA COMO MÁQUINA NA PRODUÇÃO DE UMA EXISTÊNCIA ARTISTA

Adriana Muniz Dias¹

Orientadora: Ester Maria Dreher Heuser²

GRUPO DE TRABALHO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Resumo: Ressonâncias aparecem no encontro entre a literatura de Marcel Proust, na obra “Em busca do tempo perdido” (2002) e a filosofia de Gilles Deleuze, em “Proust e os signos” (2003). Entre estas, trataremos da teoria dos signos e do diferente uso das faculdades, através da qual Deleuze mostra o percurso que o herói proustiano, Marcel, faz até a revelação final, quando se torna escritor. Deleuze propõe uma nova imagem de pensamento, que permite pensar sobre o pensar, fazendo emergir nesse encontro com Proust, possibilidades de novas formas de produção da existência. Através da ideia deleuziana de máquina literária, tentaremos mostrar que a escrita pode nos servir de lente para pensar a nós mesmos e funcionar como máquina produtora de modos de existência artista, permitindo dobras para potencializar e produzir a si mesmo. Essa abordagem torna possível pensar que as escreleituras podem funcionar como forma para expressar o ponto de vista individualizante, a diferente e específica forma como cada um observa/narra/escreve o mundo. E, em Educação, ao promover diferentes modos de produzir estilos de vida, pode-se dizer que se potencializa também uma didática inventiva.

Palavras-chave: Signos. Pensar. Escrita. Existência artista.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre: UFRGS, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Conversações, 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. *Proust e os signos*. 2. Ed. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.

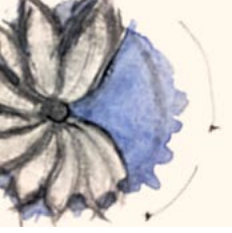
GUATTARI, Félix. *Psicanálise e transversalidade*. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

HEUSER, Ester Maria Dreher. *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

PROUST, M. *Em Busca do Tempo Perdido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

1 UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mestranda em Filosofia, filoadri2008@hotmail.com

2 UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, esterheu@hotmail.com



O EDUCADOR NO EXERCÍCIO DE UMA *AUTOPOIESE* PEDAGÓGICA

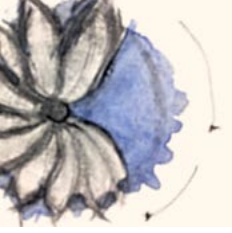
Máximo Daniel Lamela Adó¹

GRUPO DE TRABALHO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Resumo: O texto trata de colocar em discussão a tarefa do educador como a de um fazer transcriador e de autocriação. Concebe a autobiografia como um dinamismo de potências de uma vida que, no entanto, procuram contornar toda e qualquer projeção narcisista. A autobiografia passa a ser entendida no revés de um atributo de uma essência, ou seja, como um gesto de desfiguração ou de autocriação infinita e que afirma a ficção como sua mais profunda realidade. Este educador, no exercício de uma *autopoiese* pedagógica, cria uma imagem de si que se distancia de um processo representacional, pois, com sua ação pedagógica, argumenta que a ficção de si se potencializa como um fluxo de autodiferenciação na medida em que atua em um âmbito participativo. Trata-se de um modo de atuação que oblitera essencialismos ou marcas de origem, prejudicando assim o movimento da identificação. Pois, ao se tornar mais um dos elementos que compõe uma cena de participação, este educador se coloca em constante autocriação, já que sua atuação se cria por compartilhamento. Não há saber preestabelecido norteando a cena, mas zonas de apropriação que constroem alianças para provocar traduções de atribuições errôneas e acertadas. O educador perde sua identificação professoral na medida em que se instaura como uma velocidade ou lentidão, um fluxo de provocações políticas. Este educador, que se autocria ao infinito, traduz-se como a transitoriedade das cópias. Trata-se de um falso de si mesmo, um modo de fugir das hierarquizações e dos lugares de poder. Debate a projeção de uma *autopoiesis* pedagógica no sentido que concebe a educação como intransitiva. Este pedagogo, como aquele que tem a tarefa de conduzir, faz dessa tarefa uma potência em si que não decorre em explicar o mundo via modelos referenciais, mas, por ser força mais que forma, atua pela via diferencial escolhendo o aumento de ambiguidades como um jogo eficaz para um devir produtivo. E a primeira ambiguidade em foco seria a do eu-pedagogo como aquele que se autocria ao instaurar um estranhamento de si. Algo como exercitar um distanciamento daquilo que julgamos conhecido em nós para fazer ressurgir algo novo, uma nova face de nossas próprias tolices. A tarefa do pedagogo seria, então, a de compor com o que difere com aquilo que lhe é estrangeiro, mas que, de todo modo, lhe pertence.

Palavras-chave: *Autopoiese*. Transcrição. Escrileituras.

¹ Pós-Doutorando na UFRGS com Bolsa PDJ/CNPq, maximo.lamela@gmail.com



PROCEDIMENTOS BIOGRAFEMÁTICOS: SOBRE FATOS E FOTOS

Karen Elisabete da Rosa Nodari¹

Simone Vacaro Fogazzi²

GRUPO DE TRABALHO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo referente à pesquisa Procedimentos Biografemáticos, inserida no Projeto de pesquisa Observatório da Educação INEP/CAPES, e desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A referida pesquisa procedeu por meio das oficinas: *Entre fatos e fotos* e *Focografar: do texto ao texto* realizadas no Colégio de Aplicação da UFRGS e em outras instâncias universitárias, onde as autoras experimentam a criação de procedimentos biografemáticos com o objetivo de oportunizar a escrita intensiva. A partir dos seguintes autores: Deleuze, Guattari, Corazza, Barthes e Perrone, a pesquisa percorreu os conceitos estruturantes de biografema, didática artista da criação, procedimento e *punctum*, e outros ligados à filosofia da diferença, para pensar em procedimentos didáticos que permitam, e até mesmo estimulem, a criação de escritas potentes na escola, no âmbito da vertente literária e artística. Tais procedimentos buscaram fugir da doxa, do senso comum, ao se fixarem na vibração dos detalhes no decorrer de suas diferentes atividades. A pesquisa aponta para os processos de individuação e criação nos textos assim produzidos, sejam de ordem literária ou gráfica, a partir do insignificante e do imperceptível. Tais movimentos são ativados pelos deslocamentos da linearidade e memória que as oficinas propuseram. De forma que a pesquisa problematiza o que vem a ser a escrita potente gerada nas oficinas, assim como o que vem a ser a criação docente, ou seja, os processos de criação didática, apontando para a docência como autoria e destacando a adoção de novos critérios de avaliação textual, que fujam da dicotomia - vale tudo/nada vale - ao mesmo tempo que valorizem a vitalidade das produções.

Palavras-chave: Procedimento. Biografema. Didática da criação. Punctum.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*. Lisboa: Edições 70, 2010.

_____. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. *Didaticário da Criação: aula cheia*. Porto Alegre, UFRGS, 2012.

COSTA, Luciano Bedin. *Estratégias Biografemáticas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

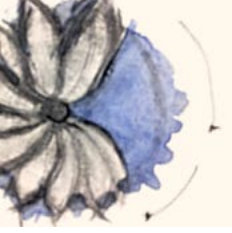
DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HEUSER, Esther Maria Dreher (org.) *Cadernos de notas 1: projetos, notas eressonâncias*. Cuiabá: EduFMT, 2011.

NODARI, Karen. PAIVA, Luciana. FOGAZZI, Simone. *Relato da oficina: EscrividaO do tempo morto ao vivo*. Notas do Projeto Observatório da Educação, CAPES/CNPQ. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio de Aplicação, kernodari@gmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio de Aplicação, simone.fogazzi@ufrgs.br



SOBRE AS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR EM EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: UM DESEJO DE APRENDER

Alexandra Domingues¹

Róger Albernaz de Araújo²

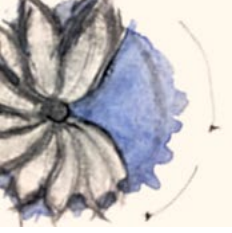
GRUPO DE TRABALHO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Resumo: Este é um trabalho que se desenvolve problematizando a formação de uma pesquisadora, que se constitui como professora através da modalidade de educação à distância. Em primeiro lugar, traça-se a escolha de pesquisa que se centra na modalidade à distância e o que se nomeia como hipótese a partir de um sentido social e outro econômico, empreendidos pelo modo de existência dominante desta modalidade de educação. Em um primeiro momento de forma geral apresenta-se a educação à distância em seu formato preponderante. Em um segundo momento do trabalho ocorre uma tentativa de traçar uma perspectiva filosófica da ordem da experiência vivida pela pesquisadora em dois cursos de educação à distância. O contexto no qual a pesquisa se insere é algo que se dá como instituído: o campo da formação de professores. No entanto, uma das principais questões que podem diferir este trabalho em relação à maioria dos trabalhos que abordam a temática da formação de professores, é que se pretende tratar aqui, da formação de professores em educação à distância, aliada ao campo subjetivo dos que se envolvem nesta formação, ou seja, o principal desejo desta pesquisa é problematizar o universo subjetivo dos professores que atuam na modalidade de ensino a distância. Outro aspecto que também precisa ser mencionado é que se pensa a formação aqui, como experiência professoral direcionada, principalmente, ao campo da educação à distância. O trabalho elabora-se a partir da experiência da autora no campo da modalidade de ensino à distância, e por isso a partir da segunda parte ocorre uma tentativa de configurar o trabalho como espaço de emersão desta experiência. Considera-se substancialmente importante declarar, que ao longo do trabalho acentua-se o papel do profissional de educação à distância como docente através de sua designação como professor-tutor. Concebe-se esta escolha como modo essencial para a marcação de um sentido ético e estético, que se pretende afirmar durante a pesquisa.

Palavras-chave: Educação. Educação à distância. Formação professoral.

1 Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas, Mestrado profissional em educação e tecnologia, alexandradomingues@gmail.com

2 Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas, Mestrado profissional em educação e tecnologia. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2002), licenciado no Programa Especial de Formação Pedagógica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (2001) e é Tecnólogo em Processamento de Dados pela Universidade Católica de Pelotas (1989). Atualmente é Coordenador do Curso de Licenciatura em Computação e professor regular do Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado em Educação e Tecnologia do IFSul/Campus Pelotas. E-mail: roger.albernaz@gmail.com



TRANSFORMAÇÕES DE UM APRENDER PROFESSORAL EM ESCRILEITURAS

Josimara Wikboldt Schwantz¹

Carla Gonçalves Rodrigues²

GRUPO DE TRABALHO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Resumo: Este trabalho trata de uma pesquisa que objetiva cartografar as transformações subjetivas dispostas na relação de uma aprendizagem. Alcançando tal intenção observa os modos como vêm sendo concretizadas intervenções nas escolas a partir de atividades em Oficinas de Escrileituras (CORAZZA, 2011a). Da mesma forma, acompanha os processos da pesquisadora enquanto leitora e escritora e que, nos fazeres da pesquisa, se transforma, produzindo mundos constituídos de uma vida professoral. Como zona problemática tem-se a seguinte questão: De que maneira são realizados os processos de aprendizagem dos estudantes e da pesquisadora junto às Oficinas de Escrileituras? Esta investigação opera estudos sobre o aprender na perspectiva filosófica deleuziana (DELEUZE, 1988; 2003). Assim, é agenciado o *corpus* investigativo: A Oficina *Filodança* e o *biografemário*. A Oficina foi desenvolvida no segundo semestre do ano de 2013 com uma turma de terceiro ano do ensino fundamental, atendendo a 24 estudantes de uma escola pública de Pelotas/RS. As escritas do *biografemário*, realizadas pela professora, tem por intenção acompanhar os processos de transformações da pesquisadora em torno da aprendizagem, analisando seus artifícios (de)formativos. Pondera-se como resultado que a Oficina *Filodança* favoreceu um aprender pela decifração dos signos, na possibilidade de escuta ao próprio corpo, fazendo escrever. Em relação ao que toca a pesquisadora, ela passa a criar um estilo, inventando línguas na busca pela “*palavra que sirva na boca dos passarinhos*” (BARROS, 1996, p. 70). A transformação de uma professora-que-aprende em meio à vida, manifesta uma aprendizagem que é movida pelas circunstâncias da vida, na experimentação de outras maneiras de ler e de escrever.

Palavras-chave: Aprendizagem. Projeto Escrileituras. Educação.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

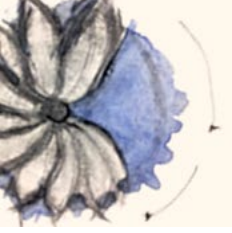
CORAZZA, Sandra Mara. *Projeto de pesquisa: Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida*. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011a.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Proust e os signos*. Trad. de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

1 Universidade Federal de Pelotas. Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. josiwikboldt@hotmail.com

2 Universidade Federal de Pelotas. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação, cgrm@ufpel.edu.br.



UMA AULA-ACONTECIMENTO

Patrícia Cardinale Dalarosa¹

Orientadora: Sandra Mara Corazza²

GRUPO DE TRABALHO: ESCRILEITURAS EM EDUCAÇÃO

Resumo: Com base nos estudos de Deleuze (2000), o trabalho apresenta a noção de aula-acontecimento. Esta noção é ampliada a partir da aula *Entre personagens e devires não humanos do homem* desenvolvida com professores da Educação de Jovens e Adultos de Porto Alegre no ano de 2014, durante a execução do Projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*³. Trata-se de uma experimentação de escrita cuja matéria principal é a vida e o sentido primeiro é o da criação. Uma aula, então, é compreendida em sua multiplicidade processual. Extremamente operatória, implica um tempo-espço próprio aos problemas que a constituem, permitindo que se escreva novamente e de outro modo (não menos original) o que um dia já se inscrevera no mundo. Assim, por meio do acontecimento de uma aula, é possível transcrever, transver, transler, transpensar a novidade que habita restos quaisquer de objetos e de histórias já contadas, repetidas, mas outrora inventadas. Para tanto, destaca-se o procedimento de extração como operador dessa aula ao forçar o pensamento a pensar, vivificando o que parece nunca ter existido, produzindo novas aparições e fazendo falar o que está silenciado: raspando e, ao mesmo tempo, acrescentando algo já existente no mundo, sempre em devir, em processo de tornar-se outra coisa.

Palavras-chave: Aula. Acontecimento. Extração. Pensamento.

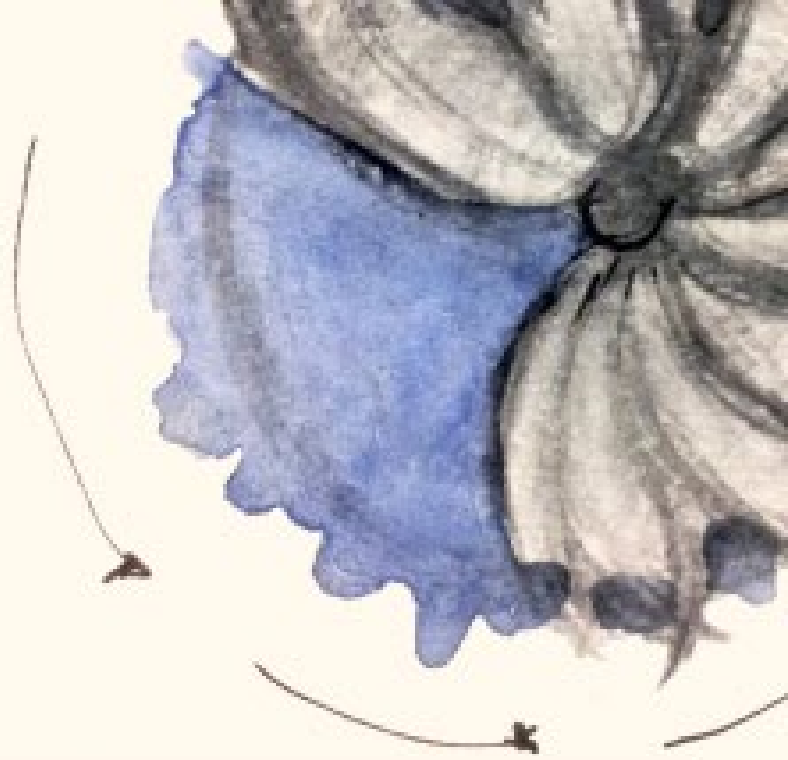
REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

1 Ufrgs/Ppgedu, patriciadalarosa@yahoo.com.br

2 Ufrgs/Faced, sandracorazza@terra.com.br

3 Projeto de pesquisa vinculado ao Programa Observatório da Educação (OBEDUC) do Governo Federal, bem como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Instituto Nacional de Estudos e de Pesquisas Educacionais (INEP), com sede na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ao longo de quatro anos (de 2011 a 2014).



UNIVATES

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09